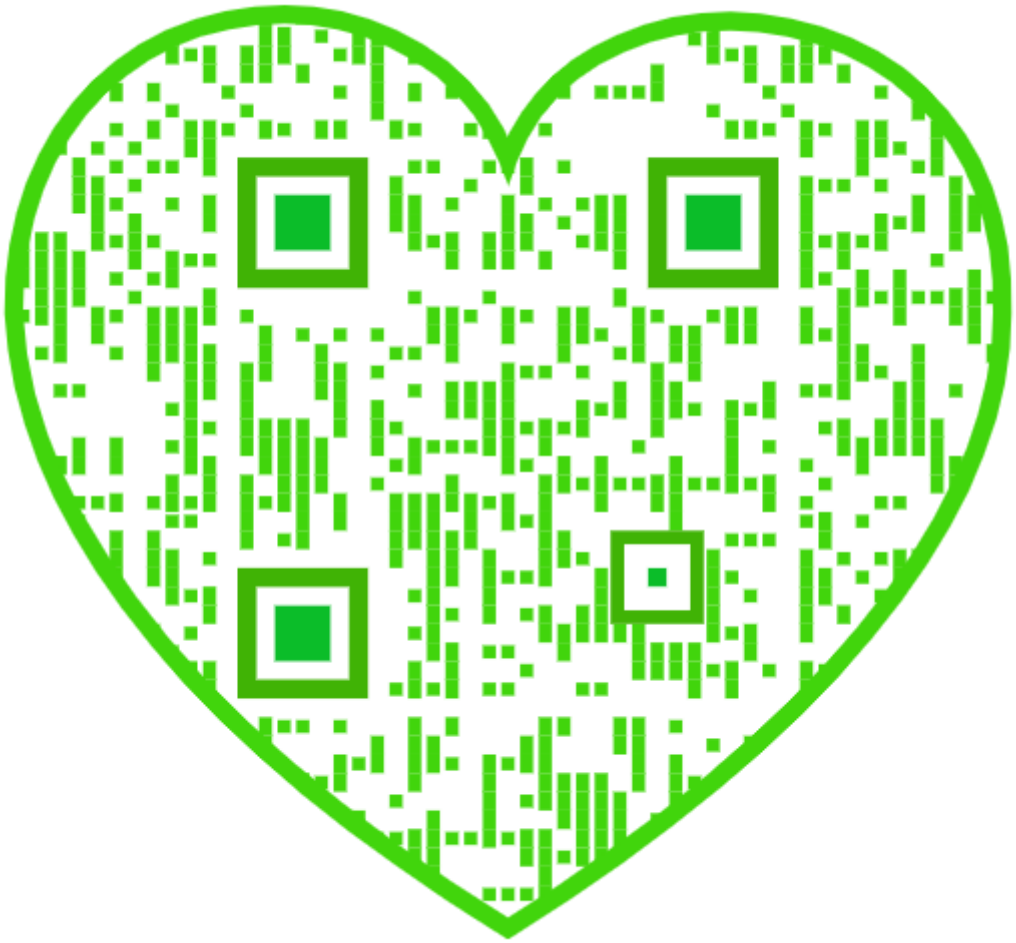
# ALFRED HITCHCOCK

apresenta:

# HISTÓRIAS DOS MESTRES DO SUSPENSE

Sustos e Arrepios numa Seleção Preparada pelo Grande Mestre

RECORD



osebodigital.blogspot.com

ALFRED HITCHCOCK
APRESENTA

# HISTÓRIAS DOS MESTRES DO SUSPENSE

Tradução de
Marisa Gomes

## MORTE EM STONEHENGE

Norma Schier

Ele se sentiu perturbado em meio àquelas formas gigantescas. O luar lhes acentuava os contornos. Ele estivera tão satisfeito, tudo correra tão bem, mas agora, aquelas pedras... À luz do dia, Stonehenge lhe dera a impressão de um amontoado de velhas e desgastadas relíquias de uma era muito antiga, mas o luar emprestava àquelas grandes formas uma luz aterradora e, quase instintivamente, conjurou os primitivos adoradores, em seu silêncio desaprovador.

As pedras projetavam sombras descomunais, como negras faixas cortando-lhe o caminho. Cambaleou ligeiramente sob o peso do fardo que carregava e atravessou o Círculo de Arenito, o Círculo de Pedra-Lipes, entre um monólito e um tríloto, passou pela Ferradura de Pedra e chegou ao Altar. O monte de seixos redondos era quase da altura de seu peito e cuidadosamente ele a deitou naquela plataforma irregular. Os ventos assobiavam pelas planícies de Salisbury, agitando seus longos cabelos louros. Ele enxugou nas calças a palma das mãos úmidas.

O cabelo dela estava ainda agitado pelo vento, na manhã seguinte, quando o Inspetor Harlan Faulkner chegou junto ao corpo. Com as longas mãos enfiadas nos bolsos e todo o corpo magro e alto encolhido pela ação do frio cortante, ele, apesar das rajadas de vento, sentia-se à vontade naquele estranho lugar, pois havia abandonado a carreira de arque-

ólogo somente quando se convencera de que não dispunha de recursos para custear seus estudos. Decidira-se a desvendar crimes do presente, como uma substituição às pesquisas de tempos remotos e muitas vezes se sentia recompensado, pois encontrava no trabalho policial inesperadas satisfações de natureza sentimental.

Com Stonehenge fechado às visitas do público — os turistas, com suas eternas câmeras, haviam sido impedidos de entrar e se encontravam ainda nos ônibus, recolhendo seu equipamento — o tempo parecia haver perdido seus pontos de amarração e podia-se imaginar que aquelas pedras antigas, erguendo-se a mais de cinco metros acima dele, estavam impregnadas dos mesmos espíritos primitivos aos quais aquela mulher fora sacrificada.

— O que é uma tolice que não tem tamanho — disse ele com seus botões. — Nunca houve sacrifícios aqui e este crime é o produto de um desequilibrado. — Ou — apressou-se a acrescentar — de alguém que espera que eu o considere assim.

Sentiu-se profundamente penalizado por aquela mulher, abandonada ali, aos ventos de um antigo templo. O casacão dela estava aberto e a lâmina de um punhal esquisito mergulhara em seu corpo, através do vestido de seda azul. Parecia ter uns 30 anos e seus traços eram delicados e harmoniosos; mesmo morta, tinha um ar de melancolia. O que a teria levado, pensou o inspetor, àquele trágico fim?

Movido por um súbito impulso, afastou o cabelo do rosto dela e teve uma surpresa. A cabeleira ficara presa em sua mão. O inspetor sacudiu a cabeça, como se quisesse espantar fantasias primitivas, retornando ao século XX. Ela estava usando uma peruca, que a deixara completamente diferente, talvez mais interessante, embora de certo modo menos bonita, seu rosto agora emoldurado por mechas curtas e crespas.

Os outros foram chegando e começaram a cumprir as respectivas tarefas, de acordo com a rotina. Faulkner também iniciou suas investigações. Apanhou a bolsa que estava junto ao corpo e examinou seu conteúdo. A única coisa digna de nota era um telegrama dirigido à Sra. Alexander Carmichael, na King Street 21, Salisbury. O texto era curto: *Espere-me esta noite no estacionamento de Stonehenge. Urgente*. Não havia assinatura.

— Então é isso, nem? — murmurou o inspetor. — *Cherchez l'homme*, no caso.

A história se ajustava com o vestido de seda e a extravagante peruca.

— Hugh — disse ele para o seu auxiliar, um sargento atarracado,

de rosto redondo, que parecia bem mais moço do que era na realidade — leve estas coisas para a delegacia e as examinaremos com mais vagar. — Entregou a bolsa e a peruca para o sargento, acrescentando: — Mas mande examinar a arma agora. Preciso disso.

Enquanto ele esperava, o médico legista fez um exame rápido e resumiu seu parecer. O punhal, segundo tudo levava a crer, a havia matado, provavelmente de imediato, entre as nove e as doze horas da noite anterior, numa estimativa preliminar.

O sargento retornou com o punhal.

— Não há impressões digitais.

O inspetor balançou a cabeça e guardou a arma no bolso.

— Vou fazer uma visita. Verifique este telegrama e procure saber detalhes a respeito dos Carmichaels, incluindo o que ela andou fazendo ontem. Encontro você na delegacia.

Afastou-se bruscamente através dos círculos de pedras — ou do que restava deles, decorridos quase quatro mil anos — e alcançou a estrada, caminhando apressadamente.

O Dr. Alexander Carmichael era um calmo professor de matemática, aposentado, de cabelos desgrenhados e uns olhos inquietos e tristes. Sua fisionomia se ensombreou quando Faulkner lhe deu a notícia. Eles estavam numa pequena sala do apartamento de Carmichael. Livros e revistas se achavam espalhados com certa desordem, muitos cobertos de poeira. Alguns vasos com plantas se amontoavam no peitoril das janelas e duas ou três poltronas estavam cobertas com velhas capas mal-ajustadas. Quem quer que fosse a mulher morta, certamente não era uma boa dona-de-casa.

O Dr. Carmichael passava a maior parte de seu tempo em esotéricas pesquisas e escrevendo sobre elas em revistas especializadas. De altura mediana, tinha de espichar o pescoço para encarar o alto e magro inspetor. Parecia bem mais velho que sua esposa.

— Felicity está morta? — exclamou, surpreso, com um tom agudo de voz. — *Assassinada*? O senhor tem certeza de que não há um engano?

— Lamento que o senhor tenha de ir identificar o corpo — replicou Faulkner — e então teremos certeza.

Não havia engano e, quando ele viu a mulher deitada na mesa do necrotério, não conteve as lágrimas. Faulkner o levou de volta para casa e o fez tomar um gole de conhaque.

— O senhor tem alguma idéia, doutor, de quem poderia ter feito

isso?

— Ah, sim! — exclamou Carmichael melancolicamente. — Como pôde ele fazer isso comigo? Era muito penoso até então, mas agora... agora nunca mais a verei.

Fez um esforço para dominar-se e aos poucos voltou à calma. Sua querida e adorada Felicity — uma alma doce e caridosa, segundo ele — estava mantendo um romance com um arqueólogo em Londres. O homem viera estudar as ruínas de Stonehenge no ano anterior e a Sra. Carmichael — uma astrônoma de renome — trabalhara com ele.

— A princípio, não quis acreditar, inspetor. Felicity não seria capaz disso. Ela dizia que o conhecera e suas ligações eram estritamente profissionais. Tentei acreditar, mas eles se tornaram tão íntimos que cheguei a pensar que já se conheciam há muito mais tempo e forjaram uma "*investigação profissiona*l" para salvar as aparências. Acho que ela não pôde evitar — acrescentou melancolicamente — mas não tive dúvidas do que aconteceu depois. Ela passou a ir todas as semanas a Londres para encontrar-se com ele. Foi horrível.

— Como é que o senhor soube?

— Ela saía e inventava uma história a respeito do que ia fazer. Ontem, porém, não procedeu assim. Muitas vezes... o senhor pode pensar que é uma conduta estranha para um professor, mas eu *precisava* saber... fui atrás dela, seguindo-a a distância. Em três ocasiões a vi entrar na casa dele.

— Mas por que iria ele matá-la?

— Sim, por quê? — repetiu Carmichael. — Talvez tenha encontrado um novo amor e ela estava em seu caminho. É um homem perverso, inspetor.

Faulkner meteu a mão no bolso e tirou o punhal.

— Foi com isso? — perguntou Carmichael com voz rouca. — É dele, de Donat! Mostrou para nós não faz muito tempo. Isto prova tudo, não é?

— Vamos ver — prometeu Faulkner em tom grave.

Durante o percurso de 130 quilômetros até Londres, Faulkner discutiu o caso com seu auxiliar, Hugh Preddie, cujo entusiasmo o divertia, pois o sargento ainda conseguia achar, nos trabalhos de investigação de um crime, a excitação dos sonhos dos tempos de rapaz, alimentados pela leitura de histórias policiais. Isso, porém, não impedia que ele fosse um excelente auxiliar.

— Não podemos esquecer, Hugh — dizia Faulkner — que há dois

Stonehenges: o científico, dos arqueologistas e dos astrônomos, e o supersticioso e romântico dos templos dos druidas e dos sacrifícios de sangue. Pura tolice, naturalmente. Não há qualquer indício de que os druidas tivessem qualquer ligação com este templo, que foi construído 15 séculos antes do apogeu daqueles sacerdotes. O aspecto científico faz muito mais sentido, naturalmente e, ademais, estamos lidando é com cientistas. Ainda assim, de quando em vez se ouve falar de vultos singulares e sempre achei que os cientistas são bem mais crédulos do que confessam, como se um secreto anseio de acreditar em coisas místicas atrai uma porção deles inicialmente para a ciência, não para encontrar contestações, mas com uma secreta esperança de que elas possam não existir. Reparei que no gabinete dos Carmichaels há uma grande coleção de livros sobre cultos antigos. Não sei se são dele ou dela, como também ignoro se o interesse é puramente científico.

— Sim, senhor — concordou respeitosamente Preddie. Ele próprio achava que Stonehenge fora um templo de sacrifícios sangrentos dos druidas, e não inconscientemente, mas teria preferido morrer a confessar essa crença a seu chefe.

— De modo que não sabemos — continuou Faulkner — se existe algum tipo de ocultismo na raiz deste crime, embora a explicação mais simples seja a de que eles utilizaram Stonehenge apenas como um local de encontro. Talvez viessem fazendo isso frequentemente e desta vez houve uma briga de amantes; ou então ele já vinha planejando matá-la, por qualquer razão, como o marido sugere. A presença do punhal é que dá a idéia da premeditação.

Preddie limpou a garganta antes de falar.

— O que me chama a atenção, senhor, é que o punhal é uma prova gritante demais contra Donat. Para um homem inteligente e culto, a pista é inacreditável. O senhor acha que ele pode ter sido vítima de uma trama?

Faulkner deu uma risada.

— Você sabe muito bem que os crimes são geralmente mais óbvios do que esses seus escritores de ficção fazem com que eles pareçam. Em todo caso, pode ser. Temos ainda um longo caminho a percorrer, até sabermos tudo. Sou capaz de apostar que Donat vai declarar que o punhal foi roubado. E pode mesmo ter sido, Hugh, pode ter sido. Ademais, o local do encontro, e logo em Stonehenge, parece ser idéia de outro homem. E agora me lembro: o que você descobriu a respeito do telegrama?

— Passado em Londres — replicou Preddie. — A agência telefo-

nou para o destinatário, mas não obteve resposta, de modo que mandou entregá-lo. O que aconteceu foi que a mulher tinha ido ao cabeleireiro em Salisbury... colocar aquela peruca, com certeza. Foi essa a única ocasião em que ela saiu, segundo sabemos. Não houve visitas, como também ninguém a viu sair à noite passada.

— O que sabemos que aconteceu — observou Faulkner — no próprio carro dela. Ele ainda está lá no estacionamento do parque.

— Foi o marido — insistiu Preddie, perseguindo sua idéia original. — Quer botar a culpa em Donat, não acha?

— Pode ser que sim, mas não há dúvida de que ele está realmente arrasado. Está mesmo. E, ainda por cima, o romance.

— De cuja existência temos somente a palavra dele.

— Carmichael foi a Londres ontem de manhã e voltou no primeiro trem de hoje, segundo declarou. Verificaremos isso depois de falarmos com Donat. O que você descobriu a respeito dos Carmichaels?

— Viviam tranquilamente. Ninguém parece ter desconfiado de que ela tivesse algum caso. Um casal devotado, segundo os vizinhos, o marido adorando o chão que ela pisava, a mulher muito solícita com ele. Sem amigos íntimos ou alguém que os conhecesse bem. Levavam uma vida muito fechada.

— Que tal se não se tratava de um encontro amoroso — gracejou Faulkner — mas realmente uma reunião dos dois, para observarem um fenômeno astronômico que ele tenha achado mais interessante?

— E por que isso iria terminar em um assassinato? — perguntou Preddie, não escondendo seu ceticismo. — Nunca entendi todo esse recente alvoroço a respeito de Stonehenge. Durante anos os astrônomos vêm dizendo que as pedras foram alinhadas para mostrar a posição do sol nos... como é mesmo?... nos solstícios, não é? Para celebrar o deus-sol — acrescentou, um tanto confuso.

— Ah, mas um sujeito chamado Hawkins descobriu mais alguma coisa — apressou-se a ensinar Faulkner, já que o assunto recaíra em seu passatempo favorito. — As pedras realmente assinalam posições, como a do sol nascendo bem sobre a pedra do salto, no dia do solstício do verão, e pondo-se, se você estiver olhando do lugar certo, dentro do retângulo de um dos trílotos, no solstício do inverno. Um autor... Sir Arthur Evans, se não me engano... observou que o sol parecia estar entrando em um túmulo, o que se ajusta a uma religião primitiva, mas Hawkins descobriu mais alinhamentos astronômicos que seus antecessores sequer sonharam... do sol e da lua. Contudo, sua grande descoberta foi que aqueles

sacerdotes supostamente primitivos eram capazes de prever importantes acontecimentos astronômicos, especialmente os eclipses, que provocavam tanto terror, com grande antecedência, apenas com uma ligeira revisão de seus cálculos em cada três séculos.

— Que coisa fantástica! — exclamou Preddie, impressionado. — Como podiam eles conseguir isso?

— Você conhece os chamados buracos de Aubrey em algumas pedras. Os cientistas nunca foram capazes realmente de explicá-los e Hawkins imaginou que eles formavam uma máquina digital de cálculo, que os eclipses podiam ser previstos em um ciclo de 56 anos e havia precisamente 56 buracos de Aubrey! Podiam ser utilizados para assinalar os anos. Se seis pedras eram colocadas em determinados intervalos e movendo-se uma pedra por ano, o eclipse ocorria quando certo buraco coincidia com a pedra correspondente. Hawkins provou sua teoria em um minuto, com um moderno computador, alimentando-o com seus dados. Os antigos pensavam que os buracos de Aubrey se destinavam a algumas finalidades rituais, inclusive cremações, mas este aspecto é secundário.

Preddie adorava falar do ritual de cremações, mas eles já haviam chegado a uma bela mansão georgiana em Mayfair, endereço de Donat, o que adiou as discussões arqueológicas. Estacionaram o carro e saltaram, segurando os chapéus, embora o vento fosse em Londres mais brando que nas planícies de Salisbury.

Quando entraram, viram que a mansão fora dividida em apartamentos. Não houve dificuldade em localizar o de Donat e foi ele próprio quem abriu a porta. Era um homem moreno, bem-apessoado, com um porte atlético e um rosto queimado de sol, como seria de esperar de um arqueólogo — ou de um grande caçador, pensou Faulkner. Colocou-se imediatamente às ordens do inspetor, para auxiliar no que estivesse a seu alcance — o que achava que não seria grande coisa.

— Os Carmichaels? Oh, sim, eles se mudaram para cá recentemente — disse ele, encaminhando os visitantes para uma sala de estar, onde se misturavam os odores de coisas antigas e do couro das poltronas. — Um belo casal. Ela era inexcedível em conhecimentos sobre Stonehenge. Estávamos trabalhando em um dos problemas que Hawkins não conseguiu resolver, o Círculo de Arenito de Stonehenge II. Escrevemos a respeito, se o senhor está interessado.

— Mais tarde, obrigado — replicou Faulkner, com toda a sinceridade. — No momento estamos investigando o assassinato da Sra. Carmichael.

— Santo Deus! Eu sabia que ela era instável, mas... assassinada?

— O que quer o senhor dizer com instável?

— Bem... muito emotiva. Parecia amedrontada. E terrivelmente obcecada pelo ocultismo. Por vezes me deixava enervado. — Estava sendo tratada por uma psiquiatra, o senhor deve saber. Uma amiga minha, por sinal. Felicity a conheceu aqui em casa. Quer conhecê-la?

— Oportunamente — replicou Faulkner, cruzando suas compridas pernas. — Desejo primeiramente fazer umas perguntas *ao senhor*.

— Como queira — disse Donat à vontade, recostando-se em sua poltrona de couro. — Antecedentes, etc, suponho. Não creio, porém, que lhe possa fornecer muitos dados.

Faulkner hesitou; Donat estava representando muito bem o seu papel — se é que se tratava de uma representação.

— Ela era bem atraente, não era? — começou, tentativamente.

— Sim, para quem gosta desse tipo. Quanto a mim, confesso que a achava um tanto coquete demais — respondeu Donat secamente.

— O senhor não estava interessado nela... pessoalmente?

— Quem lhe meteu essa idéia na cabeça? — perguntou Donat sardonicamente. — Não vai-me dizer que o velho Alex Carmichael pensava isso? Não, inspetor — acrescentou com um muxoxo — esqueça essa pista. Não sou dessas coisas.

Está representando, pensou Faulkner. Resolveu ser mais incisivo:

— Onde esteve ontem à noite?

— O senhor parece estar falando sério — disse Donat, parecendo divertir-se. — Com uma amiga. Ela poderá confirmar.

— Geralmente confirmam — replicou Faulkner secamente. — O senhor já tinha visto esta arma? — perguntou, mostrando o punhal.

Donat ficou em silêncio durante algum tempo e a tensão aumentou.

— Inspetor Faulkner — disse ele por fim — aceite minhas desculpas. Subestimei-o. Pensei que se tratasse de um mexerico, mas vejo que me enganei. O senhor não vai acreditar, mas esse punhal me foi roubado e posso provar. O senhor terá de falar com minha amiga. Ela é a psiquiatra da qual lhe falei e mora justamente no apartamento no outro lado do saguão.

Como se fosse um ato combinado, ouviu-se uma leve batida na porta e, sem esperar resposta, entrou uma bela e elegante mulher, com uma farta cabeleira loura.

— Gary. .. Oh, desculpe! Não sabia que havia visitas.

Sua voz era melodiosa, com um leve sotaque. Vienense, pensou Faulkner, com a impressão de que ela estivera escutando a conversa.

— Na verdade, eu ia justamente chamá-la — apressou-se a dizer Donat. — O Inspetor Faulkner e o Sargento Preddie pertencem à polícia de Wiltshire e estão investigando o assassinato de Felicity Carmichael. Senhores, esta é a Dra. Amalie Angel.

Como há doutores neste caso!, pensou Preddie. E nenhum capaz de curar uma unha encravada (nisso, ele estava enganado, pois a Dra. Angel era formada também em medicina).

Entrementes, ela estava dizendo a Faulkner:

— Mas isso é terrível! Sim, ela era minha paciente, mas nada posso falar a respeito de seu caso sem violar segredos profissionais.

— Uma vez que ela está morta, a senhora não acha que poderia nos ajudar, informando-nos qual o problema dela? — perguntou Faulkner, procurando imaginar até a que ponto uma psiquiatra apaixonada observaria padrões de ética profissional.

— Talvez o senhor tenha razão, mas preciso meditar mais sobre o assunto. Tenho realmente uma idéia do ponto que o senhor deve explorar.

— Já é uma ajuda — replicou Faulkner friamente. — E o marido dela sabia dessas consultas?

— Sim, embora não as aprovasse.

Considerando que não havia mais nada que qualquer dos dois doutores quisessem declarar, Faulkner solicitou que eles ficassem disponíveis para futuros interrogatórios e se retirou, acompanhado de Preddie.

— Essa você ganhou, Hugh — concedeu Faulkner, quando regressavam para Salisbury, esticando com dificuldade suas longas pernas no pequeno automóvel inglês. — Carmichael esteve em Londres durante toda aquela tarde e regressou pelo primeiro trem de hoje de manhã, conforme declarou, mas ele bem poderia ter saído sorrateiramente de sua reunião, apanhado um automóvel veloz e voltado a tempo de ser visto em seu clube mais tarde. Não podemos considerar que ele tenha um álibi.

— Desculpe — ponderou Preddie — mas se ele sabia que a esposa estava em tratamento com a Dra. Angel, por que pensou que tinha ido encontrar-se com Donat?

— Temos somente as declarações deles a esse respeito — lembrou Faulkner. — Se ela sofria realmente de um problema mental, gostaria muito de saber qual era ele.

Pouco além do Wheat Sheaf Inn, Faulkner disse a Preddie que não

tomasse a estrada que os levaria diretamente a Salisbury.

— Preciso dar mais uma olhada na cena do crime — explicou.

O inspetor nunca deixava de excitar-se com a aproximação das velhas pedras. A partir do momento em que se entra na longa estrada reta, correndo a perder de vista sobre a monotonia da planície sem a menor ondulação, os primeiros pontos que surgem no horizonte são os pequenos montes de pedras, que vão-se tornando cada vez maiores, até dominarem completamente a paisagem.

Os dois homens deixaram o carro no estacionamento, agora repleto, atravessaram a estrada e compraram duas entradas. Caminhando através dos grupos de turistas espalhados pelo parque, falando alto e tirando fotografias, eles se dirigiram para a Pedra do Altar. Uma garota gorducha, dando risadinhas, estava posando no lugar onde, poucas horas antes, estivera um cadáver; seu companheiro procurava um ângulo mais favorável para a foto.

— Por que *aqui*, Hugh? — resmungou Faulkner. — Será que aquela pobre mulher sofria de uma espécie de desequilíbrio que a tornava uma vítima a ser sacrificada? Um relacionamento doentio com Donat ou com outro homem? Vamos falar com Carmichael — acrescentou, sacudindo os ombros. — Quero saber o que tem ele a declarar a respeito da necessidade de sua mulher de consultar um psiquiatra.

— Certamente o senhor não está acreditando nisso, inspetor. — Foi o que disse ele, em tom condescendente, ao ser perguntado. — Felicity me comunicou que resolvera consultar essa Dra. Angel, mas isso era apenas um pretexto para justificar suas idas a Londres tão frequentemente. Posso assegurar-lhe que ela estava perfeitamente sã e feliz. Não tenho dúvida de que todas as pessoas que nos conhecem, confirmarão o que digo.

Talvez confirmem, pensou Faulkner, mas não o casal que ele entrevistara em Londres.

— Ela não... não praticava o ocultismo? — arriscou Faulkner.

— Meu caro senhor — replicou Carmichael asperamente — eu algumas vezes sou levado ao exagero, pelo estudo da matemática dos antigos. Isso quer dizer que sou um desequilibrado? Não — acrescentou, voltando à sua atitude anterior de abandono e tristeza. — Estou certo de que ela o visitava. Tenho minhas razões. Não era por nada que ela arranjou uma peruca para disfarçar sua aparência.

De súbito, o matemático cobriu a cabeça com as mãos.

— Desculpem — murmurou após alguns momentos. — Não posso falar neste assunto sem descontrolar-me. Eu a amava demais. Queria que ela voltasse, inspetor. Redobraria meu carinho, para fazê-la esquecer a transgressão. Foi apenas uma fragilidade feminina de parte dela.

Faulkner disse algumas palavras de consolo e retirou-se com Preddie.

— Vamos para a delegacia, Hugh — disse Faulkner, quando os dois homens voltaram para o carro. — Tenho quase certeza, mas quero pensar mais um pouco. Ocorreu-me também uma idéia a propósito do que a Dra. Angel me disse e preciso falar com ela.

— O senhor já solucionou o caso, inspetor?

— Vamos ver — replicou ele, mas no íntimo sabia que tinha a solução. Os dados estavam todos ali, para ser redigida a resposta, e ele finalmente conseguira percebê-la.

O caso atingiu seu ponto culminante naquela noite.

O luar estava menos claro do que na véspera, porque nuvens pesadas cruzavam o céu.

Ela estava sentada na Pedra do Altar, esperando, as longas pernas bem torneadas balouçando-se tranquilamente. Foi então que ele chegou, inicialmente uma forma indecisa, deslizando em meio às sombras intermitentes produzidas pelos gigantescos monumentos.

— Você veio! — exclamou ele em tom baixo, ao chegar mais perto.

— Achei que você precisava de minha ajuda — respondeu ela, com seu doce sotaque.

— Você disse que sabia tudo. Este é um lugar muito apropriado para nosso encontro. Você sabe o quê?

— Você queria voltar à cena do crime.

— Porque quero cometer outro — corrigiu ele, sem elevar o tom de voz. A lua apareceu a tempo de iluminar a faca de cozinha que ele tinha na mão. De repente, sacudiu a cabeça.

— O que há? — perguntou ela tranquilamente.

— Estas pedras... É um absurdo, mas às vezes elas parecem... vivas. Não sente isso?

— O senhor não está de todo errado, doutor. Largue essa faca!

Faulkner falara energicamente, seu vulto confundido com sombras que de repente se movimentaram, à medida que os policiais saíam de trás das pedras. O círculo foi-se fechando em torno da Pedra do Altar.

O luar apareceu outra vez, batendo em cheio nos cabelos grisalhos

e desalinhados do homem que os policiais seguravam firmemente.

— Você foi apanhado, Carmichael! — exclamou Faulkner, jubilante.

— Amalie, sua idiota!

Donat estava abraçado à analista tão firmemente e, por certo, com muito mais ternura do que os policiais seguravam seu prisioneiro.

— Querida, você foi maravilhosa.

— Estava apavorada — replicou ela, aninhando-se nos braços de Donat.

— Seus desgraçados! — berrou Carmichael. — Estão todos mancomunados para fazerem de mim um marido enganado, mas matarei todos vocês!

Entretanto, a polícia já o havia desarmado e o arrastava do local.

— Inspetor — disse Donat — quando eu trabalhava em Stonehenge, hospedei-me em um encantador hotelzinho em Devizes, chamado O Urso. Poderá reunir-se conosco lá e esclarecer tudo?

— Com prazer — respondeu Faulkner. — Tenho uma dívida com esta corajosa senhora pelo risco que correu, pela maneira como falou com ele, tendo concordado em vir aqui. Uma mulher voluntariosa, como poucas que tenho conhecido.

— Amalie me disse que o senhor tinha previsto tudo — estava dizendo Donat, muito admirado, a um complacente Faulkner, pouco tempo depois, todos sentados em torno de uma mesa do bar de O Urso.

— Uma porção de coisas não faziam sentido, até que Carmichael se traiu — começou Faulkner. — Quando revi os acontecimentos sob nova luz, tudo se encaixou nos devidos lugares. Achei que a consciência profissional da Dra. Angel não a impediria de colaborar na cena que eu já havia montado. Especialmente — acrescentou com um sorriso — porque assim o senhor ficaria inocentado. Vi logo que ela não seria de todo indiferente a este detalhe.

— Se houvesse um romance — prosseguiu o inspetor — o motivo não seria problema. Porém, se o senhor e a Dra. Angel estivessem falando a verdade, a princípio não consegui atinar por que razão o senhor ou Carmichael desejariam matá-la, a menos que o problema mental dela implicasse consequências desconhecidas. Todavia, a partir do momento em que ele me deu razões de que estava inclinado a assassiná-la, percebi que havia outra alternativa, isto é, que ela não estava mentalmente enferma, mas ele sim, dominado por um ciúme que se tornara irracional, necessitando de auxílio para ser enfrentado. Eu precisava da confirmação da Dra. Angel. Assim, ele pensaria que realmente era um marido traído. A

propósito, o senhor sabia dessa convicção e fingiu ignorá-la.

— Pareceu-me prudente — desculpou-se Donat.

— Carmichael enviou à esposa um telegrama marcando o encontro em Stonehenge — continuou Faulkner. — Confessou-me mais tarde o que eu já imaginara: que não tinha assinado o telegrama para que ela pensasse que fora o senhor quem o mandara. O fato dela comparecer constituiu a prova final de que necessitava sua mente doentia.

— Ele nunca me pareceu que estivesse com a cabeça desregulada — comentou Preddie.

— É essa a verdadeira paranóia — explicou a Dra. Angel. — Lógica no quadro da delusão e inteiramente normal fora dele. O esquizofrênico paranóico acha que o mundo todo conspira contra ele, porque é Napoleão ou um príncipe destronado, mas o verdadeiro paranóico tende mais a pensar que sua esposa é infiel e inventa uma série de provas a fim de confirmar sua delusão.

— Como o cabeleireiro — acrescentou subitamente Preddie. — Ela realmente tinha uma hora marcada.

— Esta foi a revelação para nós — prosseguiu Faulkner. — Ela comprou a peruca ontem, depois de ter ido a Londres, e não a estava usando, quando Carmichael a identificou; entretanto, ele comentou que sua mulher lhe parecera muito diferente de peruca. A conclusão foi que ele certamente a vira assim, ao matá-la.

— Mas por que Stonehenge? — perguntou a Dra. Angel. — A loucura dele não era do tipo de acreditar em sacrifícios.

— Questão de facilidade — explicou Faulkner. — Seu álibi exigia que ela fosse encontrada a tempo de ser estabelecida a hora de sua morte; também era necessário um lugar apropriado para executar o crime. Se fosse em casa, arriscava-se a ser visto pelos vizinhos, quando, segundo seu álibi, deveria estar em Londres. Stonehenge era o lugar ideal, público durante o dia e fechado, mas acessível à noite. Ademais, era outro indício contra Donat. Carmichael queria puni-lo também.

— Tenho uma pergunta para a senhora, Dra. Angel — acrescentou o inspetor. — A senhora acreditava em sua paciente, não é mesmo? Não se incluía no campo das possibilidades o fato de que fosse ela a doente, inventando uma falsa história?

— Não neste caso, inspetor — respondeu a bela analista, sorrindo. — Eu sabia que Gary não estava tendo qualquer romance com ela, mesmo porque eu não lhe dava tempo. O senhor está convidado para nosso casamento, que não vai demorar.

E já tendo bebido durante todo o tempo de explicação do caso, eles beberam ainda à saúde dos noivos.

## PODE CHAMAR-ME DE NICK

Jonathan Craig

— Ele o receberá dentro de poucos minutos, Sr. Wilson — disse a espetacularmente bonita secretária, ao colocar o fone no gancho, sorrindo para ele do outro lado da grande sala de espera.

— Obrigado — replicou Harry, tentando inutilmente não ficar olhando para ela. A moça não usava roupa. Ninguém ali usava, naturalmente, mas nem todos tinham as curvas harmoniosas daquela estrela de cinema que morrera havia tão pouco tempo. Ele esfregou os olhos.

— Seria conveniente se o senhor lhe dissesse alguma coisa sobre seus chifres — aconselhou a secretária.

— Sobre o quê?

— Seus chifres. Ele é um amor, mas um pouco vaidoso a respeito dos chifres. Estou certa de que ficaria muito satisfeito se o senhor fizesse a eles uma referência elogiosa.

— Com muito prazer — prometeu Harry, ainda sem êxito nas suas tentativas de desviar os olhos daquele espetáculo maravilhoso. — E obrigado pela sugestão.

A secretária sorriu novamente e voltou à sua máquina de escrever.

— Senhorita?

— Pois não?

— Ele costuma entrevistar *todos* os recém-chegados como eu?

— Oh não! — respondeu a secretária, com aquela voz doce e ten-

tadora que ele não esquecera, gravada em sua memória por mais de uma dúzia de filmes. — Ele não teria tempo. Chegam milhares todos os dias, entende? Por vezes, dezenas de milhares.

— Então imagino que meu caso deva ser muito especial.

— Eu não me preocuparia, se fosse o senhor. Estou certa de que tudo acabará muito bem.

— Espero que sim — replicou Harry. — Já estou aqui há quatro horas, mas... Bem... Foram as mais felizes e maravilhosas de toda a minha vida.

A secretária deu uma risada.

— Não propriamente de sua vida — corrigiu ela. — Mas entendo o que o senhor quer dizer, Sr. Wilson. Todos os recém-chegados têm a mesma impressão.

A cigarra do interfone soou suavemente. A secretária apanhou o fone, escutou durante um momento, depois virou-se para Harry:

— O senhor pode entrar, Sr. Wilson.

Harry levantou-se, dirigiu-se para a porta pintada de preto com um S dourado no centro e torceu a maçaneta.

— Não se esqueça — recomendou ainda uma vez a secretária. — Diga alguma coisa elogiosa a respeito dos chifres.

— Fique descansada — respondeu Harry, entrando no gabinete.

A criatura sentada atrás de uma larga escrivaninha sorriu delicadamente, levantou-se e estendeu-lhe a mão.

— Foi muito amável de sua parte ter vindo, Harry, e tenho imenso prazer em conhecê-lo.

A voz era grave e melodiosa, autoritária mas controlada, como controlada era a força da mão que apertara a de Harry.

— Obrigado, senhor.

— Pode chamar-me de Nick — disse a criatura, indicando uma cadeira ao lado de sua escrivaninha. — Não temos muita formalidade aqui, Harry. Sente-se e vamos conversar um pouco.

Depois que ambos se sentaram, Nick se recostou em sua poltrona, cruzou as mãos sobre a nuca e olhou afetuosamente para Harry.

Aquela cordialidade era genuína, sem dúvida, pensava Harry, mas sentia que, a despeito dos modos aparentemente despreocupados de Nick, havia alguma coisa que o perturbava, como se tivesse uma notícia desagradável para transmitir e não encontrasse jeito de fazê-lo.

— Bem, Harry, agora que você já viu uma parte de meus domínios, qual a sua impressão?

— É tudo tão maravilhoso que nem posso acreditar!

— Muito diferente do que lhe diziam, não é?

— Essa é uma maneira generosa de comentar. Para dizer-lhe a verdade, senhor...

— Nick.

— Sim. Para ser honesto, Nick, jamais me passou pela cabeça que houvesse um lugar assim.

Nick deu uma boa risada.

— E a respeito daquele outro lugar, Harry? Você também não acreditava no que diziam dele, não é mesmo?

— Realmente, não. Na verdade, nunca pude chegar a uma conclusão a respeito dos dois.

— Bem, o outro está lá em cima — disse Nick. — Você está aqui já há mais de quatro horas, segundo me parece.

— Sim. E que horas maravilhosas. Nunca me diverti tanto, durante os 30 anos em que estive vivo, como nas poucas horas depois que morri.

— Você gostou de nossas garotas, não foi, Harry?

— E quem não gostaria? A beleza das garotas que vocês têm aqui... e sem roupas!

— Ah, é verdade. E os salões de jogo?

— Nunca vi nada semelhante, nem mesmo no cinema.

— E os diversos... como direi?... espetáculos?

— Oh, fabulosos! Absolutamente fabulosos — repetiu Harry, lembrando-se então do que a secretária lhe recomendara. — Espero que você não pense que estou abusando de sua informalidade, Nick, mas não posso deixar de me surpreender com o maravilhoso par de chifres que você tem.

— Ora, quanta gentileza, Harry. Fico-lhe muito grato — replicou Nick, visivelmente envaidecido. — Na verdade, porém, o efeito se deve a um creme especial para chifres, que estou usando. — Indicou com um gesto de cabeça um pequeno pote que servia como peso de papéis e acrescentou: — É uma fórmula que venho aperfeiçoando pessoalmente, através dos últimos milênios, tantos que até já perdi a conta.

— É muito eficiente, por certo.

— Entretanto — disse Nick com um sorriso — por mais agradável que sejam nossos domínios aqui embaixo, há alguns sérios inconvenientes.

— Não sou capaz de imaginar quais possam ser. Pelo que vi até agora, todo mundo está muito feliz.

— Sim, é verdade, mas você não acha um pouco quente?

— Não muito. Mal dá para se notar.

— É a atmosfera, entende? Afinal de contas, temos certa tradição a ser mantida. O cheiro do enxofre, por exemplo... Você não acha desagradável?

— Nem um pouco. É verdade que os vapores a princípio me irritaram os olhos. Mas estou certo de que me habituarei logo com isso. Até já tinha-me esquecido.

— Fico contente em ouvir isso.

Nick ficou em silêncio por uns instantes, depois disse:

— Harry...

— Pois não, senhor... quero dizer, Nick.

— Harry, receio que tenha más notícias para você.

Harry engoliu em seco.

— Más notícias?

— Sim, Harry, muito más. É que houve um engano. Não sei bem como, mas houve. Não faz muito tempo que instalamos um computador na Seção de Pessoal e pode ser que tenha ocorrido uma falha, por falta de prática. Ou talvez o erro tenha sido na Seção de Seleção. Como é natural, o Comitê de Seleção não é infalível. Em qualquer caso, Harry, houve um engano muito desagradável, que raramente acontece aqui — acrescentou Nick, visivelmente constrangido.

— Engano?

— Sim — respondeu Nick com um suspiro. — Não adianta tentar adoçar-lhe a pílula. A dura verdade é que você não está qualificado para permanecer aqui.

Harry quase caiu da cadeira.

— O quê? Não estou qualificado?

— Lamento muito, Harry, mas por direito você deveria ter ido para outro lugar.

— Mas já estou aqui e me sinto muito bem. Não posso entender.

— O caso é simplesmente que você não tem as devidas credenciais, Harry — explicou Nick, folheando uma pasta que estava sobre a escrivaninha. — Esta é a sua ficha. Você nem sequer foi uma *criança malcriada*. Em toda a sua vida, até o momento em que morreu, algumas horas atrás, nunca cometeu um pecado grave, nunca fez algo de condenável, Harry, nem ao menos um pensamento maldoso. É difícil encontrar-se no arquivo uma vida tão sem manchas como a sua, nos últimos cem anos.

— Escute... — quis Harry ponderar, mas comprimiu os lábios e ficou

olhando para o chão. Era verdade. Ele jamais praticara um ato desonesto em toda a sua vida.

— Espero que compreenda a minha posição — disse Nick. — Sinceramente, não tenho alternativa.

— Quer dizer que vai me mandar lá para cima?

Nick balançou a cabeça tristemente.

— Vou, por mais que isso me doa. Você não merece estar aqui, Harry. Não satisfaz as condições. Não imagina o quanto lamento, mas tenho de mandá-lo lá para cima.

Os ombros de Harry se curvaram desanimadamente.

— E como são as coisas lá em cima? — perguntou, amargurado.

— Oh, você acabará gostando — respondeu Nick, tentando imprimir um tom alegre na voz. — É muito... repousante, vamos dizer.

— Repousante?

— Sim, qualquer coisa nesse sentido. Mas antes que me esqueça, Harry, você tem bom ouvido para música? Um instrumento adorável, como a harpa, por exemplo...

— Sou incapaz até mesmo de cantar no banheiro. Ademais, tenho os dedos duros. Eles realmente tocam... tocam harpa lá em cima?

— É verdade. Tocam.

— E o que mais fazem?

Nick sacudiu os ombros, como quem se desculpa.

— Não muita coisa mais, acho eu, Harry. Você, naturalmente terá asas, de modo que poderá voar quando lhe aprouver.

— Entendo — murmurou Harry. — Tocar harpa, voar...

— Reconheço que o lugar não é lá muito convidativo.

— Escute — disse Harry de repente. — Certa vez ganhei 20 dólares numa rifa lá no escritório e não incluí na minha declaração de renda!

O sorriso de Nick foi de compaixão.

— Lamento, Harry, mas não basta.

— É tudo tão irônico. Edna sonha em ir lá para cima. Está certa de que vai. Ela é...

— Quem é Edna?

— Minha mulher.

— Ah, sim! — disse Nick, consultando outra vez a ficha de Harry. — Acho que tenho uma memória muito fraca para nomes.

— A verdade é que ela deseja muito ir para lá. Vive dizendo que mal pode esperar. E eu... sou eu que acabo indo, quando tudo o que quero é ficar por aqui.

— Hum... — resmungou Nick, estudando a ficha. — Sua mulher parece não ser de brincadeiras, Harry.

— Ah, ela é um bocado durona, Nick.

— Não quero entrar em assuntos íntimos mas, a julgar pela ficha, parece que ela nunca lhe deu uma folga, Harry.

— Bem... ela sempre foi muito voluntariosa — admitiu Harry.

— Parece que sim. Ela nem deixava você fumar seu cachimbo dentro de casa?

— Não.

— Nem beber um gole? Uma cervejinha nos dias de aniversário?

— Não.

— Nem fazer um joguinho de boliche com os amigos, de quando em vez?

— Não.

— E exigia que você lhe entregasse o cheque do salário da semana?

— Sim.

— E lhe dava uma diária de dólar e meio para o almoço e o ônibus?

— Sim.

— E o que acontecia com o restante do salário?

— Ela era muito gastadeira.

— Imagino. E é verdade que ela fazia você dormir num catre na cozinha?

— É.

— Entretanto, aqui na sua ficha consta que vocês moravam num apartamento de dois quartos.

— Havia uma ligação telefônica entre o quarto onde ela dormia e a cozinha. Assim, ela podia me chamar, se precisasse de alguma coisa durante a noite... um copo d'água, por exemplo.

Nick fechou a pasta e sentou-se, tamborilando suavemente sobre o tampo da escrivaninha, com as unhas bem manicuradas de suas garras, o olhar perdido em profunda meditação.

— Neste momento — disse por fim — são três e quarenta e cinco da madrugada lá no seu país. Você morreu durante o sono cerca de quatro horas atrás.

— Foi.

— Sua mulher ainda estará dormindo, não é mesmo?

— Com certeza.

— E ninguém sabe lá embaixo que você morreu?

— Ninguém, mas...

— Harry, você nunca praticou um ato condenável em toda a sua vida. Se eu deixar você voltar para lá durante alguns minutos, acha que seria capaz de fazer alguma coisa diabólica?

— Eu... eu poderia tentar.

— Tentar só não basta — insistiu Nick. — Você é ou não é capaz de cometer um grande pecado, Harry? Responda francamente: sim ou não?

— Acho que... A resposta é sim, Nick. Sou capaz.

— Ótimo — replicou Nick, sorrindo. — Uma vez que você é capaz, posso deixar que fique aqui.

— É mesmo? — disse Harry, todo eufórico. — Puxa, Nick, isso é formidável.

— Pobre Harry. Só sabe dizer puxa. Nunca aprendeu um palavrão? Mas não faz mal — acrescentou com uma risada. — Acho que você já adivinhou o que terá de fazer.

— Bem... eu...

— Sendo você quem é, nunca poderia adivinhar, mas tudo será muito rápido e muito simples. E depois que tiver terminado, você poderá voltar para cá, na qualidade de residente para toda a eternidade.

— Terei satisfeito as condições?

— Inteiramente.

— E o que devo fazer?

— Você se levanta da cama... ou melhor, do catre, lá na cozinha, bem vivo. Não terá dificuldade em achar uma boa faca, Harry. Agarre essa faca e... — Harry começou a respirar com dificuldade. — Você disse que sua mulher quer ir para aquele lugar lá em cima, não disse?

— Sim, mas...

— Então você vai tornar realidade o sonho dela. Estará praticando um ato louvável, Harry.

— Em certo sentido, acho que sim, entretanto...

— Nada de entretantos, Harry. Além de um favor à sua mulher, você estará cometendo um crime... o que é um ato diabólico... desse modo qualificando-se para ser admitido aqui, onde você tanto deseja ficar.

Harry sentiu que a excitação tomava conta dele.

— Isso mesmo, Nick! Você tem toda a razão. Edna e eu... nós dois vamos ter exatamente o que desejamos.

— E eu também vou ter o que desejo — disse Nick. — Simpatizei com você, Harry, e gostaria muitíssimo de tê-lo conosco.

— Nem encontro palavras para agradecer-lhe.

Nick deu um muxoxo.

— Por favor, não pense nisso. Podemos então embarcá-lo para o cumprimento de sua pequena tarefa?

— Sim, é claro — replicou Harry, levantando-se de um salto, cheio de entusiasmo. — Quanto mais cedo, melhor.

— Apenas mais uma coisa, Harry — disse Nick, apanhando o fone. — Uma vez mandado de volta, você disporá somente de cinco minutos. As normas relativas a procedimentos especiais, como é o caso, são bastante inflexíveis. Cinco minutos, Harry. Nem um segundo mais.

— Isso é tempo mais do que suficiente para o que tenho de fazer.

— Claro que é. Falei apenas para que você ficasse informado. — Apertou um botão no interfone e disse à secretária: — Faça o favor de providenciar o imediato retorno do Sr. Wilson a seu corpo. E avise à Seção de Recepção que ele deverá ser readmitido aqui.

— Sim, senhor — disse a voz melíflua da secretária.

— Puxa! — exclamou Harry. — É bom demais para se acreditar!

Nick levantou-se, apertou a mão de Harry, bateu-lhe amavelmente nas costas e o acompanhou até a porta.

— Boa sorte, meu velho. Você estará de volta num abrir e fechar de olhos. Não se preocupe.

Quando Harry recobrou a consciência, os ponteiros luminosos do relógio da cozinha marcavam exatamente cinco minutos para as quatro. Havia neve acumulada no peitoril da janela e um luar mortiço se infiltrava pela janela, gelado e triste.

Harry levantou-se silenciosamente de seu catre, apanhou o facão da cozinha, guardado junto à pia, e caminhou nas pontas dos pés até o quarto da esposa.

Ao chegar junto ao leito, parou durante quase um minuto, até que seus olhos se acostumassem com a escuridão. Sua mulher dormia profundamente, ressonando, e nada mais era do que uma massa informe embaixo do cobertor elétrico.

Harry puxou a ponta do cobertor, deixando a descoberto o corpo de Edna, até a cintura. Depois, levantou o facão acima da cabeça, tomou posição a uma distância conveniente, apertou com força o cabo da arma, curvou-se para trás a fim de tornar o golpe mais forte, respirou fundo e... ficou imóvel. No momento exato, faltou-lhe coragem para o impulso final. A seguir, muito lentamente, baixou o facão.

O suor lhe umedecera as palmas das mãos, apesar do frio que reinava no quarto, e ele as enxugou na aba do casaco de seu pijama. O peito lhe doia e ele se deu conta de que ainda estava com a respiração presa.

Encheu os pulmões de ar e moveu os pés, tentando deter o tremor que lhe sacudia os joelhos.

Tenho de conseguir, dizia ele para si mesmo. Tenho de praticar um ato diabólico.

Levantou o facão novamente e se concentrou de corpo e alma para desferir o golpe que o qualificaria para a admissão no lugar onde tão desesperadamente desejava ficar. Novamente aconteceu como da primeira vez. Permaneceu como paralisado, o facão suspenso no alto, enquanto os segundos se escoavam e o tremor dos joelhos lhe subia pelo corpo todo.

Na rua, lá embaixo, um automóvel passou, ouvindo-se um elo quebrado das correntes contra a neve bater no pára-lama. De um ponto longínquo, no outro lado da cidade, a sirene de um carro da polícia uivou lugubremente; depois, o silêncio voltou.

Não posso fazer isso, pensou Harry. Simplesmente não posso.

*É claro que você pode,* dizia uma voz em outra parte de sua mente. *E deve. Eternidade é um longo tempo, Harry. Você quer passar todo ele em um lugar onde somente poderá tocar harpa e voar de um lado para outro?*

Não!, decidiu Harry. Não! Não suportaria tal situação, sobretudo depois de ter visto como era o outro lugar. Simplesmente não seria capaz.

*Então, mate-a,* dizia a voz. *Olhe o relógio na mesinha-de-cabeceira. Seu tempo está se esgotando, Harry. Você não quer voltar para lá, para junto de Nick? Ficar com todas aquelas garotas sem roupa, rever os espetáculos fabulosos e as demais coisas maravilhosas que lá existem?*

Sim! Oh, sim!

*Então, mate-a,* repetiu a voz. *Se quiser passar a eternidade lá, é preciso qualificar-se. Restam-lhe apenas alguns poucos segundos, Harry. Basta levantar o facão outra vez... assim... está bem... e...*

Harry fez o gesto e o repetiu várias vezes.

Consegui!, pensava ele, exultante, ao arrancar o facão do corpo de sua mulher. Estou qualificado! Posso ir para o inferno!

— Meus cumprimentos, Sr. Wilson — disse a harmoniosa secretária com um sorriso, quando Harry entrou na ante-sala do gabinete de Nick. — Viu como foi possível? O senhor teve êxito, apesar de não ser de seu feitio.

— Cheguei a pensar que não poderia fazê-lo — replicou Harry. — Não sei o que se apossou de mim.

A secretária riu.

— Eu sei. *Ele* se apossou do senhor, Sr. Wilson. De fato, ele costuma apossar-se de uma porção de gente.

— É mesmo?

— Ah, sim. Ele está esperando pelo senhor. Pode entrar.

— Obrigado — disse Harry, abrindo a porta do gabinete.

Nick estava sentado atrás de sua escrivaninha, sorrindo abertamente.

— Bom trabalho, Harry. Seja bem-vindo de volta.

— É formidável estar de volta, posso garantir-lhe — replicou Harry alegremente. — Mas houve um momento em que pensei que não poderia cumprir a missão.

— Você foi soberbo, Harry. Magnificente. Uma atuação verdadeiramente esplêndida em todos os sentidos.

— É tudo tão maravilhoso! Nunca me senti tão feliz. Agora já posso ir e me divertir um pouco lá fora?

— Ainda não. Todos esses alegres pecadores que você viu andando por aí estão apenas aguardando a conclusão de seus processos. Dentro em pouco eles irão para o respectivo inferno, conforme for designado.

— O quê? — perguntou Harry. — Irão para onde?

— Lá para baixo. E no caso de você espantar-se com a minha enorme capacidade de ação, fique sabendo que ela se deve inteiramente aos Nicks auxiliares, por assim dizer, criaturas muito semelhantes a mim. A única exceção é a minha belíssima secretária, que conservo nessas funções por motivos tão fortes quanto óbvios.

— Não estou compreendendo — disse Harry.

Nick apertou um botão em sua escrivaninha.

— Olhe para trás.

No momento em que Harry se voltou, uma grande parte do soalho subitamente deslizou para um lado, deixando a descoberto uma enorme fornalha a seus pés. Harry tossiu, recuou um passo e ficou com o olhar grudado em uma cena de tão indescritível horror que suas pernas começaram a tremer.

Lá embaixo, até onde alcançavam seus olhos, estavam aos milhares as almas torturadas, nuas e presas em grilhões, debatendo-se num mar revolto de chamas e rochas incandescentes. Gritos de agonia e gemidos de desespero enchiam o ar enfumaçado e o cheiro do enxofre se misturava com o de carne queimada.

Harry virou-se, sentindo que Nick estava atrás dele. Com os chifres reluzindo, ele ria tanto que chegava a haver lágrimas em seus olhos.

— Você me enganou! — conseguiu Harry dizer, a voz trêmula de pavor. — Você estava apenas abusando de mim!

— Claro que estava — admitiu Nick.

— Mas por quê?

— Por quê? — repetiu Nick, seus olhinhos amarelos brilhando alegremente. — Ora, apenas por puro prazer, Harry. Afinal, precisamos ter algum divertimento por aqui. Você não gostaria de dar umas risadas de vez em quando?

— Que coisa diabólica! — exclamou Harry.

— É diabólica mesmo — disse Nick e, com uma gargalhada, empurrou Harry de costas para dentro da fornalha.

## UMA NOITE DE NOVEMBRO

Douglas Farr

Lyle Beckwith era um homem metódico, que acreditava que se pode organizar o futuro tão bem quanto o presente; o futuro, simplesmente fazendo previsões e preparando-se para quaisquer eventualidades — até mesmo a de ser assaltado e roubado em plena rua.

Tal violência se tornara uma possibilidade na vida de Lyle Beckwith, porque uma vez por semana ele tinha que sair à noite, geralmente às segundas-feiras. Ao invés de voltar para casa, à hora do jantar, ele guiava seu carro até praticamente o outro lado da cidade, para fazer a contabilidade do Mercado Garman. O Sr. Garman pagava a Lyle 15 dólares semanalmente por esse serviço — uma boa remuneração, achava Lyle, em troca de umas três horas de trabalho. E esses 15 dólares lhe eram especialmente importantes, porque pagavam as lições de música de suas filhas Sandra e Sheila, além de algumas comprinhas extraordinárias — tudo sem violar o orçamento básico de Beckwith.

Para ganhar esse reforço semanal, Lyle pesara os perigos. O Mercado Garman distava um quarteirão da Majestic Avenue, que era bem iluminada e tinha sempre muito trânsito. Lyle precisava pensar também na segurança de seu automóvel, de modo que achou melhor estacioná-lo na praça, de preferência junto a um poste de iluminação. Normalmente, ele chegava ao mercado pelas sete horas e regressava entre dez e dez e meia. Assim, teoricamente, seu único risco era no trecho representado

pelo quarteirão entre o mercado e a Majestic, às dez horas da noite. Na verdade, era um risco pequeno.

Apesar disso, ele elaborara um plano de ação, prevendo possível eventualidade. O plano incluía sua pasta — uma surrada maleta de couro fechada por um zíper que vivia emperrado. Lyle levava sempre a pasta consigo, para dar a impressão de que seu serviço no escritório era tão importante que se tornava necessário trazer parte do trabalho para casa à noite, a fim de melhor estudá-lo. A pasta era uma camuflagem, pois servia apenas para levar o almoço — e, nas segundas-feiras, também o jantar. A economia resultante desta prática foi para pagar a arrumação dos dentes de Sandra. Entretanto, como ele era um empregado de colarinho e gravata, Lyle achava que carregar uma marmita era um tanto degradante. Ademais, sendo baixinho e franzino, a pasta lhe conferia certo ar de distinção.

Mas o mais importante era que a pasta representava a chave de seu plano de defesa. Ele tinha um verdadeiro pavor a qualquer tipo de violência física. Se por acaso fosse atacado por um assaltante, certamente não desejava ser como uma daquelas vítimas que apareciam no noticiário dos jornais — sem falar no prejuízo que teria, se os bandidos quebrassem seus óculos, por exemplo.

Lyle achava que tudo isso poderia ser evitado, apenas com o sacrifício de sua velha pasta. Quando o bandido se aproximasse — e Lyle tinha certeza de que reconhecia se se tratava mesmo de um assalto — ele simplesmente atiraria a pasta no chão e exclamaria: *Está aí. Pode ficar com tudo.* Depois, sairia correndo. As implicações daquela frase, com o *pode ficar com tudo*, seriam óbvias. A pasta deveria conter algo de muito valor, mas seu dono preferia entregar esses bens, em lugar de tentar resistir. Qual o bandido que perseguiria o homem, ao invés de parar para ver o que continha a pasta? Lyle tinha lido a história de um homem que, assaltado, espalhara alguns dólares pelo chão e, enquanto os assaltantes perdiam tempo em apanhá-los, ele conseguiu fugir. Lyle achava que a isca representada pela pasta era suficientemente tentadora. Ademais, com aquele zíper emperrado, seria necessário bastante tempo para descobrir o que havia dentro, desse modo permitindo que ele fugisse. Além disso, a pasta valia menos do que uns óculos novos e talvez o Sr. Garman lhe desse uma nova, de presente.

Um plano formidável, podendo até oferecer uma vantagem. Tudo o que uma pessoa tem a fazer, raciocinava Lyle, era preparar-se para qualquer eventualidade.

Naquela fria e ventosa noite de novembro, Lyle Beckwith deixou o Mercado Garman tranquilamente. Estava usando um surrado sobretudo cinza e um chapéu de feltro da mesma cor, e carregava, como de costume, a velha pasta. Caminhando apressadamente, com ar de quem tem coisas importantes a fazer, ele se dirigiu para a Majestic Avenue.

Como sempre acontecia naquelas noites de segunda-feira. Lyle estava alerta e desconfiado. Olhava com atenção os demais pedestres, procurando evitar que alguém ficasse muito perto dele, capaz de impedir que ele executasse o plano, atirando a pasta.

A noite prometia correr sem incidentes. Lyle parecia estar sozinho na calçada. Todavia, ao chegar à esquina da Majestic, parou por um momento e olhou em todas as direções, para certificar-se de que não corria perigo. Seu carro estava estacionado meio quarteirão adiante e naquele trecho da avenida não havia ninguém. Lyle dobrou a esquina com precisão militar e marchou em frente.

Mal tinha dado uma dezena de passos, todo o quadro se alterou. Cinco metros à sua frente surgiram dois homens que se encontravam ocultos pela fila de carros estacionados. Lyle parou instantaneamente e os dois homens fizeram o mesmo.

Graças às lentes de seus óculos, a visão de Lyle era excelente e o que ele viu nos dois homens despertou seus primitivos instintos de temor e autopreservação. Os homens eram de altura diferente — um muito baixo, outro muito alto — mas ambos estavam vestidos igualmente. Cada um usava o chapéu com aba caída sobre os olhos, os capotes eram semelhantes e ambos conservavam as mãos nos bolsos. Assim permaneceram, imóveis como estátuas, esperando que Lyle se aproximasse.

Não fora bem assim que Lyle imaginara a cena. Os homens não deveriam estar vestidos como policiais à paisana ou correspondentes estrangeiros; ao invés de ficarem parados, teriam de aproximar-se furtivamente e perguntar se ele tinha um fósforo ou qualquer coisa desse gênero. Lyle, porém, não hesitou. Seu plano de batalha se ajustaria facilmente à mudança de estratégia adotada pelo inimigo.

Durante um longo minuto, os antagonistas se olharam mutuamente. Os fracos músculos de Lyle ficaram tensos, aguardando o que ele sabia muito bem que iria acontecer. Se ele não continuasse a caminhar na direção dos dois homens, estes certamente viriam ao seu encontro. Assim, ele estava preparado quando os adversários deram os primeiros passos.

— Está aí. Podem ficar com tudo! — exclamou ele, atirando a pasta no chão.

Não esperou para ver onde a velha pasta caíra, nem qual fora a reação dos homens ante aquela surpreendente manobra. Enquanto a pasta voava e batia na calçada, Lyle já fizera meia-volta e corria pela Majestic.

Por um ou dois segundos, apenas o ruído de seus próprios passos quebrava o silêncio da noite. Não havia dúvida de que ele pegara os assaltantes completamente de surpresa. Na imaginação, ele via o par, primeiro olhando espantado para a pasta, tão facilmente obtida; depois, ao ver que sua vítima corria rua abaixo, parando para examinar o tesouro e murmurando: *Deixemos o infeliz ir embora*. E havia ainda o zíper, aquele bendito zíper emperrado, obrigando os bandidos a perderem mais tempo, até que o assaltado conseguisse escapar.

Lyle nunca chegou a saber exatamente se os homens observaram este procedimento. No momento em que chegou à esquina, começou a temer que seu plano tivesse ido por água abaixo.

É que o ruído dos passos dos homens correndo atrás dele soava ameaçadoramente em seus ouvidos.

A certeza de que estava sendo perseguido não servia para aumentar sua velocidade, pois ele já corria como não fizera nos últimos 20 anos. Atravessou a rua e enveredou pelo quarteirão seguinte. Ainda não se dera conta de como estava a situação, quando uma série de acontecimentos começou a desenrolar-se em rápida sucessão.

— Pare ou vamos atirar!

Lyle não parou.

Três tiros soaram e ele sentiu como se voassem abelhas junto a seus ouvidos.

Lyle então sentiu que seu plano, por mais que o tivesse confortado durante os últimos seis meses, tinha alguma falha gritante. Daí por diante, então, ele procedeu sem observar qualquer plano, usando apenas seu instinto e um pouco daquela antiga astúcia que jaz adormecida na mente e no corpo de qualquer contador do século XX.

O eco do terceiro tiro ainda não se apagara, quando Lyle abandonou a calçada e procurou abrigo na escuridão entre dois carros estacionados. Agachou-se ali por alguns segundos, ofegante, todos os seus sentidos alerta.

A Majestic Avenue estava mergulhada em profundo silêncio. Ele sabia que os homens não haviam abandonado a caçada, mas achava que os havia afinal ludibriado. Provavelmente não iriam encontrá-lo.

Levantou-se um pouco, de maneira a poder espiar através das janelas dos carros, procurando localizar seus perseguidores.

Descobriu-os logo. Estavam parados na calçada, uns cinco ou seis carros adiante do vão em que ele se encontrava. Um deles carregava a pasta. Ambos estavam armados, Lyle era capaz de jurar, embora não pudesse enxergar os revólveres. É que o jeito como cada um mantinha sua mão direita junto à cintura não dava margem a dúvidas.

Por quanto tempo eles ainda o perseguiriam?, perguntou a si mesmo. Por que estavam tão ansiosos para pegá-lo? Como não era especialista em raciocínios de cérebros criminosos, não podia imaginar suas motivações. Eles estavam de posse da pasta — um dos homens a carregava. O que mais poderiam querer? Pegá-lo, naturalmente. Será que estavam furiosos pela maneira como foram ludibriados? Ou quem sabe pertenciam — e este pensamento gelou o sangue em suas veias — ao tipo do criminoso sádico que tem mais prazer com o sofrimento de sua vítima do que em proveitos materiais?

Não lhe sobrou mais tempo para especular sobre tão terríveis possibilidades. Um dos homens — o que não estava com a pasta — começou a procurar cuidadosamente nos intervalos entre cada dois carros e se aproximava pelo lado da rua onde os veículos estavam estacionados. A manobra de pinças. Estavam tentando cercá-lo.

Lyle reagiu instantaneamente, sem premeditação. Se deixasse o esconderijo e começasse a correr por qualquer dos lados da rua, tornar-se-ia um alvo fácil. Assim, só lhe restava uma coisa a fazer. Deitou-se no chão, depois arrastou-se para frente, utilizando os cotovelos e os joelhos, com uma habilidade que faria o encanto de um sargento instrutor de fuzileiros navais e se escondeu embaixo de um dos automóveis.

Lyle não ignorava o que aconteceria com ele, se fosse descoberto naquela posição, mas tentou não pensar no assunto. Permaneceu imóvel, prendendo a respiração, o raciocínio parado, mas os músculos do corpo prontos a movimentá-lo em qualquer direção.

Tinha-se escondido no momento exato. Os ruídos dos passos se aproximavam, de duas direções. Era evidente o que estava acontecendo. Um dos homens vinha pela calçada, o outro pela rua. Ambos se moviam com a mesma cautela, como aqueles soldados que aparecem nos filmes, avançando para o interior de uma aldeia aparentemente abandonada. De repente, os dois pararam, sempre sincronizados, um em cada lado do automóvel sob o qual ele se ocultara. Durante um longo minuto houve completo silêncio. Afinal, um deles falou:

— Onde será que ele se meteu, Mike?

— Você não o viu?

— Não.

— Quem sabe não entrou num desses carros?

— Teríamos ouvido o barulho da porta.

Lyle tremia, esperando o inevitável. Tudo o que os malfeitores tinham a fazer era trocar de preposição. Ao invés de *num desses carros*, procurar *sob*. Foi uma mudança de assunto, por parte de um dos homens, que o salvou.

— Charley, dê uma olhada nessa pasta; pode haver alguma coisa importante.

— Não consigo fazer com que este zíper funcione.

Bendito zíper emperrado! Se Charley olhasse dentro da pasta e visse apenas uma marmita e uma garrafa térmica, ficaria furioso.

— Bem, continue tentando.

— Não vou desistir.

— Ele não pode estar escondido além do quarteirão, aproveitando a fila dos carros. Vamos continuar procurando.

A conversa cessou e o ruído dos passos se fez ouvir novamente. Lyle esperou até que o silêncio voltasse. Havia tomado uma decisão. Não demoraria para que eles começassem a espiar sob os carros e Lyle não queria estar ali, quando essa inspeção tivesse início. Recorrendo ao mesmo tipo rastejante de locomoção, ele saiu de baixo do carro pelo lado da rua. Seus perseguidores já estavam uns oito ou nove carros à frente. Restava-lhe pois fugir na direção oposta. Respirou fundo e iniciou sua retirada recorrendo à melhor combinação possível de silêncio e velocidade, de que era capaz.

Ao chegar novamente à esquina, teve de escolher se continuava descendo a Majestic, na direção de seu carro, ou se virava à direita, dirigindo-se ao Mercado Garman, com a esperança de que o Sr. Garman ainda estivesse lá e lhe desse guarida. Sem qualquer razão especial, apenas fiado em sua boa estrela, escolheu esta última linha de ação.

Aumentou as passadas e logo passou a correr. Faltava ainda um quarteirão... Quem sabe alguém ouvira os tiros e já chamara a polícia... Havia apenas pequenas lojas naquela zona, todas fechadas àquela hora... O Sr. Garman ainda estaria no mercado?

Todavia, o que logo a seguir aconteceu tornou a pergunta inútil, Lyle já se encontrava na metade do quarteirão, a toda velocidade, quando viu os dois homens aparecerem embaixo do poste de iluminação da esquina à sua frente. Conseguiu parar, encostando-se à parede de um edifício, onde ficou, vigiando seus perseguidores.

Estes não eram Charley e Mike, que naquele momento se encontravam procurando por ele entre os carros estacionados na Majestic Avenue. Entretanto, a semelhança era impressionante — os mesmos sobretudos e os mesmos chapéus desabados. Além disso, a maneira como eles mantinham a mão direita na cintura dava idéia de que estavam de arma em punho.

Lyle, desesperado, concluiu que tinha agora pela frente outro par de malfeitores, certamente membros da mesma quadrilha. Isso, porém, já não fazia diferença. O caso é que aqueles dois também estavam à procura dele, restando a esperança de que ainda não o tivessem visto. Infelizmente, não havia agora a pasta para retardar a ação dos malfeitores.

Lyle hesitou até que se convenceu de que eles o haviam visto e que corriam em sua direção. Voltou-se e correu também. Seu sobretudo era de cor suficientemente clara para que os homens não o perdessem de vista. Eles gritaram qualquer coisa, que Lyle não pede ouvir, por causa do ruído de seus próprios passos. Ouviram-se dois tiros. Mais abelhas no ar, zunindo junto a seus ouvidos.

Estava novamente na Majestic. À sua esquerda, no fim do quarteirão, ele pensou divisar uns vultos. Eram presumivelmente Charley e Mike. Lyle enveredou pela direita.

Ao fazê-lo, topou com os faróis de um automóvel que descia a rua transversal, não do lado do Mercado Garman e do segundo par de seus perseguidores, mas do lado contrário. Vinha em alta velocidade e ia dobrar na Majestic.

Lyle tomou uma resolução rápida. Aquele era o único automóvel que aparecera na Majestic, desde que começara a caçada, e bem poderia ser o último que ele veria. Antes que o veículo completasse a curva, Lyle correu na direção dele, agitando os braços como se estivesse se afogando.

O motorista por certo o viu, pois os freios rangeram. Mesmo assim, a velocidade era tal que o carro deslizou ainda uns 10 ou 15 metros, antes de parar.

Lyle continuou correndo ao seu encontro, mas, depois de poucos passos mais, deteve-se novamente. As portas dos dois lados do carro se abriram e desceu um terceiro par de homens, com os mesmos sobretudos e chapéus desabados. Como seria de esperar, as mãos estavam na cintura, certamente de revólver em punho.

O desespero agora se apossou de Lyle. Era como um pesadelo. Havia um par de pistoleiros em cada direção para onde ele se virasse. Tinha de reconhecer que se tratava da dura realidade. E deveria logo acontecer

com ele, que não passava de um pobre contador, baixinho e sem forças, sem possibilidade de enfrentar aqueles rufiões. Por que não desistia?

Mas estava decidido a resistir. O quanto lhe era dado saber, não tivera ancestrais combatendo nas Termópilas nem nas lutas pela independência dos Estados Unidos. Havia nele apenas a inabalável obstinação que faz com que todo o ser humano, de qualquer tamanho ou espécie, deseje continuar vivendo.

Voltou-se para a esquerda, escolhendo um rumo que o deixava a meio caminho entre o segundo e o terceiro par de pistoleiros, os do carro e os que vinham do lado do Mercado Garman. Mais longe, à esquerda, Charlie e Mike também se aproximavam.

Lyle correu para a outra calçada da Majestic, meio cercado, mas ainda com chances. À sua frente, na sarjeta, havia um tijolo. Lyle não o utilizou como arma para defender-se, mas como um martelo contra a vitrine de uma pequena loja. Três golpes contra o vidro, segundo uma linha vertical, depois um empurrão com o ombro protegido pelo sobretudo e estava aberta uma passagem, sem um arranhão.

Dentro da loja, Lyle agiu com a astúcia instintiva de uma raposa em um galinheiro, no momento em que aparece o dono das galinhas. Ele sabia que, se seus perseguidores não hesitariam em alvejá-lo, também não hesitariam em segui-lo dentro da loja. Sabia, ademais, que não poderia fugir indefinidamente de uma quadrilha de seis homens armados.

Ignorava completamente que espécie de loja era aquela. Apenas reparou que havia derrubado várias prateleiras de mercadorias, ao jogar -se através da vitrine. Um retângulo menos escuro que o restante das paredes da loja indicou-lhe que se tratava da porta dos fundos.

Ao chegar mais perto, descobriu, para sua surpresa, que a porta estava entreaberta. Lyle a escancarou mas, ao invés de sair por ela, atirou-se ao solo, rolou sobre si mesmo e depois ficou imóvel.

A manobra foi feita bem na hora. De onde estava, Lyle viu dois homens chegarem em frente à loja, hesitarem por um momento, depois passarem com dificuldade pelo buraco feito na vitrine.

— Olhe — disse uma voz — a porta dos fundos está aberta. Ele deve ter saído por ali.

Os dois homens atravessaram a loja correndo, tropeçando nas coisas que Lyle havia derrubado e praguejando. Chegaram a passar a menos de um metro do local onde ele se encontrava deitado e, na porta, nem sequer discutiram se a pessoa que estavam perseguindo havia realmente saído por ali. Simplesmente correram pela aléia dos fundos e logo desa-

pareceram.

Tudo ficou em silêncio. Lyle se deixou ficar onde estava, descansando. Em algum ponto, na rua, os seis estariam reunidos e imaginando onde o perseguido deles se teria metido; talvez voltassem a procurar na loja.

Assim, ele não poderia continuar ali por muito tempo. Depois de alguns minutos, levantou-se e caminhou na direção da porta da frente. Sem atinar por que, continuava com o tijolo na mão, embora já estivesse com os dedos doídos e o braço pesado. Em todo caso, talvez viesse a precisar dele outra vez.

Antes de passar novamente pela vitrine quebrada, certificou-se de que a Majestic estava vazia; nada de pistoleiros, de carros rodando, de qualquer ameaça à sua segurança. Entretanto, aquele silêncio não seria uma emboscada? O pequeno contador já sofrera muitas surpresas desagradáveis naquela noite. Era melhor esperar mais um pouco.

Foi durante esse tempo, enquanto ele espiava pelo buraco da vitrine quebrada, que seus instintos aguçados avisaram que havia um perigo ameaçando-o dentro da própria loja. Imóvel apertando nervosamente o tijolo na mão, Lyle não estava mais cansado, mas tenso e preparado.

Contendo a respiração, teve a certeza de que ouvira alguém ofegante. Julgou que fora ainda uma vez enganado por seus perseguidores. Teria jurado que vira apenas dois membros da quadrilha entrarem pela vitrine quebrada e que esses mesmos dois haviam saído pela porta dos fundos. Entretanto, eles tinham arranjado uma maneira de enganá-lo. Um deles ficara ali, emboscado.

O ruído da respiração vinha da esquerda. Lyle virou a cabeça lentamente, os olhos já acostumados com a escuridão, e procurou descobrir o que havia. Por um momento chegou a pensar que talvez estivesse enganado, que não havia ninguém, pois até o ruído da respiração cessara.

Teria sido apenas imaginação? Não. Seus instintos não o tinham iludido. Alguém estava na loja. Como não podia ver melhor, resolveu esperar. Após alguns instantes, a respiração recomeçou, com um evidente sinal de que estivera contida. Lyle teve vontade de rir. O sujeito não poderia conter a respiração indefinidamente. Não era um super-homem.

Ao chegar a essa conclusão, apareceu a oportunidade. Um dos raros automóveis que trafegavam pela Majestic projetou seus faróis contra as vitrines e permitiu que Lyle visse seu novo antagonista.

Estava em pé, encostado a uma parede. Usava chapéu, sobretudo e tinha um revólver na mão. Lyle não hesitou. Estivera na defensiva durante toda a noite e agora chegara a sua vez de atacar. Atirou o tijolo com toda

a força que lhe restava.

Felizmente, talvez — pois Lyle Beckwith não era do tipo sadista — os faróis passaram justamente quando o tijolo iniciava seu trajeto em direção ao alvo. Assim, Lyle não pôde ver o dano que causara. Apenas ouviu o baque surdo, o grito de dor e logo a seguir outro baque — o de um corpo caindo no chão.

Depois disso, ele não perdeu mais tempo. Esgueirou-se pelo buraco na vitrine e encontrou a rua ainda vazia. Recomeçou a correr, desta vez na direção de seu carro. Não viu mais nenhum dos seus perseguidores. Entrou no carro, ligou o motor e foi para casa.

Não havia qualquer notícia nos jornais da manhã, mas a edição da tarde trazia a manchete: POLICIA PRENDE ASSALTANTE.

*"A polícia de nossa cidade,* dizia a notícia*, agiu rápida e eficientemente na localização e captura de um assaltante. O bandido — um homem baixo, com um sobretudo cinza — apareceu na Farmácia Majestic, na Majestic Avenue, 5.021, pouco antes da hora do fechamento, às 10 da noite. Apontou um revólver para o empregado, transferiu para uma pasta o dinheiro que havia na caixa registradora e fugiu a pé. O empregado, Richard Handy, comunicou pelo telefone uma descrição do assaltante e, em menos de cinco minutos, policiais à paisana, pertencentes à Segunda Delegacia, convergiram para a área da Majestic. Depois de uma perseguição por vários quarteirões, durante a qual foram disparados cinco tiros, o assaltante foi encurralado na Camisaria Milo, situada na Majestic, nº 5.235. Ele entrara na loja quebrando a vitrine, mas se feriu nos vidros. Os policiais completaram a captura dentro da camisaria. O assaltante — que se identificou como sendo Roger Smith — está no Hospital Marlborough, com um ferimento na cabeça. A pasta, contendo mais de 600 dólares em dinheiro, foi recuperada intacta..."*

Lyle pôde facilmente reconstituir o que acontecera. O assaltante estava calmamente indo embora com o produto do roubo, quando ouviu tiros. Então procurou um lugar onde esconder-se, até que acabasse aquela confusão. Entrementes, o pobre e inocente Lyle Beckwith servia como alvo para os defensores da lei. Refletindo a esse respeito, Lyle não se arrependeu do dano que causara com o tijolo.

Mas e a sua pasta? A polícia estava de posse de duas, porém não mencionou o fato. E por quê? Simplesmente porque não sabia como explicá-lo. Lyle deveria ir à Segunda Delegacia e reclamar a pasta que era dele? Não teria a menor dificuldade em identificar a marmita e a garrafa

térmica.

Depois de muito refletir, decidiu não ir. O assaltante certamente entrara na camisaria forçando a porta dos fundos — o que explicava o fato de Lyle a ter encontrado entreaberta. Essa mesma porta — que, quando os policiais chegaram, estava escancarada — foi outro pequeno mistério que também não foi mencionado. Talvez fosse justo que o proprietário da Camisaria Milo exigisse uma indenização de Lyle pela vitrine quebrada. Isto lhe custaria um pouco mais do que sua pasta de 10 dólares. A mente contabilista de Lyle fez os cálculos rapidamente e decidiu: debitar os 10 dólares por conta do item *experiência.*

## ÁRBITRO DE DESAVENÇAS

Edward D. Hoch

Arthur Urah era um homem alto e esguio, com uma bela cabeleira branca e a pose de um dignitário. Usava camisas de seda com o monograma AU bordado sobre o bolso esquerdo e foi isso que levou um colega de profissão a apelidá-lo de Árbitro de Desavenças. Era um bom apelido e assentava nele com perfeição.

Urah nunca estivera no Brenton Hotel, situado na parte velha da cidade. Era realmente um hotel antigo, datando de uns 50 anos na história da cidade. Nenhuma pessoa importante se hospedava mais no Brenton e por isso mesmo era um pouco estranho que um homem da posição de Arthur Urah entrasse no saguão do hotel, naquela tarde de domingo.

— Tenho um encontro aqui com uns amigos — disse ele ao encarregado da recepção, um homenzinho de rosto chupado, que mastigava um palito. — Meu nome é Arthur Urah.

— Ah, sim! Quarto 735. Estão esperando pelo senhor.

— Obrigado — disse ele, dirigindo-se para o antigo elevador, a fim de subir até o sétimo andar.

Os corredores do hotel precisavam de pintura e uma mangueira empoeirada estava enroscada numa caixa na parede. Arthur Urah viu com desgosto aqueles sinais de decadência, enquanto procurava o quarto 735 e batia levemente na porta.

Imediatamente ela foi aberta por um jovem esguio, com uma cabe-

leira negra e lábios carnudos. Arthur Urah aprendera, durante toda a sua vida, a conhecer esse tipo de gente. O quarto em si era tão mal-arrumado quanto o restante do hotel. As camas haviam sido empurradas para junto da parede, para que sobrasse mais espaço, e esse deslocamento revelou ainda mais sujeira acumulada.

— Arthur! Que prazer em vê-lo novamente!

O homem que avançou para ser o primeiro a cumprimentar Urah era Tommy Same, uma figura muito conhecida na cidade.

Arthur Urah sempre simpatizara com Tommy, embora tais sentimentos de ordem pessoal jamais influíssem em suas decisões.

— Como vai você, Tommy? E a família?

— Tudo muito bem! Estou contente por termos você aqui, decidindo esta questão, Arthur.

— Sabe que não tenho afilhados, Tommy — replicou Urah, sorrindo. — Costumo ouvir os dois lados.

O outro lado também estava lá. Fritz Rimer era um homem baixo, calvo, e com uns grandes olhos assustados. Percebia-se de imediato que ele não fazia parte da liga.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Urah — murmurou ele. — Lamento termos incomodado o senhor num domingo.

— É o trabalho dele — explicou Tommy. — Você e eu tivemos uma desavença e Arthur veio aqui para resolvê-la. Ele é um árbitro, como se usa nos sindicatos e nos negócios.

Arthur Urah fez um gesto com o polegar na direção da porta.

— Não estou habituado a resolver casos com um revólver nas minhas costas. Mande esse rapazinho embora.

Tommy Same abriu as mãos num gesto de inocência.

— Você conhece Benny. O pai dele foi meu motorista. Benny não é um pistoleiro.

Urah olhou para o jovem com manifesta má vontade.

— Mande-o embora — repetiu. — Diga-lhe para esperar no corredor.

Tommy fez um sinal e Benny saiu imediatamente.

— Satisfeito?

Urah sacudiu a cabeça, correndo os dedos pela cabeleira branca.

— Quem mais está aqui?

— Somente Sal. Ela não vai nos incomodar.

Urah foi até à porta lateral e a abriu. Sally Voigt estava sentada numa cadeira, lendo o jornal.

— Alô, Arthur — disse ela. — Estou passando os olhos pelo noticiário.

— Está bem — concordou Urah, fechando a porta. — Ela pode ficar, mas não quero ninguém mais. Avise à portaria que ninguém pode subir, enquanto não tivermos terminado.

— Eu já havia feito isso — replicou Tommy.

Arthur Urah abriu sua pasta e tirou um bloco de notas.

— Vamos sentar-nos nesta mesa. Uma vez que Fritz é a parte ofendida, tem o direito de falar primeiro.

A mesa era apenas uma dessas do tipo desmontável, própria para jogo de cartas, que o hotel providenciara. Os três, cada um sentado em sua cadeira, davam a impressão de relutantes jogadores de pôquer derrotados.

Fritz Rimer pigarreou e nervosamente bateu com o lápis na mesa:

— Bem, todos sabem qual é o problema — começou, detendo-se a seguir, como se de repente se desse conta de como a mesa era pequena.

— Mesmo assim, é melhor que você nos dê um resumo — insistiu Urah amavelmente.

— Há nesta cidade 36 bancas de apostas, onde qualquer pessoa pode comprar sua pule. Há 20 anos, quando entrei no negócio, éramos 36 proprietários dessas bancas. Cada um conhecia os outros e nos ajudávamos mutuamente. Quando os tiras ocasionalmente fechavam uma das bancas, os restantes de nós corríamos em socorro do colega punido. Éramos uma grande família, entende?

Tommy Same se mexeu, inquieto, em sua cadeira.

— Estou acompanhando sua tristeza, Fritz. Vamos ao ponto que interessa.

— Bem. Há cerca de um ano, Tommy Same e alguns de seus amigos do sindicato se movimentaram e começaram a tomar conta de todas as operações de apostas em corridas de cavalos que se faziam na cidade. Algumas bancas foram obrigadas a suspender suas atividades e depois as compraram por um preço baixo. Outras tiveram seus negócios reduzidos, sempre com alguém vigiando-as para afugentar a clientela. O resultado é que hoje o sindicato é sócio em 35 das 36 bancas de pules da cidade, isto é, todas menos a minha.

— E agora ele quer também a sua, é isso? — perguntou Arthur Urah.

— Exatamente. Ele mandou esse sujeitinho, Benny, fazer-me uma visita na semana passada, a fim de ameaçar-me, mas eu lhe disse que

agora não era mais como antigamente. Não me assusto. Se ele quer me matar, até que pode, mas isso será o fim de Tommy Same.

Enquanto falava, certa coragem parecia irradiar-se daquele homenzinho calvo. Agora, suas faces estavam vermelhas e havia uma força evidente em suas palavras. Os outros não ousaram enfrentar Tommy, mas Fritz Rimer o fazia, embora isso lhe custasse a própria vida.

Tommy Same limpou a garganta e perguntou:

— Quando vou ter oportunidade de falar? Vamos ouvir este sujeito a tarde inteira?

— Você pode falar agora, Tommy — replicou Urah suavemente. — Fritz não está dizendo a verdade? Você pretende mesmo tomar conta de todo o negócio?

Tommy recostou-se em sua cadeira, franzindo as sobrancelhas:

— É como nos sindicatos, Arthur. Todos temos de ficar unidos, a fim de proteger-nos contra a lei, contra os parasitas e os ocasionais trapaceiros. Se todas as 36 bancas de aposta da cidade estiverem ligadas, formando uma espécie de sindicato, será melhor para todos.

— E é esse o seu objetivo?

— Apenas esse. Não estou forçando ninguém a abandonar o negócio. Quero somente oferecer valiosa cooperação e, como é lógico, receber em troca uma parte dos lucros.

— E fez alguma ameaça a Fritz?

— Olhe, já não estamos mais nos velhos tempos. Se eu quisesse ameaçá-lo, você acha que concordaria em submeter o caso à sua arbitragem? Al Capone ou qualquer outro dos antigos chefões alguma vez procederam assim?

— Você não é Al Capone — ponderou Arthur Urah, em tom suave.

— Não, mas sei bem a importância de nos mantermos unidos. Se Rimer se isola, em breve outros seguirão seu exemplo e o que será de nós? Voltaremos aos velhos tempos, quando a polícia estourava nossas bancas, uma por uma.

A discussão continuou assim por mais uma hora, cada um defendendo seu ponto de vista. Arthur Urah já ouvira tudo aquilo uma porção de vezes e sempre o diálogo assumia um tom desagradável que o aborrecia. Vulgares transgressores da lei, escória da sociedade, roubando seu tempo em um sórdido quarto de hotel, obrigando-o a ouvir seus sujos argumentos! Um ano antes ele agira como mediador em uma disputa sobre limites de ação de alguns dos maiores nomes do submundo do Brooklin e fora a pacífica solução daquela potencialmente perigosa desavença que

lhe granjeara a reputação de um árbitro entre quadrilhas rivais. Era uma reputação que ele nunca pretendera nem aceitara integralmente; apesar disso, ela se manteve e até aumentou com o decorrer do tempo, através de meia dúzia de outras disputas. Ele passou a ser Arthur Urah, o Árbitro de Desavenças, aquele que é chamado quando há uma carnificina que precisa ser evitada.

— É o bastante por hoje — disse ele finalmente, afastando sua cadeira da mesa. — Acho que já disponho das informações suficientes para tomar uma decisão.

— Quando? — perguntou-lhe Rimer.

— Deixem-me sozinho por uns minutos, para poder pensar melhor.

Os dois rivais se retiraram do quarto, Rimer para o corredor e Tommy Same para a saleta ao lado, onde a garota o esperava. Urah levantou-se e esticou as pernas, sentindo o peso de seus 53 anos. Caminhou até a janela e olhou para a rua, sete andares abaixo, totalmente deserta naquela tarde de domingo.

De súbito, enquanto permanecia junto à janela, ouviu o ruído de passos no tapete atrás dele. Era Tommy Same, que voltava para algumas palavras em particular. Colocou o braço sobre o ombro de Arthur Urah e começou a falar em tom de intimidade:

— Você e eu sabemos como resolver esses problemas, não é mesmo, Arthur? Uns pés-de-chinelo, como esse Rimer, têm de pensar às vezes que valem alguma coisa. Imagine só, nós nos sentarmos a uma mesa para discutir com um joão-ninguém, quando seria mais fácil arrancar-lhe os dentes a soco!

— Os tempos estão mudando, Tommy.

— É certo que estão. Por isso mesmo estou tomando conta de todas as bancas de apostas da cidade. Os tempos dos operadores independentes já se foram para sempre.

— Fritz Rimer não pensa assim.

Tommy retirou o braço. Era bem mais baixo que Arthur e em pé, assim tão perto, lembrava a Urah o filho desobediente que ele nunca tivera.

— Escute uma coisa, Arthur. Seja caridoso com Rimer. Diga-lhe que está perdido e salve a vida do pobre-diabo.

— Você está me dizendo uma coisa, Tommy, que não é bem o que estou acostumado a ouvir.

— Estou-lhe contando os fatos da vida nesta cidade. Procuro fazer com que todos se sintam felizes e pareçam respeitáveis, de modo que estou aceitando essa história de arbitragem. Entretanto, não posso aceitar

uma decisão desfavorável. Os outros 35 cairão fora, se Rimer ganhar esta parada. Não levará uma semana.

— É mesmo?

— De modo que, se você decidir contra mim, tenho de descontar Rimer. Estou contra a parede. Não me resta outro caminho.

— Você seria louco se tentasse isso.

— Arthur... já avisei Benny. Ele está esperando no saguão. Se você decidir que Rimer continua no negócio, ele não sairá vivo deste hotel.

Urah debruçou-se na janela, vendo passar lá embaixo um ou outro carro. As sombras já se alongavam na tarde que morria, anunciando a proximidade da noite.

— Saia — disse ele a Tommy. — Vou fazer de conta que não ouvi essas suas palavras.

— Como queira, Arthur.

Depois que ele saiu, o quarto voltou a ficar silencioso. Urah sentou-se novamente à mesa e começou a fazer umas anotações. Já estava mergulhado nessa tarefa durante uns 10 minutos, quando outro visitante entrou pela porta lateral.

Urah levantou os olhos e sorriu.

— Alô, Sal.

Sal Voigt era uma bonita loura, esforçando-se para não chegar aos 30. Na maior parte das vezes bem que o conseguia, graças a seu cabeleireiro.

— O que você anda fazendo ultimamente, Arthur?

— Quebrando galhos, acertando desavenças.

— Não estou falando a respeito disso. Você costumava aparecer seguidamente lá no clube.

— Isso já faz muito tempo. Agora andamos em círculos diferentes.

— Arthur...

— O que é?

— Ele me mandou falar com você. Acha que andou se expressando mal.

— E andou mesmo.

Ela trocou o pé de apoio e ficou olhando para o tapete surrado.

— Ele está numa situação difícil, Arthur. Se perder o controle dessas bancas de apostas, não será mais nada na organização. Não terá uma nova oportunidade.

Arthur Urah sacudiu os ombros.

— Talvez o ponham na rua e contratem Fritz Rimer em seu lugar.

— Não brinque, Arthur.

— Não estou brincando. Ele vai mesmo matar Rimer?

— Claro que não.

— Então por que trouxe Benny? Apenas para assustar as pessoas?

Ela acendeu um cigarro e deu uma longa tragada.

— Benny é uma reminiscência dos velhos tempos. Tommy o herdou, juntamente com uma porção de outras coisas da organização.

— Não todas.

— Ora, Arthur! Você não está numa daquelas grandes reuniões no Brooklin, cercado de chefões. Ninguém se importa com o que acontece aqui. Deixe Tommy tomar conta da banca de Rimer e todos viveremos em paz.

— Você disse, no começo, que os chefes de Tommy estão de olho no que ocorre por aqui. Isso, pelo menos, faz com que o assunto seja importante para ele.

— Quanto você quer para decidir em favor de Tommy, Arthur?

Urah esfregou os olhos com as duas mãos.

— Primeiro, Tommy; agora, você. O próximo será Benny, com seu revólver?

Ela não respondeu à pergunta e mudou de tática.

— Imagino que você dará sua decisão ainda esta tarde.

— Não há motivos para retardá-la. Na verdade, acho que você pode avisá-los para que venham agora.

Enquanto esperava que Rimer e Tommy Same aparecessem, Arthur viu o empregado da portaria meter a cabeça pela fresta da porta.

— Há uns homens esperando lá no saguão. Eles querem saber se isto aqui vai demorar muito.

— Não muito — replicou Urah, aborrecido com a intromissão. A presença de pistoleiros no saguão queria dizer que alguém o julgava incapaz de resolver a situação.

Fritz Rimer entrou sozinho, arrastando os pés sobre o tapete, sem jeito para encarar Urah.

— Vai ser contra mim, não vai?

— Não seja tão pessimista.

— Mesmo que eu ganhe, estou perdido. Ele vai me matar. Sei bem disso.

— Então por que o está enfrentando? Não seria mais fácil cair fora?

— Aquela banca é a minha vida. Não me conformo em vê-la desmoronar sem antes tentar resistir.

Tommy Same e Sal entraram também e a moça ficou em pé atrás da cadeira dele, enquanto aguardavam a decisão que seria proferida por Arthur Urah. O árbitro limpou a garganta e acendeu uma das lâmpadas da mesa, pois o quarto já estava ficando escuro com a aproximação da noite.

— Examinei os fatos — começou Urah — e procurei chegar a uma decisão imparcial.

Limpou novamente a garganta. Sally Voigt procurou chamar-lhe a atenção, como se quisesse avisá-lo de alguma coisa, mas Urah não olhou para ela.

— Minha decisão — continuou — é que Fritz Rimer tem direito a continuar no negócio, enquanto o desejar. Se quiser vender sua banca ou transferi-la para outra pessoa, ela passará a fazer parte do grupo de Tommy. Mas enquanto isso não acontecer, Rimer, continuará como seu único proprietário e dirigente.

Tommy recostou-se na cadeira e não disse nada. Rimer levantou-se, emocionado.

— Obrigado, Sr. Urah. Ganhei mas perdi. Esta decisão corresponde à minha sentença de morte.

— Você pode vender a banca para Tommy — lembrou Arthur.

— Jamais! Ele terá que me matar, se quiser ficar com ela.

— Isso é uma coisa que poderei providenciar — replicou Tommy, calmamente.

— Não haverá violência — ordenou Urah aos dois homens, mas, mesmo em seus próprios ouvidos, a frase soou sem autoridade.

Fritz Rimer dirigiu-se para a porta. Tommy Same levantou-se e seguiu atrás dele, mas Rimer voltou-se e todos viram que ele empunhava uma pequena pistola de prata. Parecia ser de calibre 22, uma arma feminina, talvez de propriedade da esposa.

— Vou-me embora — disse ele. — Vivo.

Entrou no corredor. Tommy correu atrás dele, com Arthur a seu lado. Quando Fritz estava a meio caminho, na direção do elevador, Benny apareceu na extremidade oposta do corredor. Ao ver a arma na mão de Fritz, imediatamente sacou seu revólver.

— Não! — gritou Sal. — Não atirem!

Mas era tarde demais para alguém escutar qualquer coisa naquele momento.

Benny disparou sua arma, sem sequer fazer pontaria, e o pequeno revólver respondeu como um eco. Tommy Same estava dando ordens, aos berros, quando, de repente, pareceu desabar nos braços de Arthur.

Ao escorregar para o chão, ainda procurou apoiar-se na mangueira enroscada em sua caixa na parede, mas as forças lhe faltaram e ele tombou de bruços.

— Tommy! — exclamou Sal Voigt, ajoelhando-se no chão ao lado dele e tentando virá-lo, mas viu, horrorizada, que sua mão, ao encostar nas costas dele, ficara toda manchada de sangue.

No fundo do corredor, Benny largou a arma e correu para a frente. Fritz Rimer permaneceu imóvel, mais aterrorizado do que nunca, depois se atirou dentro do elevador. O gerente do hotel chegou logo, convocado por alguns hóspedes que espiavam a cena pela fresta de suas portas. Chegaram também outras pessoas, os pistoleiros que Arthur Urah conhecia tão bem — Stefenzo, Carlotta e Venice, chefões no sindicato, com muito mais poder do que Tommy Same jamais sonhara ter.

— O que aconteceu? — perguntou um deles, contemplando o corpo estendido no chão.

Quem falava era Venice, um tipo elegante, quase bonito.

— Houve um tiroteio — explicou Urah cautelosamente. — Benny disparou sua arma contra Rimer, mas errou.

— Não tive intenção — murmurou Benny, aterrorizado demais para explicar-se melhor.

O gerente debruçou-se sobre o corpo.

— Está morto.

Alguém havia retirado Sally de perto do cadáver, mas se ouviam seus soluços. Um dos homens apanhou o revólver de Benny e o trouxe para o centro do corredor.

— Parece que o calibre é muito grande para o pequeno orifício nas costas de Tommy — observou alguém.

— Revistem todos — ordenou Stefenzo. — A moça também.

— Rimer desceu com seu revólver — disse Benny. — Foi ele, não eu.

Uma revista rápida feita em Arthur, Benny, Sally e no cadáver de Tommy não encontrou mais nenhuma outra arma. Havia apenas o 38 de Benny, além da pequena pistola que Fritz carregara consigo ao fugir.

— Não queremos a polícia metida nisto — recomendou Venice a Arthur Urah. — Pelo menos por enquanto. Vai ser duro convencê-la de que foi um acidente.

— Sem dúvida — concordou Arthur.

O corpo de Tommy Same foi enrolado num lençol e levado para dentro de um dos quartos.

— Veja todos os hóspedes deste andar — ordenou Stefenzo ao gerente. — Providencie para que nenhum deles bata com a língua nos dentes.

— Quase todos os quartos estavam vazios.

— De qualquer modo, verifique.

Arthur Urah afastou-se de Benny, ainda semiparalisado de medo, e entrou no quarto de Sally. Ela estava encostada na janela, olhando as luzes que se acendiam por toda a cidade.

— Ele está morto — disse ela, com voz incolor.

— Está.

— Então para que serviu toda aquela cena de arbitragem? No final das contas, tudo se resumiu em duas pessoas trocando tiros num corredor.

— Tentei evitar que acontecesse.

— Tommy tinha ambições demais. Esse foi o seu mal. Queria mais. Não 35 bancas, mas 36. Tudo para ele tinha de ser grande.

— Isso mesmo — concordou Arthur.

A moça se virou de repente e o encarou.

— O que fazia você antes? — perguntou. — Antes de começar a ser árbitro nessas disputas?

— Várias coisas. Frequentei uma faculdade de Direito.

— Mas eles confiam em você. Os dois lados.

— Espero que sim.

Pouco depois, ela o deixou e foi ver o corpo de Tommy, no quarto ao lado.

Venice entrou e sentou-se junto a Arthur.

— Tivemos de levar Benny — informou Venice. — Sempre foi um sujeitinho bem maluco.

— Também acho.

— Perigoso.

— Sem dúvida.

O telefone tocou e Arthur atendeu; depois passou o fone para o chefão do sindicato, que ouviu com toda a atenção. Após um momento, encostou o bocal no peito.

— Eles conseguiram encontrar Rimer. Está em casa, arrumando as malas, aparentemente se aprontando para fugir. O pessoal está perguntando se o queremos vivo ou morto.

— Vivo — replicou Arthur sem hesitar. — Já houve morte demais.

— Também acho — replicou Venice e, retomando o fone, ordenou:

— Traga-o para cá.

Arthur Urah suspirou e acomodou-se para esperar.

Uma hora mais tarde, eles estavam novamente reunidos no quarto, em torno da mesa de jogo. Rimer viera sob protesto e Benny fora trazido à força. O encarregado da recepção, Sally e os três chefões do sindicato estavam todos sentados, os olhos fixos em Urah, que expunha o motivo da reunião.

— O que temos aqui — começou ele — é um problema interessante. Não podemos, como faz a polícia, dissecar o corpo de Tommy Same e comparar balas com o auxílio de um microscópio. Não podemos fazer nada além de ouvir testemunhas e examinar fatos. Eu pessoalmente me achava no corredor e vi o que aconteceu. Para o que nos interessa é conveniente saber que há uma distância de uns 15 metros desde a porta do quarto de Tommy até o lugar onde estava Benny. Fritz se achava mais ou menos a meio caminho entre a porta e Benny, junto ao elevador, quando começou o tiroteio.

— Benny atirou na nossa direção — interrompeu Sally — ao passo que Fritz respondeu ao contrário, do lado em que estávamos na direção de Benny.

— E não houve um terceiro tiro? — perguntou Venice, intrigado.

— Não.

— Tommy cambaleou e caiu logo — prosseguiu Urah. — E assim temos uma situação que parece impossível. O ferimento indica que se trata de uma arma de pequeno calibre e qualquer pessoa pode afirmar isso, sem necessidade de encontrar a bala; todavia, a pistolinha de Rimer foi disparada em direção oposta, relativamente ao lugar em que se encontrava Tommy. O revólver de Benny, de calibre bem maior, disparado na direção de Tommy, teria aberto um grande ferimento no corpo dele.

Stefenzo fez ouvir seu vozeirão, levantando-se da cadeira.

— Entretanto, não houve outro tiro nem outra arma.

— Mas por que perdermos tanto tempo? — perguntou Carlotta. — A morte de Tommy foi um acidente, por mais que vocês discutam o caso. A bala ricocheteou na parede ou não sei onde. Vamos tratar de repartir sua área.

— Um momento — disse Sally. — Acho que não foi acidente. Fritz Rimer assassinou Tommy.

Eu não podia... — começou a dizer Rimer, mas calou-se.

Arthur Urah limpou a garganta.

— Fui convocado para decidir o problema da banca de Rimer e o

desejo de Tommy Same de ficar com ela. Sobre esse assunto, minha decisão desta tarde continua a mesma. A banca permanece sob o controle de Rimer e, uma vez que Tommy está morto, desaparece o problema dele querer esse controle com a possível morte de Rimer.

— Vocês podem ficar discutindo o tempo que quiserem — interrompeu Sally — mas estou interessada é em saber como Tommy morreu — acrescentou ela, saindo para o corredor à procura de algum indício, talvez um risco na parede.

— Vocês não precisam de mim para coisa alguma — disse Fritz Rimer. — Deixem-me ir embora daqui.

— Espere um pouco — objetou Carlotta.

— Tenho um negócio a concluir.

— Num domingo à noite? Espere mais um pouco.

— Deixe que ele vá — interrompeu Arthur Urah. — A morte de Tommy foi acidental.

Rimer retirou-se — um pequeno homem assustado. Depois, os outros resolveram o assunto pendente.

Durante a hora que se seguiu, o império de Tommy Same foi dividido. Arthur Urah limitou-se a ouvir, raramente tomando parte nas discussões. Essa não era a sua função, somente devendo manifestar-se em caso de discordâncias. Esteve por uns momentos na janela, depois se dirigiu para o quarto ao lado. Foi ali que se encontrou com Sally Voigt.

— Estive no corredor — disse ela.

— E daí?

— Se você olhar bem, pode ver as marcas que as balas fizeram na parede.

— Não me interessam esses detalhes — replicou Arthur, correndo o zíper de sua pasta. Já era tempo de ir para casa.

— Arthur... — começou Sally, hesitante.

— O que há?

— Eles ainda estão no outro quarto?

— Estão. O território tem de ser redistribuído.

— Redistribuído... Tommy morre e eles redistribuem seu território.

— A vida continua, Sal. Você sabe disso.

— E quanto ao corpo dele, embrulhado em um lençol, como uma múmia?

— Vão fazer um enterro decente.

— Nos depósitos de lixo de Jersey?

— Sal...

— O ferimento foi nas costas dele, Arthur. Nas costas! Tommy estava de frente para Fritz e Benny, mas você tinha ficado atrás. Ele se apoiou em você, antes de cair.

— O caso é que eu não tinha revólver.

— Não, mas tinha isto! — disse Sally, atirando sobre a mesinha que havia entre eles um furador de gelo. — Tommy não foi morto pela bala de uma pistola de pequeno calibre coisa nenhuma. Foi apunhalado com este furador de gelo, justamente no momento em que os dois dispararam suas armas, um contra o outro. Então, no momento em que nos curvamos sobre o corpo, você simplesmente enfiou o furador na boca da mangueira na parede do corredor... onde acabei de encontrá-lo.

— Você se intromete demais nas coisas onde não é chamada. O mundo não é feito para pessoas que metem o nariz em tudo, que descobrem furadores de gelo escondidos em velhas mangueiras.

— Você o matou, porque ele não aceitaria a decisão que você deu e porque iria pegar Rimer.

— Talvez eu o tenha matado para salvar a vida de Rimer, Sally.

— Vou agora mesmo contar tudo para eles, Arthur. Isso não me trará Tommy de volta, mas ao menos o vingará um pouco.

A moça se dirigiu para a porta, mas ele a deteve.

— Não faça isso, Sally. Escute uma coisa.

— Escutar o quê? As explicações do Árbitro de Desavenças, enquanto ele forja outra justificativa? Qual será ela desta vez, Arthur? O que farão eles, quando eu entrar lá e contar tudo? Vida ou morte?

— Você não compreende, Sal.

— Compreendo e vou botar a boca no mundo.

— Não precisa. Eles já sabem.

Ela ficou imóvel, apoiando-se na mesinha, encarando-o com olhos espantados.

— Eles já sabem?

— Você me perguntou, certa vez, o que é que eu fazia, antes de tornar-me árbitro. Fiz muitas coisas, Sally. Algumas delas com o auxílio de um furador de gelo.

— Não!

— Tommy estava querendo ficar grande demais. Eles queriam o território dele. Inicialmente pensaram que Fritz poderia fazer o serviço para eles, mas Fritz é um covarde. Quando percebi minha oportunidade, lá no corredor, tive de aproveitá-la.

— E toda aquela conversa, as investigações?

— Por sua causa, Sally. E também para descartar Benny.

— Se eles não tomam providências, tomarei eu.

Sally inclinou-se para apanhar o furador de gelo, mas Arthur simplesmente o empurrou com o pé para o chão.

— Vá-se embora, Sally. Não há de querer arranjar um ferimento.

— Desgraçado! Você é um desumano, Arthur! Um verdadeiro monstro!

Ele sorriu melancolicamente. Já fora chamado de coisas piores em sua vida. Apanhou o furador de gelo e o colocou dentro da pasta; depois, correu o zíper.

Deixou passar uns minutos, após Sally ter ido embora, e se dirigiu para o elevador. Ao passar pelo encarregado da recepção, fez um leve cumprimento com a cabeça e desapareceu dentro da noite.

## TESTEMUNHA

Lee Chisholm

Por um momento, a cena me deixou sem respirar. Logo a seguir, senti o sorriso afetado repuxar minha carranca e comecei a pensar no que os tiras iriam dizer. Eu havia parado para acender um cigarro e, ao ver que estava aberta a janela da butique grã-fina, dei com os olhos nela — nela e no cadáver, para ser exato.

Francine Boucher Stafford era uma das mulheres mais citadas nas colunas sociais, figura destacada do jet-set internacional e nome obrigatório em todas as citações das mais belas representantes da rica e famosa classe dos desocupados. A Sra. Harold Stafford era sobretudo digna de sua posição. Seu rosto era de uma brancura imaculada, destacando-se contra a moldura dos longos cabelos castanhos e todo o seu porte lembrava a imponência de uma antiga rainha céltica.

Bem, mas ao ficar imóvel, olhando para ela e conservando meu sorriso de idiota, quase me esqueci de que havia um corpo, bem visível na meia-luz da loja fechada, estirado no chão, com um punhal cravado nas costas e a bem manicurada mão de Francine Stafford segurando o cabo de madrepérola. Do lugar onde eu me encontrava, aquele corpo não merecia nem a metade de minha atenção, mesmo levando em conta o valor artístico do punhal, pois na verdade Francine era um espetáculo.

Possuo um táxi aqui em High City, ou melhor, possuía. O povoado é um balneário perto de San Francisco, constituído de chalés de veraneio,

todos muito grã-finos, com um lago artificial, campos de golfe — essas coisas, que fazem a delícia dos turistas. Nós, os nativos, refrescamos nossos pés no Arroio Dobson e combatemos o calor abanando-nos com o jornal, sentados na varanda do fundo. A presença da classe alta, construindo habitações modernas, criou melhores condições para a localidade e propiciou a instalação de lojas elegantes, as tais butiques e tudo o mais.

Mas voltemos à minha história. Onde é mesmo que eu estava? Ah, sim! Francine Boucher Stafford. Eu sabia que ela andava perto dos 40 anos, mas parecia ter mais de 30? Nem um dia a mais e era por isso que não me importei em olhar para o homem morto.

Eu o conhecia, como aliás todo mundo em High City. Era o tipo do sujeito que os jornais chamam de figura destacada e aquela Gold Rush Butique era onde ele ganhava dinheiro, vendendo à clientela feminina uma série de artigos de couro das mais variadas espécies. Seu nome era Martin Ulster. Usava cabelos longos, um bigode farto e roupas coloridas. E como eram coloridas! Imaginem um sujeito esguio metido numa camisa azul-celeste, tipo "fronteira da Velha Califórnia", com tiras de couro na altura do peito e calças de sarja cor de tijolo (que Deus me perdoe). Assim era Martin Ulster, de corpo delgado, nariz adunco, olhos negros e adorado pelas mulheres. Não me perguntem a causa. Um sério estudo sobre mulheres, durante boa parte de meus 36 anos, convenceu-me da inutilidade de explicações. Mas, falando sério, o sujeitinho aportou em High City há uns 18 meses, para abrir uma butique de artigos caríssimos, destinados às ricas e famosas damas que veraneavam em nosso povoado. E o que aconteceu? Qualquer pacata dona-de-casa local e respectiva filha se acharam na obrigação de ter um vestido Velha Califórnia, criação de Martin Ulster. Podem imaginar os preços!

Bem, vamos deixar isso de lado e imaginar esta cena extraordinária: eu, parado ali com meu sorriso idiota e pensando no que diria à polícia, mas sem tirar os olhos de Francine Stafford, enquanto debatia o que fazer: ir embora e esquecer tudo ou, cumprindo dever elementar de um bom cidadão, comunicar o crime. Infelizmente, fiquei sorrindo, namorando e hesitando por demais.

Em dado momento, a linda Francine está de joelhos, inclinada sobre o cadáver; no minuto seguinte já se encontra de pé olhando firmemente para mim — e que olhar! Parecendo uma tigresa, o corpo retesado, como se estivesse pronta para saltar pela janela, seus olhos verdes despedindo faíscas se fixaram nos meus. Era mais do que o bastante para assustar um pobre-diabo como eu. Senti-me como um pedaço de carne

crua enquadrado pela janela, o sol agonizante de fim de tarde atrás de mim, destacando meu vulto, enquanto o dela permanecia na sombra da butique, apenas com uma lâmpada acesa em algum ponto no gabinete ao fundo. Comecei a recuar, sentindo meu sorriso idiota transformar-se em um esgar de medo.

E o que fez ela? Simplesmente levantou a mão e apontou um dedo na minha direção, encurvando-o várias vezes, no gesto de quem está chamando, como se fosse uma professora de colégio infantil e eu um aluno fujão. Era demais para mim, podem ficar certos. Lembro-me de haver sacudido a cabeça, como se dissesse que ela estava brincando, mas aquela linda Francine bate o pé, sacode a cabeça e aponta energicamente para a porta, dando a entender que eu deveria entrar imediatamente.

Como um sonâmbulo, dirigi-me para a porta, que ela abriu pelo lado de dentro e, depois de puxar-me pela manga do paletó, tornou a fechar, correndo o ferrolho e afastando a cortina do vestíbulo.

Permaneci ali imóvel, sentindo-me deslocado naquele ambiente tipicamente feminino. Embora não seja um sujeito grandalhão, parecia que a sala era pequena demais para mim; meus pés afundavam no tapete e por toda parte havia fileiras de cabides com vestidos e toda a variedade de peças de roupa, sempre com adornos de couro. Não era bem o meu chão, como se costuma dizer.

Arrisquei um olhar para o vulto que jazia a um canto, perto da janela, e senti o suor correr no meu rosto. Engolindo em seco, desviei o olhar, compreendendo que, vista pelo lado de fora, a cena que parecia ser tirada de um filme de Hitchcock, patética mas com uma pitada de humor, era de todo diferente quando vista de perto.

A voz fria de Francine Boucher Stafford se fez ouvir, dominando a minha confusão.

— Isso não é o que você está pensando — disse ela rispidamente.

— Não, é claro que não — apressei-me em concordar, enfiando nos bolsos do casaco as minhas mãos úmidas de suor. Estava muito quente ali dentro e ocorreu-me que o aparelho de ar refrigerado estaria desligado, o que era natural, pois àquela hora a butique deveria estar fechada. Entretanto, com um cadáver ali. . . Não pude evitar um arrepio mental:

— Você sabe quem eu sou? — perguntou Francine Stafford, depois de haver dado uma volta para colocar-se à minha frente, as mãos na cintura de sua minissaia de couro, os seios firmes pulsando dentro da blusa enfeitada com couro.

Quinhentos dólares, foi minha estimativa olhando para a roupa

dela e ao mesmo tempo gaguejando uma resposta.

— Sim. . . quero dizer. . .

Ela estava firmemente no controle da situação, a belezoca, e deixei que ficasse assim, lamentando minha aquiescência em entrar na butique.

— Bem que me pareceu — disse ela, encarando-me com um olhar quase de repugnância. — Vi logo pela maneira como você me olhou pela janela. A gente sabe quando é reconhecida.

— Isso mesmo — repliquei, querendo ser amável. Molhando os lábios com a língua, arrisquei outro olhar para o cadáver.

— Já lhe disse que não é o que você está pensando e vou contar-lhe a verdade.

Notei que ela conservava a cabeça virada, de modo a não enxergar o corpo de Martin Ulster, e imaginei que, sob aquela atitude de calma, ela estava um tanto assustada.

— Cheguei aqui há menos de três minutos e o encontrei assim. Logo depois, você olhou pela janela e me viu. Naturalmente tive de fazer você entrar para explicar-lhe tudo, antes que desencadeie um alarme desnecessário e desaconselhável.

*Alarme desnecessário e desaconselhável*. . . Olhei para ela e parte de meu caradurismo deve ter-se revelado.

— Martin Ulster está morto — continuou ela, com voz calma. — Seguramente morto. Verifiquei isso pessoalmente. Não há nada que se possa fazer por ele agora. Mas há alguma coisa que você pode fazer por mim: não dizer nada a respeito do que viu aqui. Absolutamente nada. Não comunique à polícia. Vá-se embora como se nada houvesse acontecido.

— Em outras palavras, devo esquecer que vi a senhora aqui?

— Exatamente. Posso recompensá-lo, não como quem compra uma testemunha de um crime, mas para convencê-lo de que não tive nada a ver com isto. Martin e eu éramos amigos, até mais do que amigos. Sócios, você poderia dizer. Eu o entendia e ele me entendia. Ajudei-o a instalar esta butique, mas nossa associação era secreta. Você entende como essas coisas são feitas? — acrescentou ela, furando-me com aquele frio olhar verde, que significava volumes a respeito de como se faziam essas coisas entre ela e Martin Ulster.

— Claro — repliquei, esboçando o sorriso clássico de todos os motoristas de táxi do mundo.

De tanto guiar um táxi à noite, durante 10 anos, a gente se torna uma espécie de terceiro sócio de uma porção de associações secretas e aprende a receber boas gorjetas por manter a boca fechada. Assim,

deixei-me ficar ali, no calor daquela butique fechada, sentindo o suor escorrer pelas costas, enquanto me colocava atrás de uma fileira de vestidos pendurados, procurando esconder-me, uma vez que havia gente passando pela rua, e percebendo que a maior gorjeta de toda a minha vida estava tomando forma. Não seriam uns miseráveis 10 ou 20 dólares, postos discretamente na minha mão, com uma piscadela de olho. Desta vez eu acertara na mosca e iria tirar o maior partido possível da situação. Pouco me importava se Martin Ulster estava vivo ou morto, mas dinheiro. . . bem, agora já são outras conversas.

— Ótimo. Vejo que é um homem compreensivo, Sr.. . . Francine chegou-se mais para perto de mim, ocultando-se também atrás dos vestidos pendurados, e olhou firme para meu rosto, ou talvez fosse melhor dizer, através do meu rosto. É uma grande mulher, pensei, uma amazona com um verniz de cultura por cima, se é que me entendem. Esperou que eu lhe dissesse meu nome.

— Vamos fazer de conta que me chamo Sr. Anônimo. Não quero que a senhora se arrependa um dia e me faça a Vítima Número Dois.

— Ora, seu grande idiota! Não seja estúpido! — exclamou, os olhos verdes faiscando, e senti que ela estava prestes a ter um de seus famosos acessos de furor; todavia, conseguiu controlar-se. — Com que então você ainda não acredita em mim?

— Olhe, o que importa se acredito ou não? Segundo meu ponto de vista, o crime tem todo o jeito de ter sido praticado por uma mulher. Apunhalar pelas costas, com um bonito punhal de cabo de madrepérola é justamente o tipo de coisa que uma dama faria. Este tal de Ulster era um conquistador volúvel. Muitas mulheres enciumadas ficariam felizes em vê-lo exalar o último suspiro, simplesmente porque ele se havia cansado delas e foi pastar em campinas mais verdes. *O inferno não tem tanta fúria como uma mulher desprezada.*

— Com que então você lê poesias também? — comentou ela, olhando-me friamente, com uma expressão de manifesta repugnância em seu rosto e uma chispa de desprezo em seus olhos, ante meu surrado casaco de xadrez e as joelheiras em minhas velhas calças sem vinco. — Quem é você? Um pobre filósofo perdido por aí?

— Não, senhora — repliquei, retomando meu sorriso de idiota, que sempre dá ao interlocutor a certeza de que não passo de um inofensivo. — Apenas um homem pobre.

Ouvi o suspiro de alívio na respiração dela, como se me dissesse claramente que pessoas estúpidas como eu eram fáceis de serem trata-

das. Podíamos ser compradas e vendidas, coisas que ela estava em condições de fazer. Esperei, como um bom sujeito estúpido, pelo pagamento, enquanto ela abria a enorme bolsa que trazia pendurada no ombro e tirava a carteira.

— Tome — disse, esvaziando quase completamente a carteira em minhas mãos. — É tudo o que tenho. Pode levar.

Com auxílio da luz escassa que vinha do fundo da loja, pude ver cinco notas de 100 dólares, duas de 20 e uma de 10. Um desolado silêncio traduziu meu desapontamento.

— Por favor — insistiu ela amavelmente. — É tudo o que tenho comigo. Tenho de ficar com estas — e mostrou-me duas notas de 20, ainda na carteira — para poder voltar para a cidade. Há uma grande recepção lá esta noite, um importante acontecimento social promovido por uma arrivista. Eu planejara não comparecer e até já havia comunicado, mas agora preciso ir, ter meu retrato nos jornais, ser vista. . .

Sua voz se tornou hesitante e sua necessidade de sair da High City e aparecer longe dali, em San Francisco, ficou como um obstáculo entre nós, sendo embaraçoso para uma pessoa como Francine Boucher Stafford rebaixar-se a uma posição como essa.

— A senhora poderia voltar a tempo — arrisquei — mas certamente seria reconhecida no aeroporto.

— Não vou regressar de avião — replicou ela. — Estou guiando o carro de minha empregada.

Veja só, pensei eu. A gente aprende sempre mais alguma coisa a cada minuto. É desse modo que essas grã-finas da alta sociedade dão as suas voltinhas. Guiando o carro da empregada e provavelmente também usando a carteira de habilitação, se necessário. As empregadas, como os motoristas de táxi, têm de ser muito compreensivas — desde que o preço compense.

— E então? — perguntou ela, impaciente, a voz já um tanto aguda.

— Então o quê? — repliquei, trocando de pé e cruzando os braços sobre o peito, como alguém preparado para esperar, embora a sala já estivesse bastante quente e meus próprios nervos mais esticados que as cordas de um piano Steinway. Eu sabia que ela se encontrava em posição desvantajosa e que poderia conduzir o negócio segundo meus termos, *desde que* fosse capaz de conservar minha mente e meus olhos afastados do vulto escuro no chão, perto da janela.

— Bem. . . é um trato. Você fica com o dinheiro e não conta nada e nós *dois* vamos embora daqui.

Imaginei que ela havia percebido a falsidade de minha pose de indiferença, mas os trunfos ainda estavam comigo e ela sabia disso.

— Não, nada disso — repliquei, como se tivesse pensado maduramente sobre o assunto. — Há uma porção de coisas em jogo nesta história: sua imaculada reputação de a *Intocável Sra. Harold Stafford*, de uma família tão ilustre, etc, etc, situada acima e além do resto de nós, pobres restolhos da humanidade; e a minha própria reputação, como um cidadão honesto que sou.

— Em que você trabalha? — interrompeu ela asperamente.

— Guio um táxi, madame — respondi, esforçando-me para demonstrar o maior orgulho que a situação permitia, muito mais que nós, motoristas de táxi, temos fama de fazer negócios escusos e de falta de sensibilidade.

— Eu devia ter desconfiado — disse ela friamente e seu desprezo teria enrugado as costas de um crocodilo. — O que quer você, então?

— Acho que o meu silêncio, nesta infeliz situação, vale bem mais do que 550 dólares. Um *bocado* mais, se a senhora entende o que quero dizer.

Olhei-a com aquele jeito especial de motorista de táxi, um jeito que já havia colaborado anteriormente para incentivar a generosidade de certos fregueses.

— Explorador — disse ela. — Explorador parasita.

— Como quiser — repliquei, disposto a ser amável e cavalheiresco até o fim. — De modo que, para começo de conversa, que tal esse pedaço de gelo que a senhora usa no seu terceiro dedo da mão esquerda? Parece ser aquele diamante Foxworth de que tanto os jornais falaram. Encaminhado através de certos canais que conheço e talvez tendo de ser cortado, ele não valerá os milhões que seu maridinho pagou ao comprá-lo, mas mesmo assim, a ninharia que eu conseguir vai assegurar uma tranquilidade para o resto de minha vida. Não a de seu estilo, Sra. Stafford, mas a do meu. Sou um sujeito de hábitos simples. . .

Agora era a vez dela.

— Você deve estar gracejando — disse ela zombeteiramente. — Esta é uma imitação, mas ainda que fosse o verdadeiro diamante Foxworth, *mesmo que fosse* — e fez uma pausa para dar um efeito especial às palavras — eu não poderia dá-lo nem vendê-lo por minha própria iniciativa. Harry, o meu marido, imediatamente perguntaria por que eu não o estava usando. Todo mundo notaria!

— Mas por que a senhora não pode simplesmente continuar usan-

do a imitação? Quem perceberia que não se tratava do original? Esta cópia é muito bem-feita.

— Não adianta. Notariam logo.

Dito isso, ela mergulhou numa espécie de silêncio contemplativo e compreendi que deve haver medidas de segurança que as pessoas ricas e famosas têm de tomar para proteger suas preciosas bugigangas, medidas estas que nós outros, pobres coitados, desconhecemos e que eu, lá embaixo na escala social do formigueiro humano, sequer imaginava. O que seria que ela era obrigada a fazer? Colocar a mão em frente a um aparelho de raios X à noite, antes de deitar-se, para ter certeza de que a pedra que estava usando era a verdadeira? Ou teria em casa um joalheiro, atento e prestimoso, como uma espécie de gnomo protetor, que todas as noites iria ao quarto dela para verificar cada pulseira e cada anel, com uma lupa grudada no olho? Qualquer que fosse a solução, eu sabia que estava fora de meu alcance e, a julgar por seu silêncio, fora do dela também.

Suspirei, dei adeus a um quarto de milhão de dólares que eu poderia ter abocanhado naquela brincadeira e, como quem não quer nada, arrisquei outro palpite:

— Mas esse aí é o verdadeiro diamante Foxworth, não é?

Ela respondeu que sim, com um movimento de cabeça, o olhar assustado.

Devo registrar, em favor dela, que falava a verdade e, mesmo numa situação difícil como aquela, não tentava tapear-me. Acho que ela sabia que não teria êxito.

— O anel está fora de cogitações — disse secamente.

— Não, não está. A senhora pode perdê-lo. Em outras palavras, deixa-o comigo, como garantia. Então, desesperada e aflita por sua grande perda, a senhora oferece uma substancial recompensa e quem se apresentaria para recebê-la, senão um pobre mas honesto motorista de táxi, que achou o anel quando limpava o banco de trás de seu carro? Sugiro que a recompensa seja condizente com o valor do anel perdido, e não um benevolente tapinha nas costas, caso em que o tal pobre mas honesto motorista não teria incentivo bastante para apresentar-se. Isso quer dizer que a senhora tem de ser generosa. Dessa maneira, todos ganhamos. A senhora recebe o anel de volta, eu embolso a substancial recompensa e ninguém sai prejudicado.

— Não, isso não funciona — disse ela e percebi que sua respiração estava mais acelerada, porque o cérebro passava a trabalhar mais ativamente. — Eu teria que anunciar a perda amanhã. Você chegando com o

anel revelaria que estive aqui em High City hoje, justamente o que estou querendo esconder. *Oficialmente*, já faz dois meses que não venho aqui.

Com muito pesar, senti-me obrigado a dar-lhe razão.

— Você tem de confiar em mim — disse ela bruscamente. — Farei neste fim de semana uma visita de surpresa a uns amigos que tenho aqui. Uma vez que ninguém estará me esperando, tomarei um táxi à chegada. O seu táxi. Aí então poderemos desencadear o plano.

Olhei para ela com admiração. Que calma! Estava encurralada, mas conservava o sangue-frio e acreditei nela. Entretanto, para mostrar que era o diretor da cena, entrei em detalhes:

— Está bem. Vou esperá-la no vôo das oito e meia da noite de sexta-feira e é bom que a senhora não o perca. Amanhã bem cedo partirei para uma longa pescaria, de modo que não ficarei sabendo da morte de seu amigo Martin Ulster. Regressarei na sexta-feira, que é o melhor dia para os motoristas de táxi, por causa da chegada dos turistas. Se a senhora não estiver naquele avião, passarei na delegacia e contarei como fiquei chocado com a morte do pobre Martin, de que somente agora acabara de ter conhecimento, porque estivera fora da cidade, pescando. Acrescentarei que me pareceu ter visto, na tarde de segunda-feira saindo da butique de Martin, uma famosa dama do jet-set. . .

— Você não precisa ameaçar-me — disse ela friamente, mimoseando-me com outro olhar de desprezo que, sob circunstâncias diferentes, me deixaria seriamente chocado; entretanto, como se tratava de negócios, ela com certeza não estava querendo ofender-me pessoalmente.

— Na sexta-feira à noite estarei usando uma peruca de encaracolados cabelos castanhos e um vestido cor de laranja, de modo que não terá dificuldade em reconhecer-me. Não creio que alguém mais o faça, mas, em todo caso, não deveremos arriscar.

Concordei com um movimento de cabeça, satisfeito por estar tratando com uma mulher capaz de pensar em detalhes, mas depois imaginei que tais manobras de disfarce não eram novidade para ela.

— Agora, vamos cair fora daqui — disse ela, mais uma vez em pleno comando da situação. — Você sai na frente. Rasteje até à porta dos fundos, para não ser visto à luz do gabinete. Farei o mesmo, depois de colocar esta peruca preta.

Ela já estava retirando do fundo de sua bolsa uma espécie de carapinha africana. Fascinado, ao invés de mexer-me, fiquei admirando aquela transformação. Perucas, concluí, servem para uma porção de coisas convenientes.

— Vá! — ordenou ela, fuzilando-me pela última vez com aqueles olhos verdes, agora emoldurados pela cabeleira negra. — Vá embora! E não corra, quando chegar lá fora. Apenas caminhe despreocupadamente.

— Sim, senhora — murmurei, caindo de joelhos para afastar-me dela e do cadáver de Martin Ulster, rastejando o mais rapidamente que podia. Saindo pela porta dos fundos, parei por um momento nas sombras da aléia, enchendo os pulmões com ar fresco. Depois, obedecendo às ordens religiosamente, resisti à vontade de sair correndo. Ao invés disso, procurei caminhar normalmente, como os demais pedestres, pela rua pouco movimentada. No meu bolso direito estava o confortador maço de notas totalizando 550 dólares e, à parte o fato de minha camisa estar molhada de suor, achei que me saíra muito bem na minha pequena escaramuça com o crime.

A pescaria esteve ótima. Descobri um recanto em Nevada, perto de Tahoe e lá fiquei como um rapazinho bem comportado, conforme prometera, com meu velho caniço dentro d'água e sonhando com a gorda recompensa que iria receber, graças à minha boa estrela e à existência de mulheres ricas e romances secretos que tinham de ser mantidos em segredo a qualquer preço.

No caso, o preço foi de 100 mil dólares. Nada mau, não acham? Talvez tenham lido a manchete nos jornais: MOTORISTA DE TÁXI RECEBE GORDA RECOMPENSA! Ou mesmo visto quando fui entrevistado na televisão. Não contei muita coisa, limitando-me a sacudir a cabeça e expor meu sorriso de idiota, murmurando que mal podia acreditar no que estava acontecendo. Repetidamente expliquei que foi apenas por acaso que esvaziei em casa as sacolas de plástico que uso no táxi, para que os passageiros depositem maços vazios de cigarro e coisas assim; geralmente faço isso na garagem, onde o lixo é recolhido dia sim, dia não, enquanto que em casa é apenas uma vez por semana. Mostrando-me admirado de minha memória, disse aos repórteres que eu havia tido Francine Stafford como minha passageira em High City (embora na ocasião eu não soubesse que era ela); que fiquei pensando nas sacolas de plástico que mantenho penduradas nos trincos das portas traseiras do táxi e o que havia acontecido naquela noite; que eu me apressara a voltar para casa e olhar na lata de lixo, descobrindo logo o diamante brilhando à luz do sol.

Francine Boucher Stafford, entrevistada por uma rede de TV, quando ela e seu idoso e aristocrático marido embarcavam em um avião, para uma longa excursão pela Europa, contou que, tendo assoado o nariz, colocara dentro da sacola o lenço de papel que usara, sem perceber que,

ao mesmo tempo, o anel lhe escorregara do dedo. Acrescentou quase haver chorado de gratidão ante o gesto daquele desconhecido motorista de táxi em High City, que restituíra a mais preciosa jóia que ela possuía, por ter sido um presente de seu *querido Harry*. Quem não assistiu a esse programa de TV, não sabe o espetáculo que perdeu. Ela bem que merecia ter seu nome indicado para um Oscar, em virtude da excelência de seu desempenho.

Mas vamos esquecer isso. Viver e deixar viver é como sempre digo. Não sou dos que se preocupam com ninharias, muito mais que agora de certo modo pertenço à classe dos ricos e possuo uma butique tipo Velha Califórnia. Não, nada de artigos de couro para mulheres. Isso ainda não está nas minhas cogitações. Comprei uma loja de perucas, imaginem só,! Perucas tanto para homens como para mulheres. Artigos de qualidade, capazes de cobrir mais do que uma careca luzidia. Vou indo muito bem, embora a decisão de entrar nesse ramo de negócios fosse uma espécie de gesto sentimental de minha parte, em reconhecimento ao papel que as perucas representam em minha boa sorte. Já estou bem familiarizado com as diferentes finalidades das perucas e aprendi a distinguir entre uma cabeleira de dama antiga e outra moderna, entre uma black e longos cabelos lisos. Entretanto, não permaneço muito tempo na loja. Deixo-a entregue a um gerente.

Passo a maior parte do tempo viajando com minha mulher, Mary. Ela sempre desejou conhecer o mundo sentada no banco de trás de um táxi, não no da frente, perceberam? Agora estou em condições de lhe dar esse prazer, com alguém que não eu sentado ao volante. Ademais, Mary ficou muito abalada com a morte de Martin Ulster, o misterioso crime de High City e suas implicações. Uma fuga da rotina doméstica lhe fez muito bem, especialmente porque ela planejara fugir mesmo — não comigo, mas com Martin.

É para se ver. A minha Mary, pequena e esbelta, com seus sedosos cabelos louros e seus grandes olhos azuis. . . Era ela — e não uma daquelas sofisticadas damas da alta sociedade — o grande amor da vida de Martin Ulster. Ele confessou-me isso poucos minutos antes de morrer. E conforme eu lhe disse (no momento em que o derrubava com um bem aplicado soco no plexo solar e outro no ouvido direito, quando ele ia caindo), foi uma infelicidade para ele que tivesse escolhido a minha mulher, porque não sou do tipo dos que entregam as fichas facilmente. Foi uma sorte que ninguém tivesse olhado pela janela e nos visse lutando na parte da frente da butique fechada. Nesse caso, a testemunha a ser comprada

teria sido outra e me caberia o papel de pagador.

Mas as coisas acontecem para o melhor, como costumo dizer. No momento em que ele caiu, vi aquele punhal que enfeitava a vitrine e o cravei em Martin. Ficou parecendo um gesto próprio de uma mulher ciumenta e, conhecendo a reputação dele, procurei despistar o melhor que pude. É justo acrescentar que, quaisquer que tenham sido seus pecadilhos, fiquei-lhe devendo a cavalheiresca discrição que manteve em absoluto segredo a sua ligação com Mary.

Foi apenas um desses golpes de sorte, que fez com que, ao passar mais tarde com meu táxi em frente à butique, eu tivesse parado para acender um cigarro e retomar a calma. Quando levantei os olhos, vi uma mulher inclinada sobre o cadáver, uma mulher que não podia ser vista e que tinha dinheiro para comprar uma testemunha. Coube a mim, por puro acaso, ser a única pessoa a testemunhar o mesmo crime duas vezes naquela noite.

## CAFÉ DA MANHÃ NA CAMA

Maeva Park

Alfred parou no lado de fora da porta do quarto 321 e, antes de bater, alisou seus ondeados cabelos negros. Enquanto aguardava resposta, verificou cuidadosamente o carrinho que trazia a refeição da manhã da Sra. Galbraith: o prato de ovos mexidos, as torradas, o bule de café, o pequeno pote de geléia, tudo sobre a bandeja de prata e coberto por um guardanapo engomado e imaculadamente branco. No canto da bandeja, enfiada em um vasinho de prata, uma rosa vermelha. Era o detalhe carinhoso dele.

A Sra. Hortense Galbraith gostava de Alfred e era uma mulher rica. Por várias vezes, naqueles três anos em que ele a vinha servindo, Alfred recebera generosas gorjetas. Agora, porém, ela finalmente se decidira por alguma coisa substancial, que o libertasse daquela vida de subserviência, colocando-o na posição que merecia. Alfred era um jovem que apreciava as coisas boas da vida.

Na véspera, quando trouxeram o almoço da Sra. Galbraith, ela ainda estava na cama, sua ridícula cabeleira vermelha destacando-se contra a brancura da fronha. A Sra. Galbraith sofria do coração e precisava levar uma vida muito calma.

— Ora viva, Alfred! — dissera ela alegremente. — Como você está com ar saudável! — Ao ver o ramo de flores que ele pusera na mesa, acrescentara: — Você está-me acostumando mal, mas adoro ser tratada

assim.

Ela o fizera sentar-se e ouvir mais algumas de suas incoerentes histórias dos velhos tempos, quando ela e seu irmão gêmeo, Horace, eram crianças. Alfred já ouvira essas histórias uma porção de vezes, desde que a Sra. Galbraith viera morar no Blystone Hotel, mas sempre a escutava com a maior atenção.

— Sempre andávamos juntos — queixava-se ela. — Gostávamos das mesmas coisas. Quando me casei, antes dele, fui morar em San Francisco e tive apendicite. Vinte e quatro horas mais tarde Horace foi operado de apendicite aguda. O que você acha disso?

Ela alisara a colcha de tafetá com seus velhos dedos cheios de anéis.

— Logo que eu me sentir melhor, irei a Chicago, visitar Horace. Ele é tudo o que me resta no mundo, agora que Francis, o meu marido, se foi. E sou também tudo o que Horace tem, exceto uma sobrinha e um sobrinho de Isabel.

Depois o rosto dela se iluminara e ela envolveu Alfred com um olhar brejeiro, que o fez pensar que a velhinha deveria ter sido muito provocante no seu tempo.

— Não vou deixar-lhe uma gorjetinha qualquer, quando me mudar daqui do hotel — dissera ela misteriosamente. — Tenho uma idéia melhor. Um jovem prendado como você deve ter um empurrão na vida. Hoje fiz meu testamento. Irei dar mais uma olhada nele esta noite e, amanhã de manhã, encaminhá-lo a meu advogado.

Recordando essa cena da véspera, Alfred endireitou o nó da gravata e bateu novamente. Como não obtivesse resposta, abriu a porta e empurrou o carrinho. Às vezes a Sra. Galbraith tinha de ser acordada para tomar na cama o seu café da manhã.

Na ponta dos pés, ele se aproximou para colocar a bandeja na mesinha portátil, atravessada sobre as pernas da Sra. Galbraith, e despertá-la delicadamente.

— Acorde, Sra. Galbraith. Está na hora do café da manhã, Seus grotescos cachos vermelhos estavam esparramados sobre a brancura do travesseiro. A respiração de Alfred tornou-se ofegante.

— Ela está morta — murmurou ele para o quarto vazio.

Enquanto tomava o magro braço para sentir-lhe o pulso, Alfred correu os olhos pelo suntuoso quarto do hotel. Lá estava o baralho de cartas na mesinha de jogo, o fino xale de seda vermelha deixado no encosto da cadeira e, sobre a cômoda, a fotografia do irmão gêmeo, Horace — um homem de aspecto distinto, usando óculos sem aros.

A escrivaninha estava cheia de cartas e revistas. Alfred olhou mais uma vez para o rosto imóvel da Sra. Galbraith, tomado pela palidez da morte. Depois, aproximou-se lentamente da escrivaninha e começou a examinar a pequena pilha de cartas já seladas, prontas para serem colocadas no correio.

Em menos de um segundo encontrou o que procurava — um longo envelope endereçado ao advogado dela, Silas Benton, mas ainda não selado. Era o testamento da Sra. Galbraith, escrito com sua mão trêmula, com data do dia anterior e testemunhado por duas camareiras. Redigido em linguagem legal, o documento pareceu a Alfred muito correto e detalhado. Primeiro, as doações de jóias, fotografias e objetos de família a um primo distante; depois, *tudo o mais que possuo deixo ao meu bondoso e jovem amigo Alfred White, que me serviu com tanta dedicação durante o tempo em que me hospedei no Blystone Hotel.*

Com o coração batendo aceleradamente, Alfred permaneceu imóvel, com os olhos grudados no documento. A Sra. Galbraith estava morta e ele era um homem rico.

Tornou a olhar para a cama. A Sra. Galbraith tinha os olhos fixos nele.

Trêmulo, Alfred colocou o testamento sobre a escrivaninha e aproximou-se da cama. Era verdade. Os grandes olhos azuis estavam abertos e não se desviavam do rosto dele. Alfred se inclinou para perto dos lábios trêmulos da velhinha.

— Quase que me fui desta vez — sussurrou ela. — Chame o médico, Alfred. Rápido.

— Sim, senhora — replicou ele obedientemente, procurando o telefone que se encontrava sobre a mesinha-de-cabeceira. Voltou a olhar para a Sra. Galbraith. Realmente, era uma notável mulher. Mesmo sem a assistência do médico, as cores estavam voltando ao seu rosto. Alfred percebeu que, mais alguns minutos, e a *falecida* voltaria ao normal e ele continuaria um garçom pobretão, com algumas desagradáveis dívidas de jogo e uma grande vocação para desfrutar as coisas boas da vida. Ainda faltava talvez muito tempo para a Sra. Galbraith morrer. Entrementes, se lhe desse na telha — considerando que era uma mulher caprichosa — poderia facilmente alterar seu testamento em favor de outro tipo de serviçal atencioso.

Alfred permaneceu imóvel, fitando aquele rosto macilento e aqueles olhos que agora se fechavam novamente. Era realmente uma máscara de morte. A sobrevivência se resumia em uma questão de dias, talvez

semanas, mesmo com a máxima assistência. Seria até uma caridade para ela, ajudando-a a acabar com sua agonia.

Alfred apanhou um dos travesseiros e o conservou apertado durante certo tempo contra o rosto da Sra. Galbraith. Não foi preciso muito. Ele se consolou com a idéia de que ela quase se fora, poucos minutos atrás.

Desta vez, procurou certificar-se de que estava tudo acabado mesmo; verificou a falta de batidas do coração, a frieza da pele e a respiração parada, para o que valeu-se do teste do espelho, como havia lido em uma novela. Não havia o mais leve sinal de umidade no espelhinho de mão que ele encostou nos lábios da Sra. Galbraith.

Alfred deixou a bandeja onde a colocara e voltou à escrivaninha. Apagando as impressões digitais nas coisas em que tocara, prevenindo o caso de surgir alguma suspeita quanto à morte da velha senhora, ele pôs novamente o testamento no comprido envelope e o selou. Depois, certo de que ninguém o vira, depositou o maço de cartas no tubo que existe nos hotéis, junto ao elevador.

Satisfeito consigo mesmo, Alfred achou que agora não havia dúvida de que algum advogado inescrupuloso pudesse anular aquele testamento. Ademais, Sara e Maise, as duas camareiras, não deixariam de declarar que haviam servido como testemunhas do último testamento da Sra. Galbraith, embora não tivessem ficado sabendo o que nele continha. Alfred decidiu que daria às duas um pequeno presente, depois que entrasse na posse do dinheiro. A seguir, tendo verificado ainda uma vez que a velha senhora estava realmente morta, foi ao telefone e chamou a portaria.

— Aqui é Alfred, no quarto 321. Acho que a Sra. Galbraith está muito mal ou mesmo morta. É bom que chamem o médico da casa.

Quando o Dr. Hoffman chegou, Alfred se encontrava de sentinela à cabeceira do leito, como se quisesse proteger o cadáver da Sra. Galbraith contra os curiosos ou insensíveis.

— Pobre velhinha — disse ele ao médico. — Trouxe-lhe café da manhã, como venho fazendo todos os dias, mas ela nem chegou a acordar para tomá-lo.

O médico concordou com um sinal de cabeça e iniciou seu exame.

— Ela está morta, realmente — declarou minutos depois, guardando o estetoscópio em sua maleta. — Eu sabia que o coração dela não resistiria muito tempo. Entrarei em ligação com o colega que a atendia e com o advogado.

Depois que levaram o corpo da Sra. Galbraith, Alfred voltou para

seu trabalho até o fim do turno da manhã. Passado o intervalo de três horas, ele deveria retornar às suas funções, para atender o jantar.

Naquela noite ele pôs seu casaco branco mais engomado, as calças com o vinco mais perfeito e os sapatos mais lustrosos e mergulhou em seu mundo, disposto a gozá-lo.

Ao passar por uma agência de automóveis, parou para admirar os novos carros, cujas linhas arrojadas sugeriam velocidade e conforto. Decidiu então que a primeira coisa que compraria, depois de receber a herança, seria um automóvel. Já andara a pé e de ônibus mais do que o suficiente. Sempre que ganhava algum dinheirinho extra, para dar como entrada na compra de um carro, acabava perdendo-o nas corridas de cavalo ou no pôquer. Não, para uma pessoa como ele, a solução era o dinheiro à vista e, pela primeira vez em sua vida, isso iria ser possível.

O vidro polido da vitrine da agência refletiu a imagem dele, jovem, audacioso, bem-apessoado. Em breve entraria na posse das coisas que um homem como ele merecia.

A Tabacaria Herbie apresentava como sempre um aspecto misterioso e reservado. O homem sentado no tamborete atrás do vidro do guiché parecia um Buda gordo e sério, com um grande charuto na boca e os olhos como duas pequenas fendas. Era o único homem de confiança de Herbie, o sujeito que a polícia prendia de quando em vez, como o responsável pela banca de jogo. Herbie pagava a fiança e Biff era solto, para ser preso novamente alguns meses mais tarde, com monótona regularidade.

Reconhecendo Alfred, ele o deixou entrar para a sala de trás, onde eram feitas as apostas. Esta sala, em que havia charutos não nas prateleiras, mas apenas entre os dentes dos jogadores, estava cheia de fumaça e dos ruídos de vários rádios e de meia dúzia de telefones funcionando ao mesmo tempo.

— Alô, Herbie — saudou Alfred. — O que há de bom hoje?

Herbie, com seu ar enganadoramente ingênuo, dirigiu a Alfred um sorriso gelado.

— Vou-lhe dizer uma coisa que não é boa. Seu crédito acabou. Você já me deve demais. É tempo de pagar.

Alfred olhou em torno de si cuidadosamente, mas ninguém estava prestando atenção à presença dele: cada jogador se preocupava com suas apostas e nada mais.

— Olhe, Herbie — disse em voz baixa — posso abrir-me com você, por causa de sua reputação de ouvir e ficar na moita.

A expressão do rosto de Herbie era de aborrecimento e ele soprou

uma baforada de fumaça no nariz de Alfred.

— Estou falando sério, Herbie! Uma velha senhora, a quem eu atendia no hotel, morreu hoje e tenho provas de que meu nome consta de seu testamento. Ela era rica e vivia como uma rainha. Tudo o que tenho a fazer é esperar a abertura do testamento; enquanto eles não me pagam, posso sacar por conta do que vem aí.

Herbie sacudiu os ombros.

— Vou arriscar — disse laconicamente.

Alfred fez suas apostas, depois deixou a casa de jogo de Herbie e prosseguiu em seu passeio. Sentia-se como um passarinho. Se tivesse um pouquinho de sorte nas apostas que fizera, poderia enfrentar suas dívidas até receber o legado do testamento. Logo depois, ficaria em condições de mudar-se para um lugar mais excitante — Las Vegas, por exemplo — onde gastaria seu dinheiro com belas garotas e outras coisas que fazem a vida digna de ser vivida e com as quais ele até então apenas sonhara.

Por um breve instante, reviu os olhos suplicantes da Sra. Galbraith, gemendo sobre os travesseiros, mas tratou logo de livrar-se desses maus pensamentos. Afinal, não lhe fizera mais do que um favor. Ela era muito velha e doente, todos os seus parentes e amigos já tinham morrido, exceto o irmão gêmeo que, obviamente, era tão velho e cansado quanto ela.

Ademais — e essa idéia o deixava em paz com sua consciência — ele tornara os três últimos anos de vida da Sra. Galbraith bastante agradáveis, com sua adulação, seus pequenos presentes, sua boa vontade em escutar as repetidas histórias de sua longínqua mocidade e beleza, suas viagens, suas conquistas.

Quando Alfred chegou de volta ao hotel, para jantar antes de retomar o serviço, sentia-se como um milionário, embora tivesse apenas uns níqueis no bolso.

O ambiente do hotel estava um tanto triste naquela noite. A velha Sra. Galbraith era uma figura muito conhecida no luxuoso e calmo saguão e nos bons tempos em que ainda frequentava o restaurante.

Alfred respondeu os votos de pesar de vários hóspedes, murmurando com voz grave frases como: *Realmente, era uma pessoa maravilhosa. Sim, foi um choque terrível, servindo-lhe o café da manhã na cama e descobrindo que ela estava morta.*

Sentia-se quase como o desolado filho de uma rica mulher, recebendo as condolências de amigos e conhecidos. A semelhança era completa, uma vez que incluía também a herança.

Na manhã seguinte foi divulgado que a morte da Sra. Galbraith se

devera a uma causa de que todos suspeitavam — um ataque de coração. Alfred calculou que o testamento já deveria ter chegado ao escritório do Sr. Benton, de modo que não se surpreendeu quando, no começo da tarde, recebeu um recado telefônico da secretária de Silas Benton: Alfred poderia passar lá no escritório, entre duas e meia e três horas daquela tarde?

Logo que terminou de atender ao almoço, Alfred trocou de roupa e dirigiu-se apressadamente ao Edifício Ames, distante do local uns cinco quarteirões. Era um edifício imponente e o escritório do Sr. Benton mais ainda, com grossos tapetes orientais e pesados móveis brilhantes.

A Sra. Galbraith se referia a seu advogado como o *homem que trata de meus negócios.* A frase agora soava bem aos ouvidos de Alfred, fazendo-o pensar se não seria possível que o Sr. Benton passasse, daí em diante, a tratar dos negócios *dele*?

A secretária encaminhou Alfred ao gabinete do Sr. Benton. O distinto advogado, com sua imponente cabeleira branca, manteve-se sentado atrás de sua escrivaninha.

— Ah, sim,! Alfred White. Eu me lembro de tê-lo visto no Blystone Hotel, quando lá estive em visita à Sra. Galbraith.

— Sim, senhor — replicou Alfred cortesmente. — Eu também me lembro.

O garçom estava profundamente grato por não ter aparecido nenhum indício de que a morte da Sra. Galbraith tivesse sido. . . prematura. Seria muito incômodo se aquele homem, com seus olhos penetrantes e sua boca severa, suspeitasse de qualquer coisa.

— Bem, Alfred — disse o Sr. Benton, batendo com o lápis no mata-borrão em cima da escrivaninha — recebi este testamento hoje de manhã. Foi redigido pessoalmente por Hortense Galbraith e, à primeira vista, parece perfeitamente legal. Está datado de anteontem e foi testemunhado por duas mulheres empregadas do hotel. Se fosse um caso normal, eu não falaria com você assim, mas trata-se de uma situação especial.

Parou para oferecer um cigarro a Alfred.

— Pelo visto, a Sra. Galbraith gostava muito de você, Alfred.

— Eu tinha muita admiração por ela — replicou Alfred amavelmente. E era verdade, concluiu ele para si mesmo, com certa surpresa. Acostumara-se com a velhinha.

— De fato — prosseguiu o advogado — a Sra. Galbraith gostava tanto de você que lhe deixou tudo o que possuía.

Alfred se permitiu uma expressão de espanto e humildade. O Sr.

Benton levantou a mão, como quem pede calma.

— Antes que você diga qualquer coisa, devo explicar-lhe o seguinte: a Sra. Galbraith não tinha nada para deixar, além das jóias e bijuterias que doou a uma prima distante.

O coração de Alfred começou a bater mais aceleradamente.

— É verdade que ela foi uma mulher muito rica. Ela e seu irmão gêmeo, Horace, receberam grandes heranças de seus pais. Todavia, o falecido esposo da Sra. Galbraith dissipou a fortuna da mulher, de tal modo que, nos últimos anos, Horace Wainwright vinha mandando uma pensão substancial para ela, que me cabia administrar. Não sei se a idade avançada a fez esquecer tal situação ou se ela se imaginava ainda uma mulher rica. Na verdade, porém, não tinha nada.

Visões de automóveis brilhantes, de roupas caras e, sobretudo, do rosto ameaçador de Herbie passaram ante os olhos de Alfred. A voz tranquila do Sr. Benton chegava até ele como vindo de muito longe, mal sendo percebida sob o barulho do tráfego muitos andares abaixo.

— É uma coisa estranha. A Sra. Galbraith sempre dizia que ela e o irmão gêmeo andaram sempre juntos e experimentavam as mesmas alegrias e tristezas, mesmo quando separados por centenas de quilômetros. Horace Wainwright morreu ontem à noite, menos de 12 horas após sua irmã. Se ela tivesse morrido depois, teria herdado tudo o que ele possuía. Entretanto, da maneira como aconteceu, a fortuna dele passará para as mãos dos filhos de uma irmã de sua falecida esposa, um rapaz e uma moça que moram na Califórnia.

O perfume de uma simples rosa, colocada em um vasinho de prata sobre a escrivaninha do Sr. Benton, provocou tonturas em Alfred.

## UM DIA DE VERÃO EM POKOCHOBEE

Elijah Ellis

O sol batia bem em nossos olhos, enquanto rodávamos para leste pela poeirenta estrada do distrito. Passavam poucos minutos das sete, mas a manhã de agosto era quente e úmida. As plantações nos dois lados da estrada estavam ressequidas e pardas como empadas esquecidas no forno. O inferno seria um alívio, depois de um verão em Pokochobee. O calor viscoso, dia após dia, era bastante para levar um homem a fazer qualquer loucura. Inclusive matar.

Agora o carro se sacudia, atravessando uma ponte de madeira sobre o leito de um arroio seco.

— Não falta muito — disse o Xerife Ed Carson.

Limitei-me a um resmungo. O terceiro ocupante do carro, Dr. Johnson, nosso médico-legista, inclinou-se para frente, em seu banco de trás, e perguntou-me:

— Você conhece essa família, Lon? Os Englands?

— Não — respondi secamente. Eu não simpatizava com aquele doutor gordo e arrogante e naquela manhã também não estava com vontade de fingir que simpatizava. Dormira muito pouco na noite anterior e só de pensar no que me esperava lá adiante me deixava o estômago embrulhado.

— Vocês não perceberam a ironia desta história — estava dizendo o Dr. Johnson. — Vejam só: o velho England e sua mulher são o terror

desta parte do distrito. Tão correto e intransigente que. . . Bem, sempre que algum fazendeiro chega em casa bêbado ou qualquer garota faz uma bobagem, a primeira coisa com que todos se preocupam é com o que irão dizer os Englands. Pois a própria filha deles. . .

— Pare com isso, doutor — interrompeu Ed Carson, irritado. — O que a garota e aquele rapaz Tice estavam fazendo no celeiro não interessa mais. O que nos cabe é apurar por que ambos estão mortos. Assassinados.

— Ah, sim! Tem toda a razão — concordou o médico.

Rodamos em silêncio durante mais alguns segundos, até que o Dr. Johnson deu outra risadinha:

— Mas, na verdade, há uns aspectos engraçados. . .

— O senhor tem um senso de humor muito especial — disse eu.

O doutor murmurou qualquer coisa, depois calou-se.

Tirei os óculos e massageei a base do nariz com o polegar e o indicador. Sentia-me desanimado, sem saber como poderia enfrentar as horas que me aguardavam. Todavia, como minha mulher dissera-me ainda uma vez esta manhã, ninguém me obrigara a ser procurador do Distrito de Pokochobee. Eu é que inventara isso. Agora, tinha de aguentar as consequências.

Assim, nesta calorenta manhã de domingo, eu estava às voltas com o que prometia ser um encrencado caso de duplo assassinato, encrencado em mais de um aspecto.

Olhei para Ed Carson, à minha esquerda. Seu rosto de falcão estava pálido e com um ar de cansaço. Havia grandes semicírculos de suor embaixo dos braços de sua surrada camisa cáqui. Também devia estar exausto. Dormira ainda menos do que eu na noite anterior.

Ed tirou os olhos da estrada apenas para me dar uma rápida piscadela, acompanhada de um sacudir de ombros.

— Algumas vezes até parece que nem vale a pena, não é?

O Dr. Johnson deu sua alfinetada lá do banco de trás:

— Bem, se vocês tivessem tido mais sorte. . . apanhado o incendiário antes que ele começasse a matar. . .

— Ora, cale essa boca — repliquei com raiva.

Carson me olhou outra vez, sacudindo sua cabeça grisalha. Engoli meu mau humor.

— Desculpe, doutor — murmurei entre dentes. — Deve ser o calor.

O médico, porém, não iria entregar os pontos assim tão facilmente.

— Ora, Lon, vocês dois têm de admitir que não tiveram a mínima

sorte no presente caso. Oito incêndios em apenas um mês e todos eles neste distrito, dentro de um raio de 40 ou 50 quilômetros de Monroe, sem que vocês tivessem achado uma simples pista e muito menos detido o criminoso.

Explodi.

— Olhe aqui, doutor. . .

— Espere um pouco — interveio logo o Xerife Carson. — Nós vamos agarrá-lo.

O Dr. Johnson respondeu com um muxoxo pouco convincente.

Na verdade, ele não estava exagerando muito. Durante as últimas semanas, tinham-se registrado seis incêndios deliberadamente provocados em fazendas que formavam mais ou menos um semicírculo em torno de Monroe, sede do distrito.

Os incêndios eram semelhantes sob vários aspectos, ocorrendo no meio da noite, sem qualquer aviso, e expandindo-se furiosamente, com um inconfundível cheiro de gasolina. Todos foram ateados em celeiros.

Em uma região de fazendeiros, se alguém quer fazer mal a um vizinho, não incendeia a casa dele, mas sim o centro vital de sua fazenda, o celeiro.

Até à noite anterior não se registrara qualquer perda de vida humana, embora muitos animais tivessem sido vítimas das chamas. Agora, porém, fora diferente. Ontem à noite Nancy England estava-se divertindo com seu namorado, Jack Tice, no celeiro da fazenda do pai dela.

Quando o fogo irrompeu, os dois foram mortos, não se sabe se intencionalmente ou não. De qualquer maneira, tratava-se de um crime. Tanto o rapaz como a garota tinham 18 anos de idade.

Assim, parecia evidente que o incendiário dos celeiros do Distrito de Pokochobee se tornara também um assassino. Havia, porém, um fato discordante no caso.

No início da tarde da véspera, o Xerife Ed Carson prendera o incendiário cerca de 13 horas antes do fogo no celeiro de England. Foi isso que nos manteve, a mim e a Carson, acordados durante quase toda a noite, arrancando uma confissão do incendiário.

Um fazendeiro chamado Frazier finalmente confessou ter sido o autor da série de incêndios. Por quê? Ele achava que faria um excelente negócio ateando fogo em seu próprio celeiro, que ele pusera no seguro alguns meses antes por mil dólares. Foi por intermédio da companhia seguradora que Carson e eu desconfiamos dele e acabamos por fisgá-lo.

Quando Frazier resolveu contar tudo, convenceu-nos, com rique-

za de detalhes, que fora o responsável por cinco ou seis incêndios. (*Que diabo! A gente tem de arranjar dinheiro de qualquer jeito, disse-nos ele. É claro que, com toda essa seca, a plantação não vai dar nada.*)

Ainda restava, porém, o sexto incêndio — o que ocorrera ontem à noite, no qual o jovem casal morrera.

Frazier certamente não fora o autor. Ele estava no xadrez.

Carson e eu havíamos decidido manter em segredo, ainda por uns tempos, que já estávamos com o incendiário na cadeia. Isso representava uma espécie de trunfo escondido.

Na noite passada, como em todas as outras durante as últimas semanas, um grupo de bombeiros voluntários, pessoal das fazendas na vizinhança, ficara rodando pelas estradas do distrito com um caminhão dispondo de rádio, emprestado pelo prefeito de Monroe.

O caminhão se encontrava a uma pequena distância da fazenda de England, quando o rádio transmitiu a informação. Os bombeiros chegaram a tempo de salvar uma boa porção do celeiro. A parte inferior estava toda queimada, mas o palheiro de cima, onde se encontravam o rapaz e a garota, não foi muito atingida.

Ninguém sabia que o casalzinho estava lá. Somente de madrugada, um bombeiro que fora deixado de guarda subiu para explorar a parte superior, com receio de algum fogo remanescente. Foi então que encontrou os corpos do rapaz e da garota, abraçados, sobre um cobertor a um canto do palheiro. Chamou o delegado, o delegado me chamou. Depois de um rápido entendimento, chamei também o médico-legista, Dr. Johnson.

E agora, lá íamos nós três.

Por mim, o que desejava mesmo era ter ficado na cama. Carson freou o carro, abandonou a estrada municipal e passou por uma porteira. Sobre um poste ao lado havia uma caixa de correio, onde estava escrito com grandes letras pretas: England.

A casa principal da fazenda distava uns 100 metros da estrada, no meio de um pequeno bosque de árvores ressequidas e empoeiradas. Fomos até lá e estacionamos. Não havia ninguém à vista, mas dois automóveis e um caminhão se encontravam abrigados sob as árvores.

Deveriam ser dos vizinhos que tinham vindo apresentar seus pêsames ou talvez matar a curiosidade a respeito das mortes violentas. Sacudi a cabeça, irritado, tentando afastar pensamentos maldosos. Não tive muito êxito.

Como já tive oportunidade de dizer, depois de um verão em Pokochobee o inferno deve ser um alívio. Entretanto, não me pagam para ser

como qualquer outro ente humano. Se eu entregasse os pontos, derrotado por aquela sequência de dias de calor abrasador, sem falar na noite com apenas uma hora de sono, seria o cúmulo. Eu ainda era o procurador do distrito, Alonzo Gates.

Os três saltamos do carro e caminhamos pelo lado da grande casa, na direção do pátio de trás. O Dr. Johnson gingava ao meu lado, a bolsa de médico em uma das mãos e o lenço na outra.

— Aposto que o termômetro registra mais de 35 graus — resmungou ele, enxugando seu rosto rechonchudo.

— E ainda vai esquentar mais — previu o Xerife Carson.

Alcançamos o canto dos fundos da casa. As pessoas se repartiam em pequenos grupos pelo largo pátio. Conversavam e olhavam para a estrutura enegrecida que se destacava a uns 100 metros atrás do pátio.

— Aí vem o xerife — disse alguém em alta voz.

As conversas se interromperam e todos os olhos se voltaram para os recém-chegados. Um homem de macacão de zuarte e camisa manchada de suor veio ao nosso encontro.

— Como demoraram! — reclamou ele. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. — Aconteceu aqui uma coisa horrível!

O rosto macilento, com a barba por fazer, dava a impressão de que ele estava prestes a chorar.

— Viemos o mais rapidamente possível — disse Ed Carson. — Você é Robert Tice, não? O pai do rapaz?

— Sou. E lá está meu filho, morto naquele celeiro. . .

O homem não se conteve mais e começou a chorar. Não era uma cena agradável. Para piorá-la ainda mais, Tice estava visivelmente embriagado. Seu hálito cheirava como um velho alambique. De repente, ele fez meia-volta e se afastou.

— Deixe que ele vá embora — murmurou Carson. — Falaremos com ele mais tarde.

Quando começamos a atravessar o pátio, os grupos se acercaram de nós, muita gente falando ao mesmo tempo. Carson levantou a voz:

— Está bem, pessoal. Vamos com calma. Onde estão os Englands?

Uma mulher corpulenta nos olhou com ar severo:

— Não é melhor perguntar onde estava você, Ed Carson? Ontem à noite, quando isto aconteceu? Se você cumprisse suas obrigações. . .

— E teve tempo bastante — acrescentou um velho enrugado, na retaguarda de um grupo. — Durante quase dois meses tem havido esses incêndios e o que é que as autoridades fizeram até agora? Nada, essa é

que é a verdade.

O xerife suspirou pacientemente. Notei que o Dr. Johnson se afastara de nós e ficara no meio dos fazendeiros, balançando a cabeça, como se aprovasse, e enxugando o suor do rosto. Nesse momento, um homem alto e magro, com profundas olheiras, atravessou a multidão:

— Bom dia, xerife.

Rompendo o pesado silêncio que se seguiu, Carson apresentou com voz grave:

— Sr. England, este é o Dr. Gates, procurador do distrito.

England me cumprimentou com um movimento de cabeça. Seus olhos estavam fixados em um ponto distante atrás de mim. Fiquei com a impressão de que ele não se conformava com o que presenciava. No lugar dele, eu também não me conformaria.

Agora o Dr. Johnson se aproximara.

— A pobre Sra. England. . . Há alguma coisa que eu possa fazer por ela?

— O quê? Ah, não! Ela está bem. Ficou lá dentro, com sua Bíblia e seus amigos em torno dela — replicou England, passando a mão calosa pelos cabelos grisalhos. — Vou mostrar aos senhores. . .

— Não, não é necessário — interrompeu Carson. — Nós sabemos o caminho até o celeiro. É melhor ficar com sua mulher.

O homem sacudiu a cabeça, desanimado, e encaminhou-se na direção da casa. O xerife, o médico e eu atravessamos o pátio e fomos para o celeiro. Quando abriu a porta, vendo que o grupo se movimentava atrás de nós, Carson ordenou rispidamente:

— Vocês ficam aí, por favor.

Ao entrarmos, ainda ouvi a mulher gorda ameaçar:

— Esperem pela próxima eleição. Veremos então quem é que merece realmente nosso voto.

— Por que não lhes contamos tudo? — perguntei a Carson.

— Ainda não — replicou ele, mordendo as pontas do bigode. — Vamos esperar mais um pouco.

— Contar o quê? — quis saber o Dr. Johnson.

— Que você é um gorducho mexeriqueiro — repliquei.

O médico espumou de raiva.

Um homem que eu conhecia de vista apareceu na porta aberta do celeiro e veio ao nosso encontro. Era o que havia encontrado os corpos. Por ordem de Carson, ele ficou de guarda, não deixando que ninguém entrasse no celeiro.

— Como vão as coisas, Bob? — perguntei-lhe.

Ele sacudiu a cabeça. Seu rosto jovem tinha uma coloração amarelada sob a pele queimada de sol.

— É muito duro. Olhe, nunca mais quero enfrentar uma situação como esta. Encontrar aqueles dois. . .

— Entendo. Diga-me: alguém esteve aqui, depois que você me chamou? — perguntou o xerife.

— Não. Fiz exatamente como o senhor mandou. Como seria de esperar, o velho England deu-me um trabalhão, mas finalmente consegui convencê-lo de que ele não podia fazer nada e então ele foi para casa.

Agora, nós quatro nos encontrávamos no interior do malfadado celeiro. Havia no ar um cheiro forte de madeira queimada. A seção à nossa esquerda era um amontoado de entulho enegrecido e uma parte da parede e do teto fora atingida. À direita, os estragos não chegavam a ser graves.

Bob apontou para uma escada de madeira, apoiada contra a parede do fundo da parte menos atingida do celeiro.

— Olhe ali. A sorte foi que o velho depósito não estava cheio de feno, porque então não sobraria nada. Não havia coisa alguma lá, exceto umas ferramentas abandonadas. . . e os dois corpos.

Subimos a escada, o que não foi fácil para o Dr. Johnson. A grande abertura à esquerda do depósito estava escancarada e através dele eu podia ver o pátio e a casa, com seu grupo de árvores.

Os corpos estavam sobre um cobertor, à direita, um pouco longe da escada. O Dr. Johnson se aproximou deles e nós seguimos lentamente atrás.

— Ah! — disse Bob. — Fui eu quem abriu a porta de cima. Estava fechada e trancada quando cheguei.

Carson assentiu com um movimento de cabeça.

— Parece que não houve grandes danos aqui.

— Apenas um ponto ou outro, onde o fogo ameaçou as paredes internas — comentou Bob. — Não há dúvida; foi a fumaça que os matou. Vejam os corpos, não tem sinais de queimadura. É, foi a fumaça. Sufocou-os antes que tivessem tempo de sair. . .

O médico ajoelhara-se junto aos corpos, tendo colocado junto a si a maleta de medicamentos. Olhei por cima do ombro dele. O rapaz e a garota estavam deitados de costas, a cabeça da jovem apoiada no ombro do namorado. Ambos tinham um ar sereno, como se estivessem dormindo. Ao lado deles havia uma garrafa de uísque vazia.

Bob virou o rosto abruptamente e se dirigiu para a porta de cima do celeiro. Passados uns instantes, Carson e eu fomos para junto dele. O Dr. Johnson continuava fazendo seu exame, resmungando palavras ininteligíveis.

Bob apoiou-se contra a porta e ficou olhando o pátio cinco metros mais abaixo.

— E este calor infernal! — exclamou de repente. — Eu conhecia os dois muito bem, Nancy e Jack. Estavam apenas duas turmas atrás da minha na escola. — Levantou os olhos e fez um esforço para sorrir. — Puxa! Quase que fui namorado de Nancy, mas o pai dela. . . Ele não deixava a filha sair com ninguém. Era um bocado durão. . . E agora isto.

Acendi um cigarro e comentei pesarosamente: — Estou certo de que o Sr. England está agora arrependido de não ter encarado as coisas de maneira diferente.

Ed Carson puxou um pigarro e perguntou, meio sem jeito:

— Pode-nos dizer como foi que as coisas aconteceram ontem à noite, Bob?

— O que há para contar? O velho England acordou às duas horas da madrugada e viu que o celeiro estava em chamas. Telefonou para a delegacia e o plantão imediatamente deu o alerta geral pelo rádio. Nós estávamos a apenas uns quatro ou cinco quilômetros daqui. Viemos logo e conseguimos apagar o fogo; uns minutos mais e não se salvaria nada. Bem, o caso é que chegamos a tempo. O pessoal foi embora e eu fiquei de plantão, para atender qualquer eventualidade. Um pouco antes de clarear o dia, subi até ao palheiro, para dar uma olhada. Foi então que encontrei os dois. É tudo.

— E quanto ao fogo em si, Bob? — perguntei, trocando olhares com Carson.

Bob fez um gesto de desalento.

— Igual aos outros. Gasolina espalhada por toda parte. Sentimos o cheiro, bem forte, logo que chegamos. O tal incendiário começou na parte dos fundos do celeiro. Se não conseguirem pegar logo esse sujeito, não restará um celeiro neste distrito. Depois, ele passará a incendiar as próprias casas. . .

— Não, não fará nada disso — interrompi. — Não conte a ninguém o que vou-lhe dizer. O xerife prendeu o nosso engraçadinho incendiário pouco antes da uma da tarde de ontem, isto é, pelo menos 13 horas antes do incêndio aqui. E desde então ele ficou trancado na cela onde Ed o trancafiou. Percebeu?

— Então, quem?. . . — quis saber Bob, com os olhos arregalados.

— Você é quem vai nos dizer. Mas não se esqueça de que não é o sujeito que vinha pondo fogo nos celeiros, durante estas últimas semanas — acentuei.

— Talvez alguém — acrescentou Carson — tivesse gostado da idéia do incendiário e resolvesse imitá-lo. Ou quem sabe se não há mais coisas nessa história? Ainda não sabemos. Pode ser que sejam dois, uma vez que um já está preso.

Voltamos nossa atenção para o médico. O Dr. Johnson tinha-se levantado e estava limpando as mãos numa toalha. Seu rosto avermelhado havia perdido a cor habitual. Estava pálido e espantado.

— O que há, doutor? — perguntei. — Encontrou alguma coisa?

Endireitou o corpo e falou com voz grave:

— Eles foram assassinados. Os dois. Com tiros de pistola. Carson e eu corremos para junto dele.

— Eu. . . eu quase não notei — continuou o médico. — Pensei que fosse asfixia. Reparei, porém, que havia um calombo aqui na base do crânio do rapaz, estão vendo? E há outro, igualzinho, no mesmo lugar, na garota.

Parou, como que engasgado, e enxugou o suor do rosto.

— Os dois golpeados com algum peso que quase lhes quebrou a espinha, um saco de areia ou coisa assim. Depois que ficaram inconscientes, foram assassinados.

Carson e eu nos debruçamos sobre os cadáveres.

— Não estou vendo qualquer sinal de sangue — observei. — Claro — replicou o médico. — Nem poderia. Cada um recebeu um tiro disparado através do céu da boca, o projétil atravessando o cérebro.

A mão do xerife tremia levemente ao abrir a boca do rapaz para espiar em seu interior.

— Notem que ambos estavam deitados de costas, de modo que o sangue escorreria naturalmente para a garganta — acrescentou o Dr. Johnson, visivelmente perturbado. — Horrível. Simplesmente horrível. Quem faria uma coisa destas?

Carson ergueu-se e lentamente esfregou as palmas das mãos.

— Deve ter sido utilizada uma arma de pequeno calibre, pois as balas não atravessaram os crânios. Uma pistola calibre 22, talvez.

Nessa altura eu já me enchera de coragem para chegar perto das vítimas. Não foi preciso examinar as duas. Bastou uma olhadela no rapaz. Com os joelhos trêmulos, levantei-me a custo.

— Se fossem alcançados pelo fogo, as chances seriam de um para um milhão de nunca se ficar sabendo que eles tinham sido assassinados — disse eu. — Mesmo não tendo os corpos ficado carbonizados. . .

Voltei-me para o médico-legista com a mão estendida:

— Quero pedir-lhe desculpas, doutor, pela grosseria com que o tratei na viagem.

O rosto do médico estava ganhando novamente suas cores. Apertou ligeiramente minha mão, depois resmungou:

— É para isto que o distrito me paga, embora seja uma ninharia.

Carson estava procurando qualquer coisa.

— Vocês viram onde foi que Bob Hofner se meteu?

Sem contar nós três e os dois vultos imóveis deitados no chão, o palheiro estava vazio. Arrisquei um palpite:

— Talvez ele não tenha aguentado esta cena.

— Pode ser — replicou o xerife com voz grave. — Bem, é melhor irmos falar com os Englands.

Concordei com um movimento de cabeça. O calor ali já estava me deixando tonto. Encaminhei-me para a escada.

Atrás de mim, Carson estava pedindo ao doutor para aguardar a chegada da ambulância que deveria transportar os corpos para Monroe.

— Mas o que aconteceu aqui? — reclamou o Dr. Johnson. — Isto certamente não parece obra de um maluco qualquer, que se diverte em tocar fogo nos celeiros.

Quando Carson e eu começamos a caminhar na direção da casa, repeti a pergunta do médico:

— Mas o que foi que aconteceu aqui?

O xerife sacudiu os ombros.

— Alguém fez o possível para cometer um crime perfeito. . . e quase o conseguiu. Se não fosse certo azar da parte dele, ficaria um homem livre. E olhe que ainda é capaz de ficar.

Resmunguei qualquer coisa e acendi outro cigarro — que não tinha vontade de fumar — no toco do que ainda estava entre meus dedos e que eu também acendera sem vontade.

O número de curiosos havia aumentado consideravelmente durante o tempo em que estivemos no celeiro. Carson e eu passamos por eles, ignorando suas perguntas e suas recriminações. Avistei Bob Hofner um pouco afastado, conversando com o arrasado pai do rapaz morto. Nesse momento, Tice pôs-se em pé, levantou uma das mãos como se fosse desfechar um golpe e gritou qualquer coisa.

As pessoas que estavam perto dele se entreolharam espantados. Tice continuou a agitar os braços e a gritar.

— Parece que Bob deu com a língua nos dentes — disse eu para Carson.

— Não faz mal — replicou o xerife, sacudindo os ombros. — Talvez até esse pessoal se esqueça de nós por uns minutos.

Chegamos à porta do casarão branco e entramos. Na cozinha, se amontoava um grupo de mulheres de fazendeiros, tomando café e tagarelando. Uma delas nos informou que os Englands estavam na sala e apontou para um corredor no qual se via uma porta fechada.

Carson bateu, a porta se abriu e entramos. Os Englands estavam sozinhos, sentados juntos em um sofá perto da janela com as cortinas corridas. England se levantou com dificuldade. Sua mulher se deixou ficar, olhando para nós e acho que para além de nós.

Os minutos seguintes foram terríveis. Quando Carson lhes disse que a filha deles fora deliberadamente assassinada e de que maneira, a mulher começou a gritar com uma voz rouca, entrecortada de soluços. O velho apertou as pálpebras com força e assim ficou durante algum tempo. Quando as abriu, os olhos que apareceram foram os de um morto, parados e sem luz.

— Era a vontade de Deus que eles fossem punidos — disse com voz trêmula — mas não dessa maneira.

De súbito, sua mulher se levantou. Ela tremia violentamente.

— A vontade de Deus. Nunca mais se pronunciará o nome dela nesta casa.

Atravessou a sala cambaleando e desapareceu. Carson fechou a porta, ficou de costas, apoiado nela, e me fez um sinal.

100

Dirigi-me ao velho fazendeiro, ajudei-o a acomodar-se no sofá e me coloquei à frente dele, tentando descobrir como começar, Meu cérebro era como uma massa congelada de gelatina.

Tirei os óculos e passei a manga do paletó no rosto suado. O velho eslava com a cabeça abaixada, os olhos fixos nos punhos cerrados.

Sr. England — comecei afinal — temos de lhe fazer algumas perguntas a respeito de sua filha.

— O que é que sei a respeito dela? O que é que soube um dia?

— Onde esteve ela ontem à noite? Quero dizer. . .

— Ela saiu mais ou menos às seis — conseguiu England dizer, — Ia passar a noite com uma coleguinha, na cidade. Costumava fazer isso vá-

rias vezes no verão. . .

— O quê? Ah, sim! A filha de Lambert. O senhor provavelmente conhece o pai dela, o Juiz Lambert.

Respondi afirmativamente com um movimento de cabeça e prossegui:

— O senhor não tinha idéia de que Nancy iria. . . iria encontrar-se com o filho de Tice?

England levantou a cabeça. Seus lábios azulados se entreabriram, mostrando os dentes cerrados.

— Se eu tivesse, aquele cachorro teria morrido algum tempo antes.

Fiquei chocado. Ali estava um homem capaz de matar, conforme as circunstâncias, tais como o assassinato de sua filha. Por sobre o ombro dei uma olhada para Carson, depois continuei o interrogatório.

— O senhor sabe se sua filha tinha algum inimigo?

— Não — respondeu ele, sacudindo a cabeça. — Todo mundo gostava dela. Nancy era uma. . .

Não pôde continuar. Seu rosto estava mais enrugado que papel amassado. Não adiantava nada prosseguir com aquelas perguntas. Troquei um olhar com o xerife, ele concordou com um sinal de cabeça e saímos da sala, fechando a porta suavemente atrás de nós.

— Você está pensando a mesma coisa que eu? — perguntei.

Carson levou algum tempo para responder.

— Não sei. Ele sempre foi um sujeito durão, talvez intransigente demais. . . Mas fazer uma coisa destas? Francamente, não sei.

Passamos pela cozinha e nos dirigimos para o pátio. Quando nos viu, o Dr. Johnson veio logo ao nosso encontro, ofegante.

— A ambulância já chegou. Estão recolhendo os corpos. Vou com eles para a cidade. Quero fazer a autópsia logo que chegar lá.

— Está bem — disse o xerife, depois se voltou para seus dois auxiliares que haviam sido tirados da cama e trazidos para o local do crime. — Pelo visto, vocês já tomaram seu bom café da manhã.

Os auxiliares estavam visivelmente constrangidos.

— A verdade — disse um deles, Buck Mullins — é que nem sabíamos.

O xerife não deixou que ele continuasse e foi logo dando ordens ríspidas, fazendo com que os dois corressem na direção do celeiro. A empoeirada ambulância preta passou por eles, já trazendo sua carga, e parou por um instante, a fim de que o Dr. Johnson embarcasse; depois, arrancou de novo, em direção à estrada.

O grupo de curiosos suspendeu seus comentários apenas até que a ambulância desaparecesse de vista. Depois, os críticos recomeçaram contra mim e o xerife.

— Vamos embora daqui — disse eu, irritado.

Caminhamos até onde estava estacionado o carro do xerife e entramos. O couro do estofamento chegava a queimar as nossas mãos, de tão quente. Era como se entrássemos num forno, mas pelo menos ali ficávamos de certo modo protegidos contra os chicotes dos descontentes.

Carson colocou a cabeça para fora da janela de seu lado e pediu ao sujeito que estava mais perto:

— Por favor, quer dizer ao Tice para vir até aqui por um momento, falar conosco?

O homem concordou com um sinal de cabeça e afastou-se como quem está cumprindo uma missão. Momentos depois, Tice aproximou-se do carro e, a convite do xerife, sentou-se no banco traseiro.

— Achei que você aceitaria uma carona até sua casa — disse-lhe Carson. — Parece que está sem seu carro aqui.

Tice sacudiu a cabeça vagamente. Estava sóbrio e, obviamente, sentindo falta da bebida.

— Estou. Encontrava-me na lavoura esta manhã, quando soube das novidades. Fica a pouco mais de um quilômetro daqui — explicou. Engoliu em seco e prosseguiu: — Jack, o meu rapaz. . . ele me pediu a camioneta emprestada ontem à noite. Não sei onde a deixou.

— Bem — disse Carson, ligando o motor e partindo em direção à estrada. — Meus ajudantes estão vasculhando os bosques atrás do celeiro. Há uma pequena estrada lá atrás, que vai dar na estrada real. O provável é que eles achem a camioneta estacionada nessa estradinha.

O fazendeiro piscou seus olhos avermelhados e passou a mão pelo rosto com a barba por fazer.

— Como é? Ah, sim! Deve estar por lá. Não tem importância.

Rodamos em silêncio durante alguns segundos, até que resolvi perguntar:

— O senhor sabia, Sr. Tice, que seu filho andava saindo com a garota dos Englands?

Tice sacudiu os ombros.

— Ele me disse uma vez, mas não acreditei. Nancy era uma garota muito posuda. Bem como o pai. Todos esses Englands pensam que são melhores do que os outros. Pode ser que agora o velho perca sua arrogância — acrescentou, em tom surdo.

O xerife limpou a garganta e perguntou:

— Sabe se Jack tinha algum inimigo por aqui?

— Bem, qualquer rapazote namorador e metido a valentão tem seus inimigos, mas nunca a ponto de sofrer uma coisa como essa — respondeu Tice, apertando o rosto com as duas mãos trêmulas. — Não me sinto bem. Este calor e agora o meu filho assassinado cruelmente! É o bastante para deixar a gente louca.

Poucos minutos depois, paramos em frente a uma casa mal cuidada, que evidentemente não recebera, durante os últimos 30 anos, uma simples mão de tinta. Tice saltou do carro e encarminhou-se para a casa. Nem sequer se despediu. Provavelmente estava com toda a sua atenção concentrada em ir até à cozinha e apanhar uma garrafa de bebida.

Prosseguimos na direção de Monroe. Quando já estávamos a meio caminho, o rádio no painel começou a dar sinais de vida. Era Buck Mullins, um dos auxiliares, chamando da fazenda England.

— Ed? Olhe, encontramos a camioneta estacionada na estradinha, como você disse, a uns 500 metros do celeiro. Nada dentro. . . quero dizer, nada do que você procura.

— Está bem. Continue procurando. Quero que vasculhe aquele celeiro com um pente fino.

Recolocou o microfone no gancho sob o painel e deu um muxoxo.

— Naturalmente eles não vão achar a arma no celeiro, mas pelo menos ficarão bem sujos e suados.

Concordei e não pude evitar um largo bocejo.

— Acho que dormiria uma semana a fio.

O xerife manifestou sua desaprovação com um resmungo:

— Poderá dormir em outra oportunidade. Agora, temos um trabalho para terminar.

Ao entrarmos na cidade, paramos na casa de Lambert, na Rua Três, para falar com a amiga de Nancy England. A garota já estava a par dos assassinatos. Naquela altura, é claro que em todo o distrito não se comentava outra coisa. Ela estava muito nervosa e aborrecida, mas nada sabia que fosse de interesse.

Várias vezes durante o verão, geralmente nas noites de sábado, Nancy lhe pedia que telefonasse ao velho England, informando que a filha estava com ela. Era tudo o que sabia.

Com um pouco de pressão, conseguimos que ela confessasse saber que Nancy passava a noite com Jack Tice.

— Eles estavam apaixonados — disse-nos a garota, torcendo o len-

ço. — Muito apaixonados mesmo. E essa era a única maneira de poderem . . . ficar juntos. O pai de Nancy era muito intransigente. Eles pretendiam fugir, tão logo Jack tivesse economizado dinheiro suficiente.

Se a garota sabia mais alguma coisa, não disse. Carson e eu nos levantamos para sair. Ela nos acompanhou até a porta.

— O que não compreendo é por que Jack não reagiu — disse ela por fim.

— Como assim? — perguntou Carson.

— Ora, ele sempre andava armado, conforme Nancy me disse. Segundo ela, era uma pequena pistola que se pode esconder na palma da mão, mas que funciona como se fosse grande.

Ficamos olhando para a garota, até que Carson resolveu despedir-se.

— Obrigado, Srta. Lambert. Recomende-nos a seu pai.

Ao caminharmos para o carro, pela calçada escaldante, repeti as palavras da garota:

— *Uma pequena pistola que se pode esconder na palma da mão.*

— Pois é — comentou o xerife. — O que acha disso?

Eram apenas nove da manhã quando chegamos ao xerifado, mas aquelas últimas duas horas tinham sido movimentadas demais. Entramos pela porta traseira do velho edifício e percorremos o corredor até o gabinete de Carson, no andar térreo. Ao ver-nos, o comissário de plantão sacudiu negativamente a cabeça, adivinhando a pergunta que havia no olhar de seu chefe. Fomos diretamente para o pequeno gabinete do xerife, que se ligava ao amplo e escuro salão das audiências.

Carson ligou o ventilador, deixou-se cair em sua poltrona e suspirou, desanimado. Puxei uma cadeira para o lado da escrivaninha e estiquei as pernas.

— Você tem toda razão. Esta não é uma maneira decente de passar um domingo.

Carson resfolegou, como se estivesse cansado.

— Você conhece o velho Farris, que tem aquela casa de penhores na Rua Um. Tive um pequeno problema com ele, semanas atrás. Parece que andava vendendo pistolinhas de bolso, calibre 22, para alguns rapazotes do distrito. Uns brinquedinhos que disparam pequenos projéteis. . .

— Hum. . . E certamente Jack Tice comprou uma e a levava sempre consigo. Entretanto, não a encontramos nos bolsos dele. Assim, de que nos vale saber isso?

— Vale na medida em que nos dá uma boa idéia de onde veio a

arma que matou o casalzinho. O assassino a encontrou em Jack Tice, depois de ter deixado os dois sem sentidos. Então, atirou.

Fiquei olhando para a vidraça suja da janela atrás da escrivaninha do xerife.

— Isso quer dizer que o assassino não planejou o crime. O mais provável é que ele tenha aproveitado a pistola de Jack para usar como arma.

— Pode ser — replicou o xerife, batendo com a palma da mão na tampa da escrivaninha. — Não faz mal que seja contra os meus princípios, mas vou tomar um drinque.

— E eu acompanho.

O xerife abriu a gaveta inferior da escrivaninha, tirou uma garrafa e dois copos de papelão. Encheu-os e entregou-me um, que recebi com satisfação. Tomei um gole grande, antes de falar.

— Com franqueza, não consigo imaginar o velho England cometendo os dois assassinatos, ainda mais daquela maneira. Encaixaria melhor se ele tivesse apanhado uma espingarda de grosso calibre e arrebentasse a cabeça dos dois; em seguida, chamaria a polícia. Não é homem de fazer as coisas às escondidas.

Carson balançou a cabeça, em sinal de assentimento.

— Sou levado a concordar com você. Não combina com o temperamento dele.

— Meu palpite é que alguém deve ter seguido os dois jovens. Talvez tivesse visto quando Jack apanhou Nancy aqui na cidade ou no lugar em que eles se encontraram, e os seguiu até à fazenda do velho England e depois no celeiro. Esperou que adormecessem. Subiu até ao palheiro, golpeou-os, encontrou a pistola. . . e os matou. Por quê? Quem poderá saber? Talvez se trate de um psicopata. Ou tenha sido reconhecido por um dos dois jovens, antes de ficarem inconscientes. Ou ainda tivesse ódio de ambos ou de um deles, por motivos que desconhecemos. Qualquer que seja a razão, o caso é que os matou. Depois, ateou fogo no celeiro, acreditando que o destruiria, desse modo carbonizando os corpos também. Acontece que os bombeiros chegaram a tempo. . .

O xerife ficou pensando durante uns instantes. Tomou um gole, limpou o bigode com as costas da mão e concordou:

— Na verdade, não atino com outra solução, mas o diabo é que. . .

A campainha do telefone tocou. Ele atendeu.

— Carson falando — disse e ficou ouvindo. Suas hirsutas sobrancelhas se contraíram, traduzindo um evidente aborrecimento. Afinal, res-

pondeu:

— Está bem, está bem. Irei até aí.

Desligou e virou-se para mim:

— Era o carcereiro. Como se já não tivéssemos suficientes problemas, agora o Frazier está lá na cela aos berros e o carcereiro não sabe o que fazer.

Atirei a cabeça para trás e dei uma gargalhada quase histérica.

— O que virá a seguir?

— Uma epidemia de cólera, provavelmente — replicou Carson, levantando-se. — Não vem comigo?

Assenti com um movimento de cabeça, entornei o resto de meu drinque e deixamos o gabinete. O xadrez era separado do edifício por um largo e empoeirado pátio de estacionamento de carros. Depois de o termos atravessado, ambos estávamos molhados de suor.

Do fundo de sua cela, Frazier exclamou quando nos viu:

— Já era tempo de virem até aqui.

Olhamos através das grades para o incendiário, metido em seu macacão. Seu aspecto não era, naquela manhã, muito melhor do que o da noite anterior.

— O que quer você? — perguntou Carson asperamente.

— Escutem. Tenho o direito de saber — disse Frazier. — Esta besta que faz as vezes de carcereiro não diz uma palavra, nem sequer responde bom-dia. Mas tenho todo o direito de saber.

Carson respirou fundo e perguntou:

— Saber o quê?

— Ora, a respeito do celeiro do England, naturalmente — replicou Frazier, seus olhos avermelhados faiscando de ansiedade. — Queimou todo?

Durante um longo minuto Carson e eu apenas nos entreolhamos. Afinal, consegui perguntar:

— Do que você está falando?

— De England, do celeiro de England — respondeu ele impacientemente. — Ajeitei tudo para que o fogo começasse às duas horas da madrugada de hoje. . .

Carson enfiou um braço dentro da cela e agarrou Frazier pela camisa, puxando-o contra as grades.

— O que você quer dizer com essa história de ajeitar tudo?

O prisioneiro conseguiu livrar-se de Carson e recuou para o fundo da cela, dando uma risadinha de satisfação.

— Viu só? Enganei vocês todos. Estavam pensando que eu ateava o fogo na mesma noite em que ele ocorria, não é? Deixei que pensassem assim e descrevi a maneira como eu espalhava a gasolina e depois riscava o fósforo.

Enquanto ele dava uns saltos grotescos, o carcereiro abriu a porta da cela. Carson entrou imediatamente e de novo agarrou Frazier, sacudindo-o com raiva.

— Conte tudo ou lhe quebro o pescoço.

— É muito simples — replicou Frazier com uma risada, quando Carson o soltou. — Apenas com o auxílio de uma espoleta de retardo de 24 horas, junto com uma lata de gasolina.

Agora, ele estava ansioso para contar sua façanha.

— Vejam que bela manobra. Eu entrava no celeiro e escondia a gasolina com a espoleta; na noite seguinte. . . bum! Estava acesa a fogueira e eu bem longe dali, em casa ou em um bar. Tinha sempre um álibi perfeito.

Lentamente, Carson saiu para o corredor. O carcereiro tornou a fechar a cela. Uma confusão de pensamentos e conjeturas encheu minha cabeça.

Antes que fôssemos embora, Frazier ainda perguntou:

— Funcionou desta vez?

— Sim — disse eu. — Funcionou.

— Ah! — exclamou ele, satisfeito, mas logo seu rosto se ensombreou. — Se não me tivesse acontecido aquele azar.

— Olhe, rapaz, o fato de você ter estado aí dentro esta noite foi a melhor coisa que lhe poderia ter acontecido em toda a sua miserável existência, pode crer — vociferou Ed Carson.

Nenhum de nós pronunciou qualquer palavra durante a caminhada de volta ao gabinete de Carson. Sentamos ambos ainda em silêncio. Carson apanhou a garrafa de uísque e tornou a encher os dois copos. Ergui o meu.

— Bem, à saúde de. . . de nada.

— Não de todo — rosnou o xerife. — Não de todo. Apanhou o fone e discou para o consultório do Dr. Johnson.

Quando o médico atendeu, Carson perguntou:

— O que foi que o senhor achou, doutor?

Ouviu a resposta, sacudiu a cabeça e, para meu benefício, repetiu as palavras do médico:

— Cada um dos corpos tinha uma bala calibre 22 incrustada no cérebro, apoiada na parte interna do crânio. Sim. . . sim, doutor. Mais uma

coisa. . .

Notei que ele segurava o fone com tanta força que as juntas de seus dedos estavam esbranquiçadas. De repente, percebi o que ele tinha em mente. Inclinei o corpo para frente em minha cadeira.

Carson fez a pergunta como eu esperava:

— Doutor, havia sinais de fumaça nos pulmões dos dois?

Logo em seguida, desligou, balançando a cabeça lentamente.

— Vamos agarrá-lo — disse eu, ao sairmos.

Enquanto o carro engolia os poeirentos quilômetros até a fazenda de England, discutimos o assunto, o que tinha acontecido e a única solução possível que se ajustava com tudo o que sabíamos. O fato predominante era, naturalmente, que Frazier fora, afinal, o verdadeiro responsável pelo incêndio do celeiro de England. Os bombeiros voluntários chegaram, apagaram o fogo e se retiraram, todos menos um, que ficou de guarda.

Bob Hofner. Conforme suas próprias declarações, ninguém mais entrou no celeiro, exceto ele mesmo. O Sr. England chegou a tentar, mas Hofner não cedeu. Nenhuma outra pessoa esteve lá dentro.

— Foi Bob, sem dúvida — concluiu o xerife. — Só Deus sabe o motivo, mas a verdade é que foi ele. O fato do doutor ter encontrado sinais de fumaça nos pulmões dos dois jovens prova que eles estavam no palheiro, vivos, durante o incêndio. É possível que a fumaça os tenha feito desmaiar, mas não os matou. Uma bala de calibre 22 se encarregou disso, em cada caso. Não se esqueça de que havia uma garrafa de uísque vazia ao lado dos corpos. Os dois tinham bebido, provavelmente muito. E então foram dormir, antes do fogo haver irrompido.

Aceitei a explicação.

— Sim, faz sentido. Ambos tinham bebido o bastante para que não acordassem, até que a própria fumaça acabou por torná-los totalmente inconscientes. Algum tempo depois, Hofner tornou essa inconsciência permanente.

A fazenda de England apareceu à nossa frente. Carson diminuiu a marcha e fez a curva para entrar no pátio.

— E também foi por isso que os corpos estavam na posição em que os encontramos. Sendo os tiros dados contra o céu da boca de cada um e mantidos os cadáveres de costas, não apareceria qualquer sinal de sangue — disse eu. — Hofner jamais imaginou que houvesse um exame médico tão detalhado, capaz de descobrir os ferimentos, uma vez que parecia evidente que as vítimas tinham sido asfixiadas pela fumaça do

incêndio. . . Se não fosse o Dr. Johnson, a manobra teria tido êxito.

— Teria mesmo — concordou Carson. — Bem. Cá estamos.

Havia agora ainda mais gente do que antes, conversando em pequenos grupos no pátio da fazenda. Saltamos do carro e Carson foi ao encontro dos auxiliares.

Dez minutos depois, avistamos Bob Hofner.

Ele se encontrava no meio de um grupo de rapazes, perto do celeiro chamuscado, contando o que havia acontecido na noite anterior. Não tudo, naturalmente. O xerife fez-lhe um sinal discreto e ele atendeu logo, aproximando-se de nós com uma expressão interrogativa no rosto.

— Vamos andando, Bob — disse-lhe o xerife, sem alterar o tom de voz.

— Andando? Para onde?

— Para a cidade, Bob. Venha. Não complique as coisas, atraindo a atenção dos outros sobre nós. Uma porção dessa gente que aí está ficaria satisfeita se pudesse enforcar o assassino daqueles dois jovens. E nós sabemos quem foi, não é mesmo?

Os joelhos de Hofner vergaram e ele teria caído se um dos auxiliares não o tivesse amparado, segurando-lhe o braço. Abriu a boca, fechou-a, tornou a abri-la, mas não se ouviu qualquer som.

Andando com dificuldade, foi levado para o carro e colocado no banco de trás, com Buck Mullins ao seu lado. O segundo auxiliar deveria seguir atrás de nós, no outro carro do xerifado.

Hofner inclinou o corpo para frente, até encostar a cabeça nos joelhos, e começou a soluçar.

— Não sei por que fiz aquilo. Nem sei mesmo o que aconteceu.

— Onde está a arma? — perguntei-lhe.

— Arma? Ah! Cavei um buraco lá perto do celeiro e enterrei a pistolinha. Meu azar foi tê-la encontrado no bolso de Jack. . .

Novamente seus ombros foram sacudidos pelos soluços.

Aos poucos, ele foi contando toda a história, enquanto rodávamos para a cidade, sob o calor da manhã alta. Foi mais ou menos como Carson e eu havíamos imaginado. Um pouco antes do clarear do dia, Hofner ouvira o som de uma tosse, vindo da parte superior do celeiro. Foi até lá. Dispunha de uma lanterna e facilmente descobriu o rapaz e a garota.

— Jack estava tentando levantar-se, ainda meio inconsciente. Aproximei-me e bati nele com força, aplicando-lhe um daqueles golpes de judô, na nuca. Já então Nancy começara a dar sinais de vida e tentava manter os olhos abertos. Ergui a cabeça dela e apliquei-lhe também o

mesmo golpe.

Depois de dominar uma crise de vômito, ele continuou:

— Assim, os dois ficaram estendidos sobre o cobertor, inconscientes de novo. Revistei os bolsos das calças de Jack, talvez à procura de dinheiro, nem sei. Parecia um sonho. Foi então que encontrei a arma. Vi que estava carregada com duas balas. Voltei a olhar para aqueles dois vultos estendidos no chão e tudo começou a girar. Não me saía do pensamento que seria tão bom se Nancy tivesse gostado de mim, mas ali estava ela, em companhia de um bobalhão como Jack Tice. . . De repente, qualquer coisa explodiu dentro de mim. E então. . . matei os dois. Nunca pensei que houvesse qualquer chance de alguém descobrir o que acontecera.

O xerife perguntou com voz macia:

— Você gostava muito de Nancy, não é mesmo? Mais do que nos confessou.

Hofner nos encarou com os olhos inchados, cheios de lágrimas.

— Sim, eu era louco por ela. Faria tudo para não magoá-la. Se ela tivesse sido, ao menos uma vez, carinhosa comigo. . .

Soluçou de novo e sacudiu a cabeça violentamente.

— Mas nunca pensei que fosse capaz de bater nela. Acho que estava completamente fora de mim.

Tínhamos chegado ao pátio de estacionamento atrás do xerifado e saltamos do carro. Por uns instantes Ed Carson ficou contemplando a reverberação que o calor do sol produzia no asfalto.

— Este verão em Pokochobee. . . — comentou ele.

## VARIAÇÕES SOBRE UM MESMO TEMA

Fletcher Flora

— Este caso — disse Marcus — não é normal.

Bob Fuller deliberadamente se afastou o mais que pôde no banco do carro da polícia e ficou olhando através da janela para os edifícios por onde passavam. O carro se deslocava vagarosamente no tráfego pesado e a sirene estava desligada. Isto, para Fuller, era uma violação das normas usuais, quase uma ofensa contra o decoro. Em sua opinião, dois policiais em serviço deveriam correr em alta velocidade, com a sirene uivando, pois que se tratava de um assassinato. Marcus, porém, infelizmente acreditava que essas correrias ficavam bem para ambulâncias e carros de bombeiros. Afinal de contas, não havia grande pressa. A cena do crime estava bem guardada por policiais uniformizados, que haviam chegado no devido tempo, e o cadáver certamente continuava em seu lugar. A velocidade o deixava nervoso, alegava Marcus, e as sirenes lhe davam dor de cabeça.

— Não é normal por quê? — perguntou Fuller.

— Segundo me informaram, esse tal de Draper estava dormindo em sua cama esta manhã e alguém entrou e furou-lhe a garganta com um punhal.

— Isso não me parece que seja anormal. Um crime comum.

— Não disse que fosse anormal nesse sentido. É que aconteceu com um tipo esquisito, que morava não em sua casa, mas em um hotel.

Foi o que quis dizer.

— Obrigado — disse Fuller, em um tom de voz ligeiramente irônico, o bastante para registrar sua discordância, mas observando a hierarquia. — É bom estar informado. Esse Draper era casado?

— Era.

— Onde estava a mulher dele na ocasião do crime?

— Uma boa pergunta, Fuller. Na primeira oportunidade não se esqueça de interrogá-la sobre isso.

Entrementes eles já haviam alcançado uma larga avenida, cujas pistas eram separadas por canteiros floridos, em uma zona caracterizada principalmente por edifícios de apartamentos e hotéis. O carro parou em frente a um destes, o Southworth, e os dois policiais desceram. A despeito da placa de bronze com o nome do hotel e do toldo sobre a porta de entrada, o edifício não era realmente muito comum. Marcus apenas quisera dizer que sem dúvida a diária do Southworth não deveria ser barata. Tal convicção se reforçava ainda mais pela imponência do porteiro que os recebeu.

— Está no quinto andar — disse Marcus por sobre o ombro, ao atravessar o saguão em direção ao elevador, com Fuller atrás. — Vamos logo para lá.

Quando chegaram ao quinto andar, caminharam pelo corredor até o apartamento 519. Marcus abriu a porta que estava apenas encostada e entrou no vestíbulo formado pela saliência do quarto de banho, situado logo à direita. Poucos passos depois começava um dos dois quartos do apartamento. Ainda no lado direito, com a cabeceira perto da parede do quarto de banho havia uma cama de casal. Junto à cama, com os olhos parados como se estivesse surpreendido com a morte e as perspectivas do céu, estava um homenzinho grisalho e seco, com um estetoscópio pendurado no bolso do casaco. O estetoscópio parecia fazer parte da indumentária, uma espécie de emblema profissional, em substituição ao caduceu. O médico não precisava de qualquer aparelho, pois o homem deitado na cama e objeto daquele olhar fixo estava indiscutivelmente morto, com uma faca enterrada na base da garganta. Ele sangrara muito, encharcando toda a parte da frente de seu pijama de seda branca e manchando de vermelho os lençóis de linho. O homenzinho grisalho olhou para Marcus com uma expressão estranhamente zangada.

— Alô, Marcus — disse ele. — Você demorou muito.

Marcus fez a volta da cama e se colocou no estreito intervalo entre a cabeceira da cama e a parede. Fuller ficou no lado oposto, atrás do

médico, e olhou para o ferimento com ar forçado de indiferença. Uma das preocupações de Fuller era esconder que a vista e o cheiro de sangue provocavam-lhe náuseas.

— Isto às vezes me acontece — replicou Marcus, fitando aqueles olhos sem luz e resistindo ao desejo de fechá-los. — Ele sangrou demais, não acha?

— É o que geralmente acontece, quando a garganta é cortada.

— Há quanto tempo ele está morto?

— Cinco segundos depois de ter sido apunhalado.

— E quando foi apunhalado?

— Não faz muito tempo. Digamos que foi em torno das nove horas. Pouco antes de ser encontrado.

— E quem o encontrou?

— Como vou saber? Minha função é atestar o óbito, Marcus. Você é que é o detetive.

— Tem razão. O homem estava dormindo quando ocorreu o crime. Dormindo de costas. Como será que alguém entrou aqui? Essas portas de hotel se trancam automaticamente, quando são fechadas. Não podem ser abertas pelo lado de fora sem a chave. Não se preocupe em explicar isso, doutor. O senhor já me disse que o detetive sou eu.

Marcus, sacrificando um lenço e dominando um leve sentimento de repulsa, arrancou a faca, tendo o cuidado de preservar a ocorrência de impressões digitais — que ele estava convencido de que não existiam.

A arma era uma faca comum de cozinha, de qualidade inferior, mas suficientemente afiada e própria para descascar batatas, cortar um bife ou uma garganta. Qualquer pessoa poderia tê-la comprado no supermercado ou mesmo em uma das numerosas lojas de ferragens. Em outras palavras, seria impossível descobrir quem adquirira uma faca daquele tipo. Certamente na cozinha do hotel deveriam existir muitas do mesmo tipo. Nesse caso, talvez surgisse daí uma pista, embora Marcus, sempre pessimista, não acreditasse em tal coincidência.

Desde que entrara no apartamento, o detetive se dera conta de que havia vozes e movimentos no segundo quarto. De repente, levando a faca embrulhada no lenço, ele resolveu abrir a porta de comunicação. Os técnicos em impressões digitais estavam diligentemente preparando seu material. Um dos dois patrulheiros, que fora o primeiro a chegar na cena do crime, montava guarda na porta do corredor. Marcus, depois de acenar para os técnicos, aproximou-se do patrulheiro. Este identificou-se e, por solicitação de Marcus, relatou tão sucinta e corretamente o que

era de seu conhecimento que deu a impressão de que preparara mentalmente seu relatório, a fim de dar uma demonstração de eficiência, o que realmente conseguiu, fazendo com que Marcus o notasse.

O patrulheiro e seu colega tinham recebido pelo rádio, às 9:20, a mensagem que os mandava seguir para o Southworth. O carro-patrulha estava perto do hotel, permitindo que eles chegassem ao local às 9:27. Encontraram o gerente, Sr. Clinton Garland, recém-egresso da câmara dos horrores, que montava guarda, muito compenetrado, na porta do apartamento. O corpo tinha sido descoberto por uma camareira do hotel, quando fora, como de costume, trocar as toalhas no quarto de banho. A camareira fizera um escarcéu que chegou logo aos ouvidos do gerente. Este subiu imediatamente, em companhia do chefe da portaria, que ficou encarregado de chamar a polícia. Com a chegada dos patrulheiros, o gerente foi liberado de suas funções da guarda. Assim, não se tocou em coisa alguma, até a invasão dos investigadores.

— Onde está a mulher dele? — perguntou Marcus.

O patrulheiro mostrou-se surpreendido, concluindo imediatamente que, em seu minucioso relatório, cometera uma imperdoável omissão.

— Mulher, senhor?

— Isso mesmo. Mulher. Ele tinha uma, você devia saber.

— Na verdade, senhor, eu não sabia.

— Então sou obrigado a concluir que ela não apareceu desde que você chegou aqui.

— Não apareceu, não, senhor. Nenhuma mulher.

— Não faz mal. Trataremos disso mais tarde. Onde está o gerente?

— Esperando em seu gabinete no andar térreo. Estava muito nervoso. Achei melhor que ele se retirasse.

— Você agiu muito bem. Agora, pode retomar, com seu companheiro, o serviço de patrulha.

Marcus voltou para o interior do quarto e colocou a faca, protegida por uma camada de algodão, sobre a mesa onde um dos técnicos estava metodicamente recolhendo impressões digitais.

— Peço-lhe que verifique o cabo desta faca — disse o detetive — embora eu não creia que vá encontrar algo que se aproveite.

A seguir, dirigiu-se, pela porta de comunicação, para o quarto de banho. O médico-legista já havia ido embora, mas Fuller ainda aguardava ordens.

— Dê uma olhada por aí, Fuller, e veja se encontra alguma pista interessante. Provavelmente você não achará nada que valha a pena, mas

temos de tentar. — Sem se interromper, Marcus encaminhou-se para a porta do apartamento. — Vou descer para falar com o gerente. Voltarei em seguida — acrescentou ao sair, deixando Fuller incumbido de procurar alguma coisa que ele não sabia o que poderia ser.

Marcus, entretanto, não desceu diretamente para o andar térreo. Logo ao sair do apartamento, foi detido no corredor por um assobio agudo, como o silvo de uma cobra assustada. A porta no lado oposto do corredor se entreabrira o suficiente para dar passagem ao que parecia a cabeça decapitada de uma velhinha. A cabeleira branca estava repartida ao meio, formando um coque sobre cada orelha; o rosto miúdo, cheio de rugas, tinha um ar de conspiração e a boca reta parecia ser mais uma ruga ornada de dentes; os óculos sem aros haviam escorregado para a ponta do nariz adunco e, espiando através das lentes, astuciosamente, um par de olhos inquisitivos se mantinham alerta.

Marcus teve a impressão de estar vendo uma bruxa maldosa.

— A senhora me chamou? — perguntou ele delicadamente.

Ela sacudiu a cabeça de modo afirmativo e olhou para os dois lados do corredor, parecendo com isso convidar Marcus para uma conspiração.

— É verdade mesmo? — sussurrou a velhinha.

— Talvez seja — replicou Marcus, cauteloso. — O que é, precisamente, que a senhora pergunta se é verdade?

— Mark Draper está morto?

— Está.

— Assassinado?

— Infelizmente, sim.

A cabeça branca balançou novamente. Os olhinhos brilhantes faiscaram atrás dos óculos. — Não é de admirar. . .

— A senhora acha que não? Por quê?

— Certas pessoas nascem para ser assassinadas — explicou ela, em tom ainda mais baixo, mal se distinguindo as palavras. — Outras, para ser assassinas.

— É uma teoria interessante. Teria muito prazer em ouvir a senhora falar sobre ela.

— Na verdade, fiquei sabendo de uns pequenos fatos. Por acaso.

— Não me admiraria.

— Tenho um instinto para certas coisas.

— Minha cara senhora, instinto não tem valor num julgamento. Entretanto, quando apoiado por adequados indícios, poderá ser de utilidade em uma investigação. Permite que eu entre?

— Com muito prazer.

Ela abriu a porta apenas o suficiente para Marcus passar e em seguida a fechou cuidadosamente. A atmosfera de conspirata estava-se tornando um tanto absurda.

— Permita que me apresente — disse ele. — Tenente Joseph Marcus.

— Sou Lucretia Bridges. Não quer sentar?

Cada um ficou olhando para o outro, separados por metro e meio de um tapete verde numa sala que se revelava, pela presença de uma série de objetos, sem dúvida pessoais, como um local de residência permanente. Lucretia não era, evidentemente, uma hóspede ocasional, mas de fato pertencia à classe dos moradores do hotel.

— A senhora tem uma teoria — disse Marcus. — E um instinto também. Estou interessado em ambos.

A cabeça branca se moveu para cima e para baixo; Marcus, teve novamente a impressão de estar vendo uma bruxa.

— Mark Draper não era lá essas coisas.

— Muitos homens não são.

— Bebia, jogava e chegava sempre muito tarde.

Marcus — que se enquadrava no primeiro caso e no último, embora não no segundo — sacudiu os ombros.

— Então era assim?

— Era. Além de tudo, vagabundo. Não trabalhava.

Os ombros de Marcus se sacudiram outra vez. Ele não se classificava nessa categoria, sendo pobre demais para ficar gozando a vida.

— Mas se ele não trabalhava, como podia morar em um hotel como este? O preço aqui deve ser bem elevado.

— E é, mas ele tinha dinheiro, mais do que seria capaz de gastar, mesmo sendo vagabundo. Por que razão o senhor imagina que essa espevitada casou com ele?

— Espevitada? Ah, sim. A senhora se refere à mulher dele, é claro.

— Ela é muito mais moça que o marido. Anos e anos. A diferença de idades cria uma situação desfavorável. Dá margem a encrencas.

— Como assim?

— Nunca fui infiel ao Sr. Bridges. Jamais!

— Isso é muito louvável, certamente. A senhora acha que a Sra. Draper traía o marido?

— Não acho. Eu sei.

— Instinto?

— Tenho olhos. Vejo o que está acontecendo.

Sobre isso Marcus não tinha dúvidas. Entretanto, para merecerem crédito, as testemunhas precisam às vezes ser mais específicas.

— O que foi que a senhora viu? E quando?

— Idas e vindas. O Sr. Draper passava muito tempo fora, entende? Não trabalhava, mas andava sempre viajando e, entrementes, ela recebia visitas. Em pleno dia, imagine o senhor! Não acha que é mais vergonhoso do que de noite?

Marcus não tinha preferência, dia ou noite, e limitou-se a repetir seu gesto de sacudir os ombros.

— Um tanto escandaloso — admitiu ele.

— Exatamente. Eu poderia citar alguns nomes que surpreenderiam muita gente.

— Experimente comigo.

— Aquele moço, o Sr. Tiber, que tem apartamento no andar aqui em cima. Jerome Tiber. É o mais descarado de todos. Como o senhor disse, um tanto escandaloso. Estou certa de que ela lhe deu uma chave.

— Do apartamento dela?

— Deve ter dado. Eu o vi entrar, mais de uma vez, descaradamente, sem bater.

— É um detalhe interessante. Muito interessante mesmo.

— Mas ele não era o único. Há os que dispõem de chave por direito de função, se é que me entende.

— Quem, por exemplo?

— Bem. Acho que o Sr. Clinton Garland costuma visitá-la mais vezes do que seria necessário.

— O gerente?

— Não é comum que um gerente de hotel tenha de entrar tão frequentemente no apartamento de um hóspede. E também aquele chefe da portaria, Lewis Varna. Minha impressão era que Dolly Draper passava a metade de seu tempo imaginando um pretexto para mandar chamá-lo.

— Os gostos dela, pelo que a senhora está dizendo, eram bastante liberais.

— Prefiro dizer que ela não tinha gosto algum.

— Parece que ela perdeu a cena desta manhã. A senhora sabe, por acaso, onde ela se encontra agora?

— É claro que não sei — disse Lucretia Bridges, acrescentando com o maior caradurismo, que deixou Marcus sem saber o que responder: — Sou do tipo de pessoa que não se mete na vida dos outros.

O choque dessa afirmativa fez com que ele se levantasse. Já havia adquirido informações suficientes para explorar. Passou os olhos pela sala, à procura de uma observação amável antes de retirar-se.

— A senhora tem uma sala muito confortável. É hóspede permanente aqui, não é mesmo?

— Sou. Acho que morar em um hotel tem suas vantagens. Estou aqui há quase 10 anos, desde que o Sr. Bridges morreu.

— Seu marido deve ter-lhe deixado bons recursos.

— Realmente deixou. Winston era um homem admirável. O coitado morreu tão de repente! Não percebemos o menor sintoma. Estávamos iniciando o jantar e ele deixou a cabeça cair sobre o prato de sopa. Nem houve tempo para se chamar um médico.

— Bem, muito obrigado por seu valioso auxílio, Sra. Bridges. É possível que eu venha visitá-la outra vez.

— Às suas ordens — replicou Lucretia, acompanhando Marcus até a porta, onde ele se despediu. Antes que desaparecesse no corredor, ela ainda recomendou, bem feminina:

— Quando encontrar Dolly Draper, tenha cuidado. Ela é um bocado falsa e aparenta ser o que não é. Pode ter certeza de que se trata de uma mulher perversa. O próprio demônio.

A agourenta classificação pareceu ter ficado flutuando no ar, repetida em sussurros. O trecho do corredor, que Marcus teve de percorrer até ao elevador, se tornou de repente mais frio e mais escuro que antes.

O Sr. Clinton Garland, cercado pelo balcão da portaria, estava sentado atrás de sua escrivaninha. Seu traje era impecável, o cabelo cuidadosamente penteado e a fisionomia, adequadamente afinada com as características trágicas da situação, era simpática, o bastante para que ele aparecesse em uma novela de TV, embora o nariz fosse um pouco grande. Quando ele se levantou e estendeu a mão bem manicurada, Marcus percebeu que o Sr. Garland havia tomado uma boa dose para acalmar os nervos.

Depois das apresentações, Marcus comentou:

— Um fato bastante desagradável.

— Muito, realmente — concordou Garland, recolhendo rapidamente a mão, como se o contato tivesse sido desagradável. — Não será nada bom para a reputação do Southworth, tenente. Nada bom mesmo.

— Também não foi para o Sr. Draper.

— Terrível. Simplesmente terrível. Quem poderia ter cometido um crime tão monstruoso?

— Estamos procurando descobrir. Conto com sua ajuda.

— Farei o que estiver ao meu alcance, naturalmente, mas não creio que seja de muita importância.

— Talvez. Faça o favor de relatar sua participação no caso.

— Pois não. Eu me encontrava aqui no gabinete, discutindo alguns problemas de rotina com Lewis Warna, o chefe da portaria. Quando a notícia chegou ao saguão, trazida por um dos rapazes que carregam as malas, o plantão na portaria a ouviu e se apressou em transmiti-la para mim.

— Que horas eram?

— Não sei dizer ao certo. Fiquei naturalmente tão perturbado pela notícia que não prestei atenção a esse detalhe. Eram mais de nove horas, porém menos de nove e meia. Entre esses dois extremos.

— Não se preocupe. Continue, por favor.

— Bem, Lewis e eu corremos naturalmente para lá e entrei no apartamento para verificar o que tinha havido. Quanto sangue! — acrescentou Garland com um arrepio. — Foi terrível, simplesmente terrível.

— Em que quarto o senhor entrou?

— Em que quarto? Ora, no que o Sr. Draper foi apunhalado, é claro.

— Pensei que o senhor poderia ter entrado no segundo quarto do apartamento.

— Não, não. Fui diretamente do corredor para o primeiro quarto.

— A porta estava fechada e trancada?

— Se estivesse fechada, ficaria automaticamente trancada. Não estava. A coitada da Sra. Grimm, a camareira, saíra para o corredor aos gritos e deixara a porta completamente escancarada. Que desagradável experiência para a pobre mulher.

— Pelo que sei, Draper estava dormindo quando foi apunhalado. As camareiras aqui do hotel costumam entrar nos quartos quando os hóspedes estão dormindo?

— Claro que não. No caso, porém, a Sra. Grimm encontrou a Sra. Draper no andar logo abaixo, cerca de meia hora antes, e a Sra. Draper avisou que seu marido iria dormir até mais tarde; entretanto, a camareira poderia entrar no quarto de banho sem fazer barulho e trocar as toalhas. Na verdade, o Sr. Draper sempre acordava muito tarde e não se importava que a camareira entrasse no banheiro quando necessário. Afinal, as camareiras precisam dar conta de suas obrigações.

— O que a Sra. Draper estava fazendo no andar inferior, quando a camareira a encontrou? O senhor sabe?

— Ela estava em companhia da Sra. Bryan Lancaster, que ocupa

com seu marido uma suíte naquele andar. As duas senhoras encontraram a camareira justamente quando desciam pela escada. Elas haviam estado no apartamento da Sra. Draper e se dirigiam para o da Sra. Lancaster. A camareira ainda viu quando elas entraram.

— Parece que há um bom número de hóspedes permanentes neste hotel.

— É verdade. Apreciamos muito essa categoria. Nossos preços não são excessivos em relação ao bem-estar e aos serviços que oferecemos.

— Entendo. Quero agradecer-lhe por ter-me feito saber, afinal, por onde andava a Sra. Draper. Estranhei o fato dela ter-se ausentado.

— Ausentado? Nada disso. Durante todo este tempo ela tem permanecido na suíte da Sra. Lancaster. Ao saber do ocorrido com seu marido, ficou desolada, como é natural. Simplesmente desolada. Que coisa horrível foi acontecer com aquela pobre senhora! A Sra. Lancaster está cuidando dela.

— Qual o número da suíte da Sra. Lancaster?

— O 421. Espero que, se o senhor for interrogar a Sra. Draper, leve em consideração o seu estado.

— Sempre faço assim com todos — replicou Marcus, tirando um cigarro do bolso e acendendo-o. — O que foi que o senhor fez, depois de ter visto o corpo?

— Mandei que Lewis Varna chamasse a polícia e fiquei no corredor, no lado de fora da porta, até que os patrulheiros chegassem. Depois, com permissão de um deles, vim para cá. Estava arrasado. Simplesmente arrasado!

— Entendo. Foi uma dura experiência. Onde está a camareira agora? Preciso falar com ela.

— Ordenei que ela ficasse de sobreaviso. Lewis Varna também. Calculei que o senhor haveria de querer interrogá-los.

— Ótimo. Falarei com eles ao mesmo tempo. Dois coelhos com uma só cajadada, não é?

Clinton Garland deixou a sala e voltou em menos de dois minutos, trazendo Lewis Varna e a Sra. Grimm. O chefe da portaria era um jovem esbelto, moreno, com uma bela cabeleira negra, cortês sem ser subserviente e sem dúvida muito apreciado pelas senhoras. A camareira, uma mulher do tipo miúdo, muito simpática, estava com seu uniforme de serviço impecavelmente engomado. O cabelo já apresentava muitos fios brancos, mas seu rosto sereno mostrava traços de juventude; a região tão vulnerável da pele do pescoço, embaixo do queixo, ainda conserva-

va sua elasticidade. Marcus se surpreendeu. Por alguma razão ignorada, esperava encontrar uma mulher encurvada, carregando um balde e um esfregão.

Lewis Varna, a pedido de Marcus, falou em primeiro lugar. Seu relatório foi conciso, confirmando em todos os detalhes o depoimento anterior de Clinton Garland. Isso poderia significar, pensou Marcus com o característico ceticismo de sua raça, que os dois haviam contado, separadamente, a pura verdade, ou que, por outro lado, tinham combinado os respectivos depoimentos durante o largo tempo que dispuseram. Marcus desconfiava sistematicamente de qualquer dupla, na qual cada um dos parceiros comprovava a inocência do outro; e muito mais neste caso, em que os dois possuíam a chave do apartamento. Ademais, o álibi não era invulnerável. Havia, como um ponto de interrogação, aquele período crucial antes de Garland e Varna se reunirem no gabinete para a discussão de problemas do hotel.

— Recapitulemos — disse Marcus em tom casual. — Você e o Sr. Garland estavam aqui, juntos, quando chegou a primeira notícia do crime. Durante quanto tempo calculam que já estivessem conversando?

Varna percebeu o objetivo da pergunta. Garland também. Os dois se entreolharam, desconfiados, mas a expressão do rosto de Varna não se alterou. O jovem continuou apresentando seu ar de complacência, como quem aceita as impertinências de uma investigação policial, mas reconhece, apesar de tudo, os absurdos que ela comete.

— É difícil dizer. É claro que não estávamos preocupados com o tempo. Quanto tempo o senhor calcula, Sr. Garland? Meia hora?

— Havia vários itens na agenda — respondeu Garland. — Meia hora pode ser uma estimativa conservadora. Diria que foram uns 45 minutos.

— Obrigado — disse Marcus, voltando-se a seguir para a Sra. Grimm. — A senhora deve ter levado um susto enorme.

— Foi um choque tremendo.

— Mas já está em condições dê prestar algumas informações?

— Já me sinto bem, muito obrigada.

Realmente, ela parecia bem senhora de si. Permanecia ereta, com os pés unidos e as mãos cruzadas sobre o avental. Os olhos, com a deferência própria de um empregado perante o patrão, estavam fixos num ponto imaginário acima da cabeça de Marcus.

— A senhora entrou no quarto pouco depois das nove, segundo me disseram. Foi assim mesmo?

— Deve ter sido. Não tenho certeza.

— O médico-legista calcula que o Sr. Draper foi assassinado mais ou menos às nove horas. Por pouco a senhora não foi testemunha de uma cena muito mais chocante do que a que viu mais tarde.

— Tentei não pensar nisso, senhor.

— Fez bem. Não adianta nada estar rememorando cenas desagradáveis. A senhora por acaso viu alguém perto da porta, antes de entrar?

— Não, senhor.

— Não havia ninguém no corredor?

— Ninguém.

— A senhora entrou no quarto de banho para trocar as toalhas, segundo me informaram. Ia também trocar os lençóis?

— Não, senhor. O Sr. Draper ainda estava dormindo. Eu havia encontrado a Sra. Draper no corredor do andar de baixo e ela me disse que eu podia entrar no quarto de banho sem fazer barulho.

— Então a senhora chegou a trocar as toalhas?

A Sra. Grimm ficou pensando durante uns instantes, depois sacudiu lentamente a cabeça.

— Agora, ao ouvir sua pergunta, é que me dei conta de que não fiz a troca. Por causa do choque, compreende? Acho que fiquei muito confusa.

— O que é muito compreensível. Diga-me apenas, resumidamente, o que foi que fez depois de ter visto o corpo do Sr. Draper.

— Gritei e saí correndo do quarto para o corredor. Devo ter gritado várias vezes e sentia minha cabeça rodar. Em frente ao elevador, encontrei um dos mensageiros que estava vindo do saguão. Ele me carregou para um quarto vago e fez-me deitar na cama. O hóspede havia deixado o hotel horas antes. . . entende? . . . e a porta estava aberta. Poucos minutos depois, quando fiquei mais calma, achei que era melhor avisar logo o Sr. Garland; entretanto, no momento em que saí de novo para o corredor, vi o Sr. Garland montando guarda na porta do apartamento do Sr. Draper. Não desejando chegar perto outra vez daquele quarto, resolvi descer e esperar. É tudo, senhor. Não me lembro de mais nada.

— Está muito bem, Sra. Grimm. Muito obrigado.

— Já acabou, tenente? — perguntou Garland.

— Por enquanto, sim.

Garland fez um sinal para o chefe da portaria e para a camareira.

— Vocês podem ir.

Os dois se retiraram. Logo após, com um cortês agradecimento ao gerente, Marcus se retirou também, dirigindo-se para o elevador.

Bateu de leve na porta da suíte marcada com o número 421. Marcus notou que os algarismos 4, 2 e 1 guardavam uma relação interessante entre si: o primeiro era o dobro do segundo e este o dobro do terceiro; com este recurso mnemônico, bastava guardar o primeiro algarismo.

A porta se abriu e apareceu um jovem vestindo um suéter de malha. Tinha fartos cabelos castanhos, deliberadamente despenteados, um nariz levemente adunco e uma expressão inadequadamente alegre, contrastando com a situação.

— É o Sr. Lancaster? — perguntou Marcus.

O jovem sorriu e sacudiu negativamente a cabeça.

— Não tenho essa sorte. O velho Bryan está por aí, ganhando o pão de cada dia. Meu nome é Tiber, Jerome Tiber.

— Ah, sim! Sou o Tenente Marcus. Da polícia. Estou à procura da Sra. Mark Draper.

— Então, tenente, chegou no limite de sua busca. Dolly está aqui, sã e salva, embora, como o senhor compreenderá, um tanto abalada. Devo dizer que o senhor levou um tempão enorme para nos achar. Estamos há muito esperando pelo senhor.

— Bem, parece que afinal cheguei. Mas onde está a Sra. Draper?

— Entre. Vou chamá-la.

Marcus entrou. Sobre uma mesinha na frente do sofá havia um bule de prata de onde emanava um gostoso aroma de café quente. Ao lado do bule, uma xícara já servida repousava sobre o pires. Marcus sentou-se no sofá, aspirou o cheiro do café e desejou que houvesse uma xícara para ele.

Jerome Tiber, de pé junto à porta de comunicação com o quarto, estava dizendo em tom alegre:

— Dolly, minha querida, os seus pecados vão começar a ser pagos. É melhor criar coragem e enfrentar a situação.

Em resposta a essa convocação em tom que pretendia ser jocoso, duas moças entraram na sala. Uma delas era bem alta, com uma brilhante cabeleira vermelha, e revelava a atitude benevolente de uma pessoa que está firmemente disposta a ajudar e proteger sua amiga. Deve ser a Sra. Bryan Lancaster, concluiu Marcus acertadamente.

A outra, então, era Dolly Draper. Marcus, levantando-se para cumprimentá-la, deu-se conta, instantaneamente, de um sentimento que, na idade dele, já não deveria mais manifestar-se. Compaixão? Ternura? As notas distantes da Canção de Setembro? Digamos, a bem do decoro, que se tratava de um afeto paternal. É que Dolly Draper, que seguramente já

se aproximava dos 30. Parecia ter menos de 20 anos. E era do tipo miúdo, gracioso, com um corpo inocentemente sedutor, dentro de um suéter de lã branca e slacks vermelhos. O cabelo, de um louro suave de milho maduro, era pouco mais longo do que usam os cantores modernos. Os olhos eram de cor cinza e se conservavam abaixados. Ela se sentou na beira de uma poltrona e cruzou as mãos sobre os joelhos. Não parecia desesperada. Apenas infinitamente triste.

— Pare com isso, Jerry — disse a ruiva Sra. Lancaster. — Faça o favor de não procurar ser engraçadinho. Tal atitude chega a ser obscena.

Tiber, despreocupado, curvou-se numa mesura jocosa.

— Tristezas não pagam dívidas. Você conhece o ditado, querida. A gente deve adotar uma atitude filosófica é o que sempre digo! Ademais, neste caso, alguém, embora de maneira pouco recomendável, me prestou um serviço. Quero dizer que acabou com meu concorrente.

Durante este insólito discurso, Dolly Draper permaneceu silenciosa, com seus olhos cinzentos fixos no orador e a leve sombra de um sorriso terno e triste sobre seus lábios rosados.

— Meu bem — disse ela — sei que sua intenção é muito boa, mas você não deve dizer essas coisas. São impróprias.

— Obscenas é o que elas são — interveio a ruiva. — Jerry, mantenha a compostura.

— O quê? Ah, sim. Devo fazer as apresentações. A Sra. Draper, a Sra. Lancaster, o Tenente Marcus. Como eu já dissera a vocês, ele é da polícia. Uma vez que a franqueza caracterizará nossa reunião, sugiro que seja abolida qualquer formalidade. Se você preferir, tenente, pode chamar estas duas ilustres damas de Dolly e Lucy.

— Sra. Draper — disse ele — esta é uma situação bem desagradável e compreendo que a senhora tenha dificuldade em enfrentá-la. Lamento muito.

— Sinto-me bem melhor — replicou ela, com um débil sorriso, os olhos fixos, as mãos cruzadas. — Agora que o choque já passou, acho que nem estou propriamente surpreendida.

— Não? O que quer dizer com isso?

— Para falar a verdade, o pobre Mark era uma pessoa muito difícil e andava sempre às voltas com uma porção de negócios em diferentes lugares e tratando com todo o tipo de gente suspeita.

— Que lugares? Que gente?

Dolly Draper abriu as mãos num gesto de desânimo e logo as cruzou novamente.

— Não saberia dizer. Vários lugares e várias pessoas.

— Mas a senhora nunca o acompanhou?

— Oh, não! Não me envolvo nessas coisas.

— Sra. Draper, raramente alguém é assassinado apenas por ser *difícil*.

— Bem, mas a esse respeito — interveio Jerry Tiber — você pode fazer uma exceção para o velho Mark.

— Cale a boca, Jerry — disse Lucy Lancaster. — Tenente, por que o senhor olha tanto para o bule de café? Não está com vontade de tomar uns goles?

— Não, obrigado — mentiu Marcus.

— Bobagem. É claro que está. Vejo pela maneira como o senhor franze o nariz. Jerry, vá buscar uma xícara para o tenente.

— Não há nenhuma limpa. O garçom trouxe três e usamos todas elas.

— Ora, isso não é uma dificuldade irremovível. Vá lá dentro e passe uma água em qualquer dessas três.

Com um sorriso de boa vontade, Jerry obedeceu, enquanto Marcus, sentindo que estava perdendo o controle da situação, voltou-se outra vez para Dolly Draper, prosseguindo no interrogatório.

— Então a senhora acha que alguém de fora tenha entrado no hotel e assassinado o seu marido?

— Talvez mesmo um hóspede, desses que pagam apenas um ou dois dias e que a estas horas já deve ter pago sua conta e ido embora.

— Isso é possível, naturalmente, mas como teria ele entrado no quarto?

— Imagino que pela porta. Não é assim que as pessoas costumam entrar?

— Normalmente, sim. Neste caso, porém, Sra. Draper, não vejo como. A porta do apartamento estava fechada. A dos quartos, também. De que maneira um hóspede poderia abrir qualquer dessas portas, sem dispor de uma chave?

— É esse o problema? Ora, o próprio Mark poderia ter feito essa pessoa entrar.

— Mas o caso é que seu marido estava dormindo, quando foi apunhalado.

— É mesmo? Como é que o senhor sabe?

Marcus ia responder, mas parou de repente, antes de pronunciar a primeira sílaba, a fisionomia revelando uma expressão de constrangimen-

to, o que não era comum de sua parte.

— Ele parecia que estava dormindo — disse finalmente e as palavras soaram falsas em seus próprios ouvidos.

— Se o senhor quisesse saber minha opinião — replicou Dolly Draper — diria que a hipótese na qual está baseando seu trabalho é capaz de estar completamente errada. Qualquer pessoa pode acomodar um corpo na cama e dar a impressão de que o sujeito morreu durante o sono.

— A senhora ouviu contar que ele foi apunhalado na garganta por alguém que estava na frente dele?

— Ouvi, sim. Foi uma coisa cruel que fizeram com o pobre Mark.

— Como seria possível que alguém se aproximasse de seu marido com uma faca e lhe cortasse a garganta, se ele estivesse acordado, em pé e vendo o que lhe iria acontecer?

— Eu disse que ele estava em pé? Quando Lucy e eu deixamos o apartamento esta manhã, Mark estava com uma terrível dor de cabeça. Mostrava-se tão irritado, tão mal-humorado, que se tornara simplesmente intolerável. Foi por isso que Lucy e eu resolvemos descer para o apartamento dela. Antes de sair, porém, dei a Mark um sedativo e disse-lhe que fosse para a cama. Se, depois que deixamos o apartamento, alguém bateu na porta, Mark, estando ainda acordado e conhecendo bem o visitante, o teria deixado entrar; a seguir, deitou-se e fechou os olhos, sob o efeito do sedativo. O senhor bem sabe que é possível manter uma conversa quando se está deitado de costas, mesmo com os olhos fechados. Para falar a verdade, ele fez isso comigo uma porção de vezes. Ultimamente, tinha fortes dores de cabeça todas as manhãs, em geral resultantes de ressacas, ficando na cama enquanto eu me movimentava; nesse meio tempo, conversávamos, ele sempre sem abrir os olhos. Para quem está com dor de cabeça, naturalmente é melhor não ter luz nos olhos.

Marcus, que tinha sua própria experiência no assunto, foi obrigado a concordar e ficou olhando para Dolly Draper com crescente surpresa.

— É uma explicação bem razoável — disse ele. — A senhora tem idéia de quem poderia ter vindo visitar seu marido esta manhã, depois que as duas saíram?

— Ah, não. É praticamente impossível imaginar quem viria visitar Mark, quando e por quê.

— Devemos concluir pelo menos que desta vez a finalidade era matar.

— O senhor acha? Talvez não. Bem pode ter sido um motivo surgido no momento.

— Tenho minhas dúvidas. Não me parece lógico que uma pessoa vá visitar outra levando no bolso uma faca de cozinha, a menos que pretenda utilizá-la.

— Foi assim que mataram o pobre Mark? Imagine só, Lucy, uma simples faca de cozinha!

Assim, inopinadamente convocada, não se ficou sabendo se a imaginação de Lucy estava à altura da situação. Nesse momento, trazendo uma xícara limpa e um pires, Jerome Tiber chegou de volta na sala, serviu o café e o entregou a Marcus.

— Aqui está, tenente. Com os cumprimentos da casa.

— Obrigado — disse Marcus, dirigindo-se a seguir para Lucy Lancaster. — Por que a senhora foi tão cedo esta manhã ao apartamento da Sra. Draper?

— Não era assim tão cedo. Já eram mais de oito horas. O senhor acha que somos umas ricaças preguiçosas ou algo assim?

— Desculpe. Por que foi?

— Porque Dolly me telefonou e pediu para eu subir. Apenas isso. Ela queria me mostrar uma cigarreira de prata que havia comprado ontem à tarde. A caixinha, quando se levanta a tampa, toca a canção *Smoke Gets in Your Eyes.*

— Parece que vem muito a propósito — comentou Dolly. — Cigarros e fumaça nos olhos

Marcus não achou graça.

— E logo depois as duas decidiram descer para cá?

— Fomos praticamente forçadas a proceder assim — explicou Dolly. — Pretendíamos tomar nosso café lá no apartamento, mas Mark estava tão insuportável, sempre reclamando da nossa conversa, que tivemos de sair.

— Segundo me informaram, a senhora então encontrou a camareira no corredor.

— Sim. Era a camareira que normalmente nos atende.

— E a senhora lhe disse que ela podia entrar, sem fazer ruído, e trocar as toalhas do quarto de banho?

— Achei que isso não perturbaria Mark. Ele havia tomado o sedativo, conforme lhe disse, e certamente estaria dormindo quando a camareira chegasse lá.

— Já conversei com ela. Declarou-me que não viu ninguém perto do quarto. Se seu marido, por hipótese, deixou entrar alguma pessoa, esta já tinha saído antes da chegada da camareira.

— Bem, os assassinos raramente ficam esperando a chegada da polícia, depois de cometerem seus crimes, não é verdade?

Marcus viu-se compelido a admitir que eles, de fato, em geral não esperam. Tendo também concluído que já se demorara ali mais do que seria conveniente, esvaziou a xícara de café, colocou-a sobre a mesinha e levantou-se.

— Muito obrigado por tudo. Já é tempo de eu tratar de outras coisas. Lamento a intromissão.

— Você vai subir? — perguntou Jerome Tiber.

— Vou.

— Eu também. Se não se incomoda, vamos juntos.

Marcus concordou amavelmente. De fato, apreciou a oportunidade de conversar uns minutos a sós com aquele extraordinário Jerome Tiber. Despedindo-se de Dolly e Lucy, os dois homens se retiraram.

— Segundo me disseram, você e a Sra. Draper são o que se costuma chamar de bons amigos.

— Faço o possível para isso — replicou Tiber com um sorriso.

— Murmuram também que você tem uma chave do apartamento dela.

— Chave? Intrigas. Para que me serviria uma chave? Se a barra está limpa, como se costuma dizer, Dolly me telefona e me distingue com um convite. Nunca tive vontade, pode crer, de ser apanhado pelo velho Mark com uma chave na mão. Ademais. . .

Interrompeu a frase e encarou Marcus com um ar de surpresa.

— Você por acaso não está insinuando, tenente, que entrei naquele apartamento hoje de manhã e dei cabo de Mark?

— A gente tem de explorar todas as possibilidades.

— Bem, você já deve ter percebido que eu não era um dos admiradores do velho Mark, mas também nunca fui seu inimigo mortal. Por mais querida que seja a garota, Dolly, eu não correria esse risco. Insinuado por quem?

— O quê?

— Quem insinuou que eu poderia ter uma chave?

— Alguém que afirma ter visto você entrar sem bater.

— Ah, já sei! Deve ter sido a bruxa que mora no outro lado do corredor. Quando Dolly me chama, muitas vezes deixa a porta apenas encostada. Facilita as coisas.

— Entendo.

Os dois subiram a escada até o andar superior e pararam um mo-

mento, antes que Jerome Tiber prosseguisse, enfrentando o lanço seguinte.

— Bem — disse ele. — Acho que devemos separar-nos aqui. Como amigos, espero. Não imagino que você vá deixar-me andar por aí, metendo o nariz na cena do crime.

— Não.

— Vi logo que não iria deixar. Não faz mal. Era apenas uma curiosidade mórbida. Boa sorte, tenente.

Jerome Tiber continuou escada acima e Marcus, imóvel, ficou ouvindo o assobio despreocupado do jovem que se afastava.

Fuller estava debruçado na janela, com a cabeça no lado de fora. Ao ouvir o ruído de passos voltou-se, porém Marcus se dirigiu para o quarto de banho.

A memória da Sra. Grimm, conforme ele verificou, funcionara perfeitamente. As toalhas que lá estavam tinham sido usadas e não havia sinal de outras, deixadas para substitui-las.

No armário em cima da pia, em meio a uma variedade de potes e frascos, havia uma caixa de plástico cheia de comprimidos. Marcus, examinando-a, certificou-se de que realmente continha sedativos dos que Mark Draper deveria ter tomado. A seguir, o detetive se encaminhou para o quarto de dormir. Fuller continuava parado junto à janela. A ambulância já havia chegado e partido; o corpo de Mark Draper não estava mais na cama. Marcus, que não gostava de ver cadáveres, sentiu-se mais à vontade.

— É uma saliência muito estreita — informou Fuller — no lado de fora, embaixo das janelas. Seria bastante perigoso, mas um homem poderia apoiar-se nela e entrar pela janela que não estava fechada.

— Ah, sim? — replicou Marcus, um tanto abstrato. — Não me parece provável.

— Por que não?

— Como você mesmo disse, é muito perigoso. Além do risco de cair, havia o de ser visto por alguém na rua. Ademais, quem tentasse entrar assim, como poderia saber que Draper estava deitado e que a mulher dele havia saído?

— Eu não quis dizer que tinha achado a solução — ressalvou Fuller, visivelmente ressentido. — Reportei apenas um detalhe que talvez pudesse ser útil.

— Ora, você fez muito bem, Fuller. Achou algum indício de o quarto ter sido revistado?

— Aparentemente, não.

— Alguma coisa faltando?

— Nada que chamasse a atenção. Teremos de perguntar à Sra. Draper, para termos certeza.

— Não acho que seja necessário. Draper não foi assassinado por um ladrão. Isso é evidente.

— É mesmo? Admito que não seja muito provável, mas como é que o senhor pode afirmar com tanta convicção? A saliência não é assim tão estreita.

O ar de abstração, de Marcus ainda permanecia. Ficou parado junto à cama, mordendo o lábio inferior e olhando para o chão. Era como se não tivesse ouvido a pergunta.

— Hem? Ah, sim — respondeu afinal. — É que já sei quem o matou.

Fuller, cuja longa experiência lhe ensinara a ser estóico, limitou-se a comentar:

— É uma boa notícia. O senhor se importa em me dizer quem foi?

— Ainda não, Fuller, ainda não — desculpou-se Marcus, como se estivesse completando mentalmente um quebra-cabeça. — Infelizmente, não sei por quê. Não consigo perceber o motivo.

De súbito, encaminhou-se para a porta.

— Vamos, Fuller. É melhor sairmos daqui. Não há nada mais a fazer neste quarto, por enquanto.

Na opinião de Fuller, havia, pelo contrário, muita coisa a ser feita. A prisão do assassino, por exemplo, se é que Marcus sabia realmente quem era ele. Pessoalmente, Fuller tinha suas dúvidas, parecendo-lhe, mesmo com boa vontade, que Marcus estava simplesmente tentando apresentar o conceito exagerado que fazia de si mesmo. Cuidado com o grande detetive! Para usar uma expressão menos amável e mais honesta, Marcus estava mentindo.

Fuller não teve coragem de externar a acusação, mas sua dúvida foi fortalecida pelo que aconteceu nos seis dias seguintes. Na verdade, pelo menos no que dizia respeito a Fuller, não aparecera nenhum fato novo. Marcus, durante dois dias, andara muito atarefado na delegacia. Tivera duas reuniões com o chefe, sendo que na segunda comparecera também o promotor. Além disso, passou um bocado de tempo falando ao telefone, discutindo com alguém que Fuller não tinha o privilégio de conhecer nem estava em condições de ouvir a conversa. Depois, Marcus desapareceu. Para todos os efeitos, o caso de Mark Draper parecia ter sido arquivado. Seu assassinato aparentemente não preocupava mais.

Então, depois de quatro dias, Marcus reapareceu. Simplesmente tomou seu lugar. Fuller, entrando no gabinete dele certa tarde do quarto dia, encontrou-o recostado comodamente atrás de sua escrivaninha, olhando em silêncio para a Sra. Grimm, que se mantinha muito tesa, sentada em uma cadeira, com a bolsa no colo. As juntas de seus dedos estavam esbranquiçadas. O rosto era como se feito de pedra.

— Olá, Fuller, afinal chegou. Estava procurando por você.

— É muita consideração sua — ironizou Fuller. — Onde tem andado?

— Ora, por aí, Fuller. Tive de atravessar o país de costa a costa. A respeito do caso Draper, sabe? A propósito, você se lembra da Sra. Grimm, certamente. Ou nunca teve oportunidade de ser apresentado a ela?

— Nunca.

— Mas você sabe de quem se trata, não é mesmo? Bem, Sra. Grimm, este é o Sargento Fuller.

Fuller fez um cumprimento de cabeça, mas a Sra. Grimm ficou imóvel e não disse uma única palavra.

— A Sra. Grimm — esclareceu Marcus — foi quem matou o Sr. Draper.

Fuller suspendeu a respiração até que seu peito doeu e então expeliu o ar com um longo suspiro, que mal se ouviu. Dando um passo à frente, apoiou-se na escrivaninha de Marcus c perguntou, atônito:

— Foi mesmo?

— Infelizmente, sim. Não é verdade, Sra. Grimm?

A Sra. Grimm não respondeu nem fez qualquer movimento.

— Gostaria de saber — disse Fuller, ainda perturbado — como o senhor chegou a esta conclusão.

— Ora, percebi tudo desde o começo, Fuller. Você tinha razão quando disse que este caso não parecia normal. Não era mesmo. A Sra. Grimm tinha uma chave geral. O Sr. Draper estava sob os efeitos do sedativo e presumivelmente adormecido. A Sra. Grimm simplesmente entrou no quarto, cortou a garganta do Sr. Draper e, após um breve intervalo, para assegurar-se de que o homem estava morto, saiu para o corredor gritando que houvera um assassinato — concluiu Marcus, com um sorriso benevolente.

Fuller ficou olhando, estupefato, para a Sra. Grimm. Ela continuava muda e imóvel.

— Mas como é que o senhor descobriu? — perguntou o sargento.

Marcus suspirou e cruzou os dedos sobre a barriga.

— A Sra. Grimm veio com o pretexto de trocar as toalhas de banho, mas não o fez. A explicação que deu foi que ficara naturalmente perturbada pelo que vira sobre a cama. Muito plausível. Mas o que faria normalmente uma mulher que, carregando uma braçada de toalhas, topasse de repente com o corpo de um homem assassinado? O lógico é que ela espalhasse as toalhas para todos os lados. No mínimo, ao correr gritando, teria deixado que elas caíssem no chão. Você viu alguma toalha por lá, Fuller?

— Não, não vi.

— Esqueça. Este não é o ponto principal.

— Então qual é? — perguntou Fuller.

— Você se lembra de como era o quarto, Fuller? O banheiro foi construído no canto, junto à parede externa, deixando uma pequena passagem dando para o quarto. Neste, a cama estava contra a parede interna, oculta, portanto, pela saliência do banheiro. A Sra. Grimm não poderia ter visto o corpo de Mark Draper, a menos que entrasse no quarto de dormir.

— Realmente, não podia — disse Fuller.

— E não havia qualquer razão para a Sra. Grimm entrar naquele quarto. Sua tarefa era simplesmente trocar as toalhas de banho. Ademais, a Sra. Draper lhe havia recomendado que não fizesse barulho, para não acordar o marido. Entretanto, ela se encaminhou diretamente para o quarto de dormir. Isso não lhe parece estranho, Fuller?

— Muito estranho.

— A mim também. Decidi então que o passado da Sra. Grimm merecia uma investigação.

Mais uma vez Fuller olhou com espanto para a Sra. Grimm. Ela continuava imóvel e muda.

— Mas qual o motivo? Por quê? — perguntou Fuller.

— Realmente, por quê? Como de costume, Fuller, você vai diretamente ao cerne do problema. A menos que a Sra. Grimm fosse uma homicida maníaca, o que ela não é, deveria haver um motivo plausível. Será que Draper a explorou alguma vez, de um jeito ou de outro? Teria ele, talvez, feito mal à filha ou arruinado o marido? Fui levado, assim, a toda espécie de melodramáticas especulações. Isso explica por que andei desaparecido todos estes dias, Fuller. Andei pesquisando o passado da Sra. Grimm e descobri mais dois casos. . . como direi?. . . esclarecedores.

— Que casos?

— Lá na Costa Oeste, há cerca de três anos, a Sra. Grimm, que na época se chamava Sra. Foster, trabalhava como criada na casa de um jovem casal muito rico. Certa tarde, quando a esposa estava ausente, o ma-

rido foi morto por um tiro à queima-roupa, de sua própria espingarda. A Sra. Grimm, que estava presente, declarou que a vítima se preparava para limpar a arma e esta havia disparado acidentalmente. Houve algumas suspeitas na ocasião, mas o caso foi afinal encerrado como sendo morte acidental, por falta de provas em contrário.

— E então?

— Como você bem sabe, Fuller, tenho uma memória desarrumada. Havia no caso um elemento que me fazia lembrar vagamente outro caso sobre o qual eu havia lido alguma coisa; passado um tempo, recordei o que era. Na Costa Leste, há cerca de seis anos, um jovem casado e rico foi apunhalado em sua casa, presumivelmente por um assaltante surpreendido por ele. A esposa estava passando a noite com uma amiga, mas a criada, que dormia em casa, testemunhou o que acontecera, descrevendo o assaltante e tudo o mais. Aqui também houve suspeitas, mas o conjunto de provas circunstanciais confirmava a história. Caso encerrado e tudo certo, Fuller. A criada, conforme descobri, embora se chamasse Sra. Breen e, posteriormente, Sra. Foster, não era outra senão a nossa conhecida Sra. Grimm.

Qualquer que fosse o nome dela, seus nervos eram de aço. Era como se não tivesse ouvido o relatório de Marcus. Se sentia algo, ocultava muito bem.

— Mas continuo sem saber o porquê — alegou Fuller.

— Não percebeu, Fuller? Isso também aconteceu com todos os que tiveram participação nos dois casos. Comigo, porém, foi diferente. Percebi que os três, aqueles dois e o nosso, tinham um denominador comum. Em todos, *a jovem esposa estava ausente e tinha um perfeito álibi.*

Abruptamente, quase com raiva, como se quisesse se ver livre de tudo aquilo o mais rapidamente possível, Marcus levantou-se e caminhou até à porta que ligava com o gabinete seguinte. Abriu-a e afastou-se para um lado.

— Faça o favor de entrar, Sra. Draper. Sua mãe precisa da senhora.

— Mãe e filha formando um par de assassinas profissionais! — exclamou Fuller.

— É justamente o que elas são. A filha, muito atraente, casa com um homem razoavelmente rico. Entrementes, a mãe é admitida como criada. Depois, o marido morre. A seguir, a herança, inclusive o seguro. Ainda depois, mãe e filha se reencontram em local bem distante do primeiro. Vida com certo luxo, alguns ricaços candidatos a marido e a rotina repetida. No nosso caso surgiu uma pequena complicação. Draper insistiu

em morar no hotel, de modo que mamãe teve de arranjar um emprego como camareira e ser escalada para o andar do apartamento da filha. Conseguiu. Mulher esperta. . .

— Elas tinham descoberto uma mina de ouro!

— Bem, não exagere tanto, Fuller. Outros já fizeram coisa semelhante. A maioria usava veneno. Um deles, lembro-me bem, era um marido crônico que preferia afogar as mulheres na banheira. Desta vez, pelo menos, houve variações sobre o mesmo tema.

Fuller olhou para Marcus com respeito e até mesmo certa inveja. Deve-se dar a César o que é de César.

— Diga-me sinceramente — pediu Fuller. — Essa é toda a verdade?

— Não há mais nada a relatar.

— O senhor suspeitou da Sra. Grimm desde o começo. Está bem. Mas não suspeitou igualmente de Dolly Draper?

— Sim.

— Por quê?

— Porque ela é diabólica.

— Ora, vamos. Como o senhor poderia saber disso?

— Porque uma mulher chamada Lucretia Bridges me contou. Para todo mundo, a moça era a doce, a encantadora, a querida Dolly, mas não para a Sra. Bridges. Sabe por quê? Porque essas pessoas semelhantes agem da mesma maneira e um cão sempre fareja outro.

— Se quer saber minha opinião, acho isso uma bobagem.

— Pode ser — concedeu Marcus — mas gostaria de saber o que havia na sopa do velho Winston Bridges.

## CAÇADORES DE ASSASSINOS

Ed Lacy

Admito que pareça ingenuidade de minha parte, mas eu estava bastante excitado com o assassinato de Frankie Sun, não porque tivesse ocorrido na minha área, onde eu conhecia, pelo menos de vista, todas as pessoas envolvidas no caso; nem porque eu fora requisitado para ficar à disposição do Departamento de Homicídio e iria trabalhar à paisana. A razão era que. . . Bem. . . Um patrulheiro acaba perdendo o entusiasmo, pois não lhe acontecem coisas grandes, tais como o assalto a um carro blindado no Brooklin, o assassinato de uma bailarina de um teatro da Broadway, as batidas contra os depósitos de drogas no Queens. Enquanto isso, eu ficava confinado a verificar se estavam bem fechadas as portas das lojas em Washington Heights ou a recolher um bêbado de quando em vez.

Entendam que eu não andava à procura de encrencas, mas, durante os 10 meses em que estava na Força, nada mais fiz do que vigiar o cumprimento da lei e ficar com os pés doloridos de tanto caminhar.

Agora, porém, eu me encontrava na sala dos detetives do distrito e ouvia atentamente, junto com os outros, a exposição que o inspetor de Homicídios fazia sobre o caso. Sentia-me no círculo dos bambas e estava vibrando de entusiasmo.

— Eis o que sabemos — começou o inspetor, com um tom de voz suave demais para um sujeito daquele tamanho. — Um criminoso cha-

mado Frankie Sun foi encontrado morto, apunhalado, em frente a uma casa residencial. Frankie tinha uma longa folha de transgressões: detido por assaltos, uso de arma, roubo de carros, arrombamentos e outras. Não preciso dizer a vocês que, quando um criminoso calejado como Frankie é eliminado, não se trata de um simples assassinato. Acresce que ele foi primeiro torturado e depois deliberadamente apunhalado enquanto estava inconsciente. Quero que este caso seja resolvido rapidamente, porque não é apenas um crime, mas a pista para uma série de outros. Até agora, o que conseguimos saber dos informantes é que Frankie ocupava posição de destaque em uma quadrilha de certo vulto, mas ninguém descobriu exatamente qual.

O inspetor fez uma pausa, olhando para mim, e pareceu satisfeito por eu não ter feito nenhuma pergunta, esperando que ele terminasse.

— Frankie — prosseguiu o inspetor — parece que vinha trabalhando com um sujeito chamado Marty. Nada sabemos a respeito deste Marty, exceto seu primeiro nome. Vejam o quadro: Frankie foi morto em Washington Heights, uma zona de baixa renda, em frente a uma casa onde moram apenas duas pessoas: a Sra. Austin, que é a proprietária, e uma moça de 19 anos, chamada Ruth Thomas, a quem alugou um quarto. Ambas dizem que não conhecem Frankie Sun, nem mesmo de vista.

O velho inspetor apontou um dedo na minha direção:

— Este é o patrulheiro Stewart, e o quarteirão se situa em sua zona. Ele ficará à nossa disposição por uns tempos. Stewart, que espécie de gente mora por lá?

— Bem, senhor — repliquei, pondo-me em pé e me sentindo como um colegial no meio de todos aqueles veteranos. — Como o senhor disse, é uma zona de pessoal de baixa renda. A criminalidade lá. . .

— O quê? — interrompeu o inspetor.

— A criminalidade é também baixa.

— Ora, não use termos empolados. Não podemos perder tempo.

Alguns dos assistentes deram uma risadinha e não pude deixar de ficar vermelho.

— Sim, senhor. Quis dizer que, quanto a crimes, a zona é sossegada. Há alguns joguinhos de dados, talvez umas bancas de apostas, mas nada de crimes grandes, envolvendo quadrilhas, capazes de interessar um gangster como Frankie Sun. Quanto a essas duas mulheres, acho que podemos descartar a Sra. Austin. Ela é uma velha senhora que só sai de casa para fazer suas compras. A maior parte do tempo passa no jardim atrás da casa. Não sei muita coisa a respeito da moça, exceto que ela é inquilina da

Sra. Austin há uns três meses e trabalha como vendedora em uma dessas lojas de bugigangas, na Avenida Amsterdam. A meu ver, ela não é do tipo das que andam com um vagabundo qualquer, um. . .

— Se ela tem 19 anos — interrompeu um detetive elegantemente trajado — se ajusta na classe das que interessariam a Frankie. Ele gostava de brotos.

O inspetor do Departamento de Homicídio interveio:

— Essa Srta. Thomas não é exatamente o que se chama de garota saliente. Trata-se de uma moça comum, muito magra, recém-chegada de uma cidadezinha do interior. Diga-lhes o que mais você descobriu, Stewart.

— Sim, senhor. Como é natural, um assassinato é motivo de grandes comentários na vizinhança. Há um sapateiro chamado Jake Cook, que tem uma lojinha bem em frente à casa da Sra. Austin. Nunca esqueceu que, durante a Segunda Guerra Mundial, foi sargento da Polícia Militar. Gosta de conversar comigo a respeito das atividades policiais. Acha que viu Frankie rondando a casa e seguindo a Srta. Thomas durante estes últimos dias. Identificou logo a foto de Frankie que lhe mostrei, dizendo que pensava que fosse de um namorado ciumento.

— Esse tal de Cook para mim não passa de um simplório que vive sonhando com crimes — comentou outro detetive.

— Jake é realmente um policial frustrado — protestei — mas está longe de ser um simplório. Ele. . .

O inspetor levantou a mão enorme, pedindo silêncio.

— Agora vocês sabem tudo o que conseguimos apurar. Falei com esse Cook e ele confirmou haver visto Frankie rondando a casa. Telegrafamos para a cidadezinha da Srta. Thomas, procurando informações a seu respeito. Stewart e eu conversamos com ela esta manhã. Quero que vocês — e apontou para dois dos detetives do Departamento — vasculhem a vida da Sra. Austin, pesquisem seu passado. Os restantes dêem uma olhada nos bares, procurem os informantes. Quero saber onde mora Frankie Sun, o que ele estava fazendo naquela zona tão longe do centro. Mantenham ligação comigo. É tudo.

Não conseguimos arrancar muita coisa da Srta. Thomas. Ela era uma menina tímida, visivelmente temerosa da polícia, apesar do tom de voz carinhoso do inspetor. Reclamou por ter sido convocada, pois assim perdia algumas horas de salário. Tinha vindo para Nova York três meses antes, deixando sua pequena cidade, em busca de trabalho; alojara-se na casa da Sra. Austin e conseguira um emprego de vendedora logo no

primeiro dia. Não, não conhecia pessoa alguma, exceto a Sra. Austin e as moças da loja onde trabalhava. Oh, não, certamente que não tinha namorado. Parecia pateticamente frágil e jovem em seu vestidinho simples e usado. Sempre pensei que as moças do interior, criadas em fazendas, tivessem pelo menos comida farta, mas Ruth Thomas dava a impressão de que não se alimentava regularmente.

O inspetor continuou perguntando se recentemente havia acontecido alguma coisa fora do comum, mas ela insistiu em reafirmar que tudo lhe corria normalmente. Trabalhava, cozinhava no bico de gás que tinha no quarto e passava as horas de folga lendo livros sobre estenografia e manuais de escritório. Não, nunca saía, nem mesmo para ir a um cinema; não se permitia esses luxos e, ademais, gastar assim era quase um pecado. Pretendia matricular-se em uma escola para secretárias, quando tivesse dinheiro suficiente. Orgulhosamente nos mostrou sua conta bancária. Vinha economizando cinco dólares por semana, desde o primeiro pagamento, além de remeter outros cinco para seus pais a cada quinzena.

Quando ela saiu, recebi ordens para segui-la. A loja onde estava empregada distava 11 quarteirões da sede de Homicídios, mas ela economizou o preço da passagem de ônibus fazendo o percurso a pé, parando nas vitrines. Este detalhe me chamou a atenção, pois, sendo uma garota tão pobre, qual seu interesse por artigos mais caros?

Deixei-a quando ela chegou a seu local de trabalho e passei o resto da tarde conversando com os donos das lojas vizinhas. Mostrei-lhes o retrato de Frankie Sun e todos declararam que nunca o tinham visto. Às quatro horas regressei para o Departamento, com a impressão de que estávamos andando em círculos. Um dos detetives havia descoberto que Frankie Sun alugara um quarto barato perto da estação, mas não encontrou nada de interessante; ele se mudara apenas uma semana antes. Descobriu também uma garçonete com quem Frankie andara saindo; interrogada, declarou que ele falara a respeito de um grande golpe que iria dar em breve, mas que ela não acreditara. Frankie se comportava como se andasse mal de dinheiro. A moça declarou ainda que nunca ouvira falar em Marty, não sabia onde Frankie morava nem qualquer detalhe da vida dele.

Os informantes não trouxeram nada de novo e o passado da Sra. Austin se revelou impecável, como eu havia previsto.

Continuei vigiando Ruth Thomas no dia seguinte. Acompanhei-a de longe no percurso até a loja e no regresso à casa, no fim do dia. Fiz perguntas de rotina às outras vendedoras e cheguei apenas à conclusão

de que elas achavam que Ruth era quadrada e não muito simpatizada, porque vivia economizando tostões e nunca se interessava em falar sobre namorados. Quando voltei ao Departamento e apresentei meu relatório, pareceu-me que o caso não estava mais interessando muito. O inspetor se retirara e recebi ordem para retornar ao serviço de patrulhamento, no turno das quatro horas, uniformizado. Fiquei bastante amolado com a troca do turno, pois combinara um cinema com minha garota na noite seguinte.

No outro dia fiz minha ronda e, depois de telefonar ao sargento do pelotão, fui ter uma conversinha com Jake Cook. Perguntei-lhe se ele estava certo de ter visto Frankie seguindo a Srta. Thomas. Esse me parecia o detalhe estranho na história. Jake me expôs sua teoria a respeito de como ele percebia quando uma pessoa estava sendo seguida e, enquanto conversávamos na porta da loja dele, ouvimos gritos que vinham da rua que fazia esquina com a nossa. Passavam alguns minutos das seis e já estava escurecendo. Jake e eu corremos até a esquina e deparamos com um grupo histérico de mulheres que se aglomeravam em torno de Ruth Thomas. A moça estava deitada na calçada, sem sentidos, o vestido rasgado na altura do ombro, a boca e o olho direito sangrando.

Duas mulheres declararam que ouviram Ruth gritar não, não, enquanto um homem a sacudia, tendo fugido ante a aproximação das mulheres. Disse a Jake que chamasse uma ambulância e tentei acalmar as mulheres, a fim de obter uma descrição do assaltante. Já estava, porém, muito escuro para que elas pudessem ter visto o rosto dele; apenas informaram que se tratava de um sujeito gordo, usando sobretudo e chapéu cinzentos, tendo corrido com agilidade. A ambulância chegou e, quase ao mesmo tempo, um carro-patrulha. O médico disse que Ruth Thomas não tinha qualquer ferimento grave, que sofrera mais do choque do que de um possível ataque. Deu-lhe um sedativo e o carro-patrulha a levou para casa.

Quando telefonei para o sargento, relatando a ocorrência, ele me mandou ficar em frente à casa dela. Jake morava na própria loja, no andar de cima, e depois do jantar veio saber quais eram as novidades. Disse-lhe que Ruth fora medicada e levada para casa, antes que eu tivesse oportunidade de interrogá-la.

Jake chupou seu cachimbo e sentenciou:

— É evidente o que esse assaltante pretendia.

Pelo tom de sua voz, entendi o que ele queria dizer.

— A esta hora da noite, em uma rua cheia de gente voltando do

trabalho?

— Olhe, tive um caso igualzinho a este quando estava no Exército — disse Jake com toda a paciência. — Um sujeito metido a conquistador tentou atacar uma garota numa rua movimentada, em pleno dia. Afinal, um tipo assim deve ser um tarado, para início de conversa. Todos ouviram quando a moça gritou Não, não! O que mais poderia ser?

— Quem sabe se não há uma ligação desse assalto com o caso do assassinato de Frankie Sun?

Jake não concordou. Durante quase uma hora encheu meus ouvidos, até que a Sra. Austin apareceu para me dar uma xícara de café e falar, por outra meia hora, a respeito de como ela não sabia "o que estava acontecendo na vizinhança. Quando vim para cá, há cerca de 32 anos, este era um bairro elegante..." e por aí afora. Esperei uma oportunidade para pedir-lhe que me avisasse tão logo tivesse passado o efeito do sedativo e a Srta. Thomas acordasse.

Perto da meia-noite, o carro de ronda levou-me para a delegacia. Pensei que eles tinham suspendido a guarda mas o vigia da noite naquela área recebera ordem para ficar de olho na casa da Sra. Austin. Quando externei minha surpresa por me haverem dispensado dessa vigilância, o sargento de serviço no turno da meia-noite se permitiu algumas observações sarcásticas a respeito dos que se intrometem onde não são chamados.

Peguei meu velho carro e rodei para a casa da Sra. Austin. Deixei que o patrulheiro de vigia pensasse que eu fora mandado de volta. A Sra. Austin abriu a porta vestindo uma camisola de dormir e uma touca com um laçarote esquisito. Quando lhe perguntei se podia falar com a Srta. Thomas, a velhota vociferou:

— A esta hora da noite? Foi para isso que me tirou da cama? Vou -lhe dizer uma coisa, mocinho: a vizinhança pode ter mudado, mas eu ainda dirijo uma casa respeitável e.. .

— Sra. Austin, trata-se de um caso de polícia.

— Ela está acordada. Suba, se quiser. Mas não se esqueça de deixar a porta do quarto bem aberta.

Ruth Thomas estava sentada em sua cama simples de metal e tinha no rosto várias marcas azuis e vermelhas.

— Srta. Thomas — perguntei-lhe — pode dizer-me exatamente o que aconteceu?

— Um homem surgiu na minha frente e me deu um soco no rosto. É tudo de que me lembro.

A voz dela revelava temor e constrangimento.

— E o que foi que ele disse?

— Nada. Eu nunca o vira antes. Mal pus os olhos em cima dele, quando. . .

— Srta. Thomas, não sei quais são suas ligações, mas peço-lho que me ponha a par de tudo. Você está lidando com um assassino. Por que gritou Não, não!?

Ela pareceu querer esconder a cabeça no travesseiro e, por um momento, deu-me a impressão de ser uma criança. Passados uns instantes, decidiu-se.

— Está bem. Vou-lhe contar. Estou com medo. Ele me pediu dinheiro e respondi que não. Foi tudo muito rápido. O homem surgiu na minha frente e perguntou: "Onde está o dinheiro? Entregue para mim!"

— Que dinheiro é esse?

— Eu. . . eu achei uma carteira com duas notas de 100 dólares, alguns dias atrás, quando vinha da loja para casa.

— E onde está a carteira agora?

Ela hesitou durante uns segundos, seu olho inchado grudado em mim; depois, tirou uma velha carteira que estava debaixo do travesseiro. Era de couro, muito usada e continha apenas duas notas de 100 dólares.

— É minha — disse ela, tentando agarrar a carteira. — Fui eu que achei.

Estava apenas com a camisola de dormir e seu bracinho era tão fino e o ombro tão descarnado que não entendi como Frankie ou qualquer outro homem pudesse se interessar por ela.

Afastei a mão dela e perguntei:

— Você contou para alguém que havia achado a carteira?

— Não. Faça o favor de devolver o que é meu!

— Você deveria ter-nos falado a respeito disto ontem — disse eu, com uma porção de campainhas tocando dentro de minha cabeça.

Quando ela viu que eu iria guardar a carteira no bolso, seu rostinho magro ficou vermelho de raiva.

— Isso é meu! — exclamou histericamente, quase aos gritos.

Fiz o possível para explicar-lhe que todo cidadão é obrigado a entregar à polícia qualquer importância que achar, mas ela não estava disposta a ouvir lições. Anotei os números de séries das notas e as devolvi dentro da carteira.

— Srta. Thomas, peço-lhe que não conte a ninguém que achou este dinheiro. A ninguém. Nem mesmo à Sra. Austin.

— Não vou contar. É meu e não tenho que dar satisfações — reafirmou, agarrada à carteira com as duas mãos.

— Agora, trate de descansar, de dormir um pouco. Voltarei para vê-la amanhã cedo. No saia de casa, sob nenhum pretexto, até que eu volte, entendeu?

Ela fez sinal que sim, colocou a carteira embaixo do travesseiro e fechou os olhos. Desci a escada. A Sra. Austin estava me esperando. Tive a impressão de que ela ficara escutando, mas não sei se conseguiu ouvir toda a conversa.

Voltei mais uma vez à delegacia. O detetive de plantão no turno da noite era um sujeito gordo, com um sorriso escancarado e metido a fazer gracinhas.

— Tem que esperar até amanhã de manhã, meu rapaz. Sei bem como é. Seu primeiro grande caso e você enxergando pistas por todos os lados. Mas agora, estou ocupado. Fale com o tenente amanhã. O assunto pode esperar — acrescentou, reclinando-se tanto na cadeira giratória que pensei que iria cair. — Você é novo aqui, Stewart, e por isso vou-lhe dar um conselho. Quando estiver de folga, esqueça os problemas do serviço. Limite-se a fazer a sua ronda e não se meta a detetive. Temos especialistas de sobra para isso.

Certamente, pensei. Lustrando o fundilho das calças no assento da cadeira.

Peguei o telefone e liguei para Homicídios. Quando perguntei qual era o número da casa do inspetor, responderam:

— Moço, você tem certeza de que é urgente?

— Bem, tenho uma teoria que. . .

— Uma teoria? Interrompa o sono dele por causa de uma idéia maluca e vai ver o que lhe acontece. Para seu próprio bem, espere até amanhã, depois que ele tiver tomado a segunda xícara de café.

Disquei para o Escritório Central e pelo menos encontrei alguém que não se recusou a fornecer-me alguns dados relativos ao assalto ao carro blindado. Dei uma busca na sala onde trocamos de roupa, achei duas caixas de sapatos vazias e as embrulhei num jornal. Depois, voltei para meu carro e fui estacionar em frente à casa da Sra. Austin, onde pretendia passar a noite. Não vi ninguém rondando a casa, mas havia muitos carros estacionados e vários outros locais onde qualquer pessoa poderia esconder-se. Às sete horas, levando meu embrulho com as caixas de sapatos, entrei pelos fundos de um edifício de apartamentos e, depois de pular por cima de alguns muros, cheguei ao jardim da Sra. Austin.

Preguei um bom susto na velha senhora, ao entrar pela porta dos fundos, e ela me repreendeu por ter pisado em algumas flores. Ruth Thomas estava pronta para sair, tomando café na cozinha. Seu rosto não estava mais inchado, porém os lábios e um olho arroxeado ainda mostravam sinais do soco.

— Quero pedir-lhe um favor, Srta. Thomas — disse eu.

— Preciso ir trabalhar. De outro modo, perderei um dia de salário.

Hesitei e resolvi arriscar.

— Eu me responsabilizo por isso.

Ela me olhou, como calculando se um simples patrulheiro poderia indenizar um dia de salário, mesmo se tratando de uma vendedora de balcão. Se eu não estivesse errado, o Departamento com certeza pagaria.

— Acho que meu olho está muito feio — disse ela. — Qual é o favor?

— Pegue este embrulho e vá até à biblioteca, depois volte para cá. Caminhe bem devagar.

Ela me distinguiu com um olhar que lhe pareceu astucioso e perguntou:

— Para que tudo isso?

— Deixe que eu me preocupe com os motivos. Apenas faça o que lhe pedi. Haverá uma gratificação de cinco dólares além de seu salário de hoje — aventurei, com súbita generosidade.

— Isso está me parecendo uma grande bobagem — comentou a Sra. Austin. — Aceita uma xícara de café, meu rapaz?

— Não, obrigado. Você fará como eu lhe disse, Srta. Thomas?

— E o que acontecerá?

— Nada. . . talvez. Mas se aquele sujeito chegar e quiser tomar-lhe o embrulho, não ofereça resistência. Não tente impedi-lo e nem diga uma palavra.

Tive vontade de instrui-la a largar o embrulho no chão e sair correndo, tão logo Marty aparecesse, mas achei que precisava de uma isca e esta somente podia ser Ruth. A coitadinha ainda perguntou:

— Se eu fizer como o senhor está mandando, poderei ficar com. . . com aquilo que lhe mostrei ontem à noite?

— Pode — respondi logo, enquanto a Sra. Austin nos olhava, procurando entender.

Ruth Thomas saiu de casa às oito horas com o embrulho embaixo do braço. Segui atrás dela no meu carro, tendo o revólver sobre o banco ao meu lado. A moça percorreu os três quarteirões até a biblioteca, que

estava fechada, e nada aconteceu. Então ela voltou.

Ao dobrar a esquina de sua rua, o tal sujeito gordo, agora vestindo um terno marrom, saltou do vão de uma porta, agarrou o embrulho e arrancou-o das mãos de Ruth. Felizmente, ele correu na direção em que se encontrava meu carro. Saltei à frente dele e gritei:

— Sou da polícia. Pare ou atiro, Marty.

Era como caçar veado de automóvel, segundo eu havia lido em uma revista. Ainda correndo, ele colocou o embrulho sob o braço esquerdo e, com o direito, procurou retirar o revólver do coldre. Acertei-lhe um tiro no ombro e outro, com mais sorte, na perna direita.

Estávamos todos novamente na sala dos detetives e, quando digo todos, estou incluindo os chefões da Central e até a pequena Ruth Thomas, mais pálida e assustada do que nunca. Eu me sentia nas nuvens. Fora facílimo ser admitido como Detetive de terceira classe. Também era com enorme prazer que eu iria contar àqueles veteranos como um recruta soube se comportar.

— Quando a Srta. Thomas me contou que achara as duas notas de 100 dólares, compreendi por que Frankie Sun a tinha seguido. Na semana passada, quando o carro blindado foi assaltado e dois homens fugiram com um pacote de cédulas de 100 dólares. . . bem, achei que esses homens podiam ser Frankie e Marty. Conforme sabemos agora, pela confissão de Marty, Frankie o passou para trás e ficou com 60 mil, em notas de 100 dólares. A partir daí, Frankie teve dois problemas: o perigo de seu comparsa encontrá-lo e o daquelas notas não serem boas, isto é, poderia acontecer que algumas tivessem os números anotados ou mesmo, como eram de elevado valor, toda a série fosse conhecida; desse modo. . .

— Todos os números haviam sido anotados, antes de ser colocado o dinheiro no carro — esclareceu um dos detetives. — Frankie não poderia gastá-lo, nem teria coragem de depositá-lo em um dos escaninhos da estação perto do quarto que alugara; deveria saber que esse é um local muito vigiado, especialmente depois que descobrimos que ele era o assaltante e. . .

O inspetor do Departamento de Homicídios interrompeu asperamente:

— Vamos ouvir o resto da história, antes de entrarmos em detalhes. Continue, Patrulheiro Stewart.

— Sim, senhor — repliquei orgulhosamente. — Bem, havia apenas um meio de Frankie saber se o dinheiro era bom: gastar algumas notas.

Melhor ainda: fazer com que alguém gastasse e ver o que acontecia. Assim, colocou duas notas em uma velha carteira e jogou-a na rua. A Srta. Thomas achou a carteira e Frankie a seguiu, para presenciar a reação de quem recebesse o dinheiro. Aconteceu, porém, que ela não comprou nada e Marty descobriu Frankie, quando este vigiava a casa da Sra. Austin. Obviamente, Marty pensou que a Srta. Thomas fosse namorada de Frankie e ficara encarregada de guardar os 60 mil dólares. Então, com o auxílio dela, montei uma armadilha e. . . peguei o ladrão.

— Bom trabalho, Stewart — disse o inspetor — embora a sorte tivesse lhe ajudado bastante. Por que você não gastou o dinheiro? — acrescentou ele, dirigindo-se a Ruth Thomas.

— Gastar 200 dólares? — perguntou ela, com sua vozinha aguda revelando todo o espanto provocado por essa heresia. — Isso seria uma coisa de louco! Nunca tinha visto tanto dinheiro em minha vida. Ia depositá-lo no banco, para financiar meus estudos, mas não tive coragem de me desfazer dele. Aquelas duas notas me pareciam tão lindas que nem podia perdê-las de vista.

— Isto me faz lembrar — disse o inspetor, estendendo sua mão enorme — que você ainda não devolveu o dinheiro. Ele pertence ao banco.

Ruth olhou para mim, os olhos arregalados de espanto.

— Mas o senhor me prometeu que eu ficaria. . .

— Entregue o dinheiro, Srta. Thomas — pedi-lhe delicadamente. — E não se preocupe. Há uma recompensa de cinco mil dólares que será toda ou em grande parte entregue a você.

— Metade para cada um — decidiu o inspetor.

Achei a solução ótima, mesmo tendo de pagar os cinco dólares de gratificação que havia prometido. Afinal, eu nada teria conseguido sem o auxílio dela.

## A BONECA VODU

Georges Carousso

Para falar a verdade, não entendo muito dessas coisas. Quero dizer que estou meio assustada. O que é que sei a respeito de vodu, o tal culto praticado no Haiti e por tribos negras nas Antilhas?

Entretanto, não pude resistir ao fascínio daquela boneca. Colocada em um canto da vitrine, toda desengonçada e coberta de poeira, era muito parecida com ela. Não que ela fosse assim, pois somente perdia aquela pose de rainha quando se espreguiçava sensualmente. A impressão de poeira vinha de uma espécie de halo dourado que parecia rodeá-la, tão loura e luminosa. Além do mais, era a patroa de meu marido e eu a odiava, com a força que uma mulher odeia outra.

Mas, como estava dizendo, vi a boneca na vitrine da loja de novidades, que dista apenas um quarteirão do escritório de Tim; entrei e comprei-a. Dois dólares e noventa e cinco, mais taxas, incluindo os grampos.

Honestamente, eu nada sabia a respeito dos grampos, quando entrei na loja. Acho que apenas tive vontade de comprar a boneca e talvez dá-la de presente a Thelma, como uma brincadeira ou coisa assim, porque ambas se pareciam muito, especialmente por causa do cabelo de um louro platinado e da mecha que caía sobre seu olho esquerdo e que ela não se cansava de prender atrás da orelha. Esse gesto chamava atenção para seu belo rosto, com brilhantes olhos verdes amendoados. O caso é que entrei e fiz a compra. Não sabia que era uma boneca vodu. Juro que

não sabia. Foi o vendedor que me disse.

— Esta é uma verdadeira boneca vodu, confeccionada nas ilhas negras do Haiti por feiticeiras credenciadas.

"Por dois e noventa e cinco?", pensei. "Mais taxas?"

— Os grampos estão incluídos — acrescentou o vendedor. — A senhora dá à boneca o nome de uma inimiga, de uma rival ou de qualquer pessoa de que não goste, pronuncia a palavra mágica e depois enfia um grampo no lugar em que deseja feri-la. Um grampo aqui provocará forte dor de cabeça; outro ali. . .

— O senhor é engraçado — comentei, abrindo a bolsa. — Qual é a palavra mágica?

— O quê? Ah, sim. Basta dizer Popocatepetl!

— Mas isso é no México.

— Estas bonecas andam por aí. Tenho lá dentro uma outra, limpinha e igual a esta, apenas com a cor dos cabelos diferente.

Mas eu queria a que estava na vitrine e o homem resmungou, porque não era fácil alcançá-la. Finalmente, conseguiu, esticando o braço, agarrar a ponta da saia e trazê-la. Todo o pequeno corpo estava tão desengonçado que parecia que o homem lhe tinha arrancado um pedaço. Vocês entendem, não é? Quando se aperta uma boneca de pano, seus bracinhos. . . Bem. Vamos adiante.

Não dei a boneca a Thelma. Ela não é exatamente do tipo de garota a quem a gente presenteia com bonecas, a menos que sejam sob a forma de homens, mas desses ela possuía aos montões.

Bem, como já tive oportunidade de dizer, ela era a patroa de Tim, proprietária de uma agência de propaganda onde Tim trabalhava. Ele era seu braço direito, mas apenas no serviço, entendem? Espero que sim. A agência se especializara nos ramos industriais e científicos, o que pode parecer esquisito, considerando que a firma era dirigida por uma bonita loura, embora realmente esperta e capaz. Mas tudo corria bem, muito mais porque Tim estava lá.

O caso é que Tim era formado em Engenharia e tinha um jeito especial para escrever sobre aqueles assuntos técnicos, de uma maneira tão simples e tão clara que até eu quase entendia. Depois que ele se formou e nos casamos, a firma de eletrônica, para a qual ele foi trabalhar descobriu aquela habilidade dele e encarregou-o de escrever todo o tipo de manuais e instruções. Acho que alguns clientes de Thelma ficaram roxos de inveja ou coisa parecida, porque ela o disputou e um belo dia apareceu lá em nosso apartamento, oferecendo-lhe o dobro do salário que ele ganha-

va, se fosse trabalhar para ela. Acho que isso foi sinal de inteligência por parte de Thelma, vindo pessoalmente à nossa casa, ao invés de mandar chamar meu marido ao escritório dela, vocês não concordam?

— Eu preferia continuar com minhas pesquisas — disse Tim, porque era isso o que ele vinha dizendo, desde que o puseram a escrever.

O caso é que ele nunca dissera isso daquela maneira, com a voz trêmula e olhos esbugalhados, como se estivesse vendo uma aparição ou coisa assim. Vejam só, além de dobrar o salário, aquela patroa parecia ter saído da capa de uma revista, enquanto eu lá estava, metida em umas velhas bermudas, com as mangas da blusa arregaçadas por estar lavando as panelas e. . . bem, quero dizer que vi logo que ele aceitaria o convite.

Passado algum tempo no novo emprego, Tim mudou de tom, passando a dizer:

— Seria melhor se eu voltasse às minhas pesquisas, mas não podemos abrir mão de um salário tão bom, não é?

Concordei com ele. Do mesmo modo que Tim, tratei de me adaptar. Afinal, não é um grande sacrifício ganhar um casaco de peles no Natal. Compreendem o que quero dizer?

Ah, ia-me esquecendo da boneca. É claro que não acreditei naquela história de vodu. Também não tinha ciúmes de Thelma, entendem? Admito que às vezes ficava aborrecida com ela, porque, depois de certo tempo, Tim passou a ser seu braço direito, mas ela nunca lhe ofereceu participação na firma ou algo semelhante. Afinal, era Tim quem redigia todos os anúncios. Thelma se limitava a apresentá-los a um grupo de diretores de firmas industriais, todos com os olhos esbugalhados em cima dela, e voltar com os contratos assinados. Agora me digam com franqueza: vocês não ficariam também um pouco aborrecidos?

Acho que foi por isso que tive aquela idéia. Sinto-me no dever de confessar isto, porque jurei dizer a verdade todinha. Ademais, sou um tanto geniosa, como a maioria das mulheres de cabelo ruivo — ruivo sem ser pintado, é claro.

Na verdade, eu havia jogado a boneca no fundo de um armário e nunca falei com ninguém a respeito. Então, certa noite, Tim teve de ficar no escritório até tarde da noite, terminando uma exposição que Thelma deveria fazer, visando a ganhar uma nova concorrência; assim, não poderíamos ir a um show, conforme havíamos combinado. É bom deixar claro que era com Tim que eu iria ao show, não com Thelma. Compreendem o que quero dizer a respeito de meu temperamento? Só de falar nisso fico com tanta raiva que nem digo as coisas direito. Bem, de qualquer modo

vocês entenderam o que andava na minha cabeça. Eu ficara furiosa!

Foi então que me lembrei de procurar no fundo do armário aquela desengonçada boneca, com suas mechas de cabelo louro, e gritei Popocatepetl!, fincando um dos grampos no ombro dela.

Pelo amor de Deus, era apenas uma boneca, não era? E eu tinha o direito de estar furiosa, com as entradas para o show, um vestido novo e tudo o mais, não tinha? Bem, de qualquer modo foi assim que aconteceu.

No dia seguinte, Tim me telefonou e disse que estava muito atrapalhado. Terminara a exposição, mas Thelma adoecera, de modo que ele teria de ir ao Arizona, onde se realizaria a concorrência, e fazer pessoalmente a apresentação. "Nunca fiz isso em minha vida", disse-me ele, como se eu não soubesse. "Sou um engenheiro, não um supervendedor, como Thelma!"

Thelma? Oh, ela tivera uma crise da bursite no ombro direito, tão forte que mal podia suportar a dor. Tim deveria ficar no Arizona talvez uma semana e feliz aniversário para mim, pois tudo indicava que ele não voltaria a tempo. Entretanto, havia um presente na gaveta de cima de sua cômoda.

Eu estava fervendo contra Thelma. Vocês entendem: era meu aniversário, eu preparara um programa. . . Quem não ficaria? Então, fui buscar a boneca outra vez no armário e finquei todos os grampos no seu corpo. Cheguei mesmo a cravar um na cabeça, como se aqueles cabelos louros fossem um chapéu que precisava ser preso. Puxa, nunca me senti tão frustrada!

No dia seguinte, Tim me telefonou do Arizona. Estava retardando a apresentação, com esperança de que Thelma ficasse melhor, pudesse viajar e fizesse o trabalho com seu costumeiro brilho. Entretanto, acabara de falar com o escritório e soubera que Thelma estava passando mal, tendo sido recolhida ao hospital, sem poder fazer o menor movimento. Os médicos achavam que deveria ser um tumor no cérebro ou qualquer coisa assim. Tim acrescentou que o Arizona era uma maravilha, a sinusite desaparecera; eu adoraria o Arizona. O laboratório que aquela companhia tinha lá era fabuloso. Será que eu não poderia dar uma passadinha no hospital e fazer uma visita a Thelma e informá-la de que o próprio Tim faria a apresentação?

Três minutos. . . A voz da telefonista: O tempo acabou. Ele me amava. . . clique! Assim é Tim, um verdadeiro cientista. Nunca tivemos de pagar minutos a mais em nossas contas telefônicas!

Como estava dizendo, odeio Thelma e todas essas coisas, mas ela

é um ser humano e eu não podia deixar de atender ao pedido de Tim, não acham? Assim, fui ao hospital e o marido dela, Ralph, estava lá. Claro que Thelma tinha um marido. O que seria de Thelma, se não tivesse um homem a seu alcance? Ralph até que é um bom sujeito, um corretor bastante rico. Comprou a agência para Thelma, do mesmo modo que um marido compra para sua mulher um. . .

Bem, isso não interessa. Thelma apresentava um aspecto horrível, gemendo e passando mal, com toda aquela cabeleira loura espalhada sobre o travesseiro e o rosto sem um pingo de pintura. Via-se claramente que Ralph estava bastante apreensivo. Já nos havíamos encontrado algumas vezes e sempre me pareceu um sujeito legal, até surpreendentemente agradável, sendo um rico corretor. Ficamos sentados no quarto de Thelma, ouvindo seus gemidos, até que nos mandaram sair. Ralph estava tão preocupado que precisava de um drinque, de modo que fomos até o centro, para nos sentarmos em um lugar confortável. O que quero dizer é que eu não poderia deixá-lo sozinho, naquele estado de angústia, não acham? Um homem precisa de alguém para conversar numa hora dessas.

Ele ficou tão agradecido que me pediu para acompanhá-lo ao hospital no dia seguinte. Fui — e no outro dia também. Na terceira vez estava chovendo tanto, quando ele me levou para casa, que o convidei para um drinque, a fim de aquecer-se um pouco. No quarto dia não estava chovendo, mas fazia muito frio. Na hora de sair ele me apertou nos braços e disse: "Estou com medo, Betty. Realmente com medo", como se falasse com uma irmã. Ademais, era o meu aniversário.

No dia seguinte, Tim regressou. A apresentação resultara em fracasso e a concorrência fora ganha por outra agência. Ralph estava lá em casa, a fim de irmos juntos ao hospital. Seguimos os três para visitar Thelma. Os testes ainda não haviam revelado qualquer coisa errada, mas ela não apresentava melhoras. Ouviu Tim contar como tinha perdido aquele cliente e durante todo o tempo seus olhos verdes não se desgrudaram de Ralph e o rosto dela estava completamente retorcido, como se a dor que a afligia não pudesse ser mitigada pelos sedativos. Quando Tim concluiu seu relatório, o olhar dela se desviou de Ralph e passou lentamente por mim, como se eu nem estivesse ali. Depois, pousou em Tim.

— Você está despedido — disse ela.

— Eu sei. Recebi seu telegrama pouco antes de partir. Ainda não tive ocasião para contar a Betty. Eles não gostaram de minha exposição, Betty, mas acho que gostaram de mim. Ofereceram-me um emprego no laboratório deles. . . pesquisa!

— Pesquisa? — exclamei. — No meio do deserto?

— Há uma cidadezinha distante uns 60 quilômetros — ponderou Tim. — Assinei um contrato de cinco anos — acrescentou com um sorriso que eu não via desde que ele se enfurnara naquele escritório de ganhar dinheiro, montado por Thelma. Entregou-me um papel cheio de carimbos. — Com meus votos atrasados de feliz aniversário, querida. Este contrato é o que você sempre quis. . . para nós dois.

Olhei para Ralph. Ele olhou para mim. Como já tive oportunidade de dizer, procuro adaptar-me. Acho que aquele sorriso feliz no rosto de Tim ajudou um bocado.

Quando chegamos em casa, arranquei todos os grampos do corpo da boneca, atirei tudo na lata do lixo e comecei a arrumar as malas. Sentia-me feliz por Tim. Acho que por mim também. Não contaria isto a ninguém, exceto ao doutor, mas odeio aquele meu casaco de peles. Acreditem ou não, sou alérgica a peles. Thelma? Ah, ela melhorou bastante, deixou o hospital, sentindo-se ainda cansada, mas sem nada de grave, que os médicos não possam dar um jeito.

## UMA QUARTA-FEIRA CHUVOSA

Thomasina Weber

Quando o uivo da sirene cortou o ar, como o grito de uma bruxa, Mae pulou da cama e embrulhou-se em seu roupão. O chão frio provocou calafrios em todo o seu corpo, quando ela se dirigiu para a porta da frente. Enquanto corria o ferrolho, soltava a corrente e girava a chave, a ambulância já havia passado.

Era sempre assim, lamentava-se, irritada, ao aferrolhar novamente a porta. O caso é que ela não era suficientemente rápida. Não seria demais para uma pobre velha, sem qualquer acontecimento excitante em sua vida, que os fados lhe fossem favoráveis pelo menos uma vez. A continuar assim, nada teria para contar a Pauline no lanche daquele dia, o que significava que teria de escutar um longo e monótono relatório do último pesadelo da irmã.

Mae voltou para a cama, mas não conseguiu dormir. Eram quase quatro horas e ela continuava deitada de costas, com os olhos abertos no escuro. Quatro da madrugada não era uma hora muito provável para um acidente de automóvel, raciocinava ela, de modo que seria melhor presumir que a ambulância fora chamada por outro motivo qualquer. Um ataque de coração? Talvez, especialmente se a vítima fosse um homem. Não há como um marido para incomodar sua mulher no meio da noite.

Ou quem sabe não era alguma jovem tendo seu filho? Mae franziu o nariz na escuridão. Criaturinhas insuportáveis essas crianças recém-nas-

cidas, pequenos monstros cheios de mimos. . . E as mães não eram nada melhores, colocando-as no mundo. Havia ocasiões em que Mae Krone agradecia a Deus por nunca se ter casado.

O quarto começou a clarear e Mae achou que devia levantar-se. Foi quando a água da chaleira começou a ferver que a chuva desabou. Mae cerrou a janela, indignada. Chuva na quarta-feira? Então não era sabido que esse era seu dia de folga, o dia em que ela sempre se encontrava com sua irmã Pauline no parque, à hora do lanche, para repartirem um magro sanduíche e conversar um pouco? Mae afastou-se da janela, aborrecida.

— Mas será — disse em voz alta — que vai chover justamente quando é a vez de Pauline trazer o sanduíche?

Mae não tinha lembrança de um dia em que houvesse gostado da irmã. Pauline fora a mais bonita, a preferida dos rapazes, mas atrás daqueles provocantes olhos azuis se escondia uma cabeça oca, vazia. Por mais coquete que fosse, sua falta de massa cinzenta deve ter sido notada pelos numerosos namorados que teve e que nunca a pediram em casamento. Assim, ela e Mae, solteironas, estavam chegando aos 40, Mae estoicamente, mas Pauline com mal disfarçada apreensão — até que Arthur apareceu.

Arthur era um solteirão de 45 anos, inocente em assuntos de mulheres e tendo chegado incólume àquela idade. Talvez tivesse sido essa uma das razões que o fizeram notado por Mae, mas o principal atrativo fora a inteligência dele. Mae conhecera Arthur quando ele fora à biblioteca, pouco depois de haver-se mudado para a cidade. Como bibliotecária-chefe, Mae lhe deu um cartão de assinante. Houve uma imediata corrente de simpatia entre os dois e Arthur passou a frequentar a biblioteca quase que todas as noites. Pauline ouviu falar disso, naturalmente, e como Mae não tivesse tocado no assunto, resolveu surpreendê-los em uma dessas noites, forçando a apresentação. Foi o fim para Mae. A carne predominou sobre o espírito e Arthur se rendeu aos inegáveis predicados físicos de Pauline. Mae jamais pôde compreender por que um espírito lúcido como o de Arthur, capaz de identificar em Mae uma alma irmã, pudesse ser tão cego para não perceber a futilidade de Pauline.

Mae se sentira terrivelmente ferida e humilhada pela traição, mas conseguiu ocultar suas mágoas. Chegou mesmo a dar a Pauline o primeiro presente para seu enxoval, quando soube do noivado. Assim, foi muito natural que Pauline procurasse conforto junto a Mae, quando Arthur morreu num acidente da automóvel, poucos dias depois. . .

— A polícia há de achar o responsável — dissera Mae, a título de

consolo. — Ela sempre descobre esses motoristas que atropelam e fogem.

— Não, não vai descobrir — replicara Pauline, chorando. — E o que vai adiantar saber quem o matou? Arthur se foi! O meu Arthur morreu!

Ela não tinha o direito de dizer o meu Arthur, pensara Mae. Ainda não estavam casados. Tinha também vontade de lembrar a Pauline que ações más nunca produzem bons resultados. Se Pauline não tivesse roubado Arthur de Mae, provavelmente a tragédia jamais teria ocorrido. Entretanto, Mae não externou suas mágoas e até ofereceu um ombro para as lágrimas de Pauline. Figurativamente, Pauline nunca parou de chorar, sem que lhe ocorresse — pensava Mae com amargura — que a irmã talvez estivesse também chorando a morte de Arthur.

Depois que seus pais morreram, as duas irmãs passaram a viver separadamente, Pauline em um apartamento e Mae como inquilina de uma pequena família suburbana. Por qualquer razão inconfessada, nunca veio à baila a discussão da possibilidade de morarem juntas, o que para Mae seria penoso, embora ela não se cansasse de repetir para si mesma que não deveria afastar-se completamente. Achava que devia olhar por Pauline, agora gordalhona e relaxada, e consolar-se com a idéia de que Arthur na realidade se livrara de uma vida infeliz.

Às dez e meia bateram na porta e Mae perguntou:

— Quem é?

— Pauline.

O que estaria ela querendo a uma hora dessas? Mae destrancou a porta e abriu apenas uma fresta, permitida pela corrente de segurança. Ao ver Pauline lhe sorrindo, Mae franziu as sobrancelhas e tornou a fechar a porta, para poder soltar a corrente.

— Espero que você não se importe por eu ter vindo tão cedo — disse Pauline com voz trêmula — mas como é o nosso dia e. . .

— Você está molhando meu assoalho.

— Oh, desculpe! — replicou a irmã, esticando o braço que segurava a sombrinha, como se com isso os pingos deixassem de cair.

— Vamos para a cozinha, botar isso na pia — ordenou Mae, deixando a sala.

— Pelo jeito, não vai dar para nos sentarmos no parque — disse Pauline — de modo que resolvi trazer o sanduíche.

— Geralmente nós não nos encontramos quando chove — retrucou Mae, agarrando a sombrinha para abri-la.

— Eu sei, mas precisava desabafar com você — insistiu Pauline, sem

soltar o cabo da sombrinha. — Deixe-a fechada, Mae! Então não sabe que abrir guarda-chuva dentro de casa dá azar? — acrescentou, colocando a sombrinha fechada dentro da pia.

— Estou achando que você teve outro de seus pesadelos.

— Tive mesmo e este foi tão terrível que nem sei descrevê-lo.

— Ótimo. Assim não terei de ouvi-lo.

Por um momento Pauline pareceu espantada, depois sorriu.

— Oh, Mae! Você sempre se irrita tanto com meus pesadelos, mas não descansa enquanto não conto tudo a respeito deles.

— Faço isso — replicou Mae com um suspiro de resignação — para que você não vá desabafar essas baboseiras aí pela cidade.

— Não é preciso colocá-lo na geladeira, Mae. É apenas pão com uma camada de margarina.

Sanduíche de margarina! Tudo o que Pauline sabia fazer era essa espécie de sanduíche e os fazia tão fininhos que chegavam, a ficar transparentes.

Mae percebeu que Pauline estava impaciente para que elas se sentassem, a fim de que pudesse começar a história de seu pesadelo. Então, perversamente, Mae procurou inventar tarefas insignificantes, mas que a obrigassem a ficar de pé. Sua relutância não seria tão acentuada, se ela estivesse em condições de relatar algum fato concreto, justificando a presença da ambulância que a acordara. Embora Mae se considerasse muito superior a Pauline em inteligência, maturidade e perspicácia, era Pauline quem sempre tinha coisas para contar. Isso era deprimente para Mae, até que ela se lembrou do que a polícia dissera a respeito de uma espingarda descarregada e se sentiu melhor.

Pauline estava tagarelando a respeito de um vendedor de aspiradores que a visitara na véspera.

— Na verdade, Mae, era um homem encantador e simplesmente não pude lhe dizer não.

— Não me diga que comprou um aspirador?

— Bem. . . Não quis desapontá-lo. Ele parecia tão aflito para vender e disse que era sua primeira tentativa. . .

— Mas você não tem sequer um tapete!

Pauline retorceu as mãos.

— Tem toda a razão, Mae. Estou vendo agora o quanto fui tola. Mas o que é que vou fazer.

Como Mae sentia desprezo por tal demonstração de fraqueza! Não podia compreender como Pauline pudera viver tanto tempo sozinha, sem

ninguém para olhar por ela, para obrigá-la a tomar decisões.

— Você deu algum dinheiro como sinal?

— Não.

— Então simplesmente recuse receber o aspirador, quando forem entregá-lo.

— Está bem, mas tenho certeza de que isso dará azar para ele. . . sua primeira venda sendo recusada desse jeito.

A menção da palavra azar fez com que Mae se lembrasse da ambulância e de sua falta de sorte, não chegando a tempo de ver o que acontecera. Para evitar que Pauline iniciasse a descrição de seu último pesadelo, perguntou rapidamente:

— Você ouviu a ambulância esta madrugada?

— Não, não ouvi e me admiro, porque dormi muito mal, tendo esse sonho terrível.

— Eram quatro horas, mais ou menos. Pulei logo da cama.

— Acordei às duas e fiquei me virando. . .

— A ambulância passou bem aqui na frente, a sirene a toda força. . .

— Arthur apareceu no sonho e estava caminhando sozinho por uma rua escura, de modo que só se via o casaco branco. Você se lembra daquele casaco branco que ele tinha? Arthur gostava. . .

— Ela passou tão depressa que mal pude ver quando ela dobrou. . .

— Isso é que é a parte interessante. O casaco, sendo branco, destacava-se na escuridão e o motorista deveria ter visto.

— Parecia haver um homem na ambulância e deveria ser bem alto, porque. . .

— De modo que, quem quer que tenha atropelado Arthur, deveria estar bêbado ou então fez de propósito.

— Você não acha que uma ambulância que vai para o hospital poderia fazer um pouco menos de barulho, principalmente no meio da noite?

— Mae! Você não ouviu uma única palavra do que contei!

Mae olhou espantada para o rosto de Pauline, vermelho de raiva.

— É claro que ouvi, do mesmo modo que você me ouviu. Acho que mereço tanta atenção quanto você.

— Como pode falar comigo desse jeito? — exclamou Pauline, procurando um lenço para enxugar as lágrimas. — Arthur me aparece em sonho e você nem mostra interesse em ouvir a história!

— Eu estava ouvindo, Pauline. Você dizia que Arthur usava aquele seu casaco branco.

— Mas não foi só isso!

— Foi tudo o que você disse.

— Você não parou de falar, impedindo que eu acabasse de contar o sonho!

Mae puxou uma cadeira e sentou-se, as mãos cruzadas sobre a mesa na frente dela.

— Muito bem, Pauline, pode continuar. Ficarei sentada aqui, quietinha, ouvindo com a maior atenção.

Pauline assoou-se várias vezes e alisou seu vestido. Depois de enxugar os olhos, prosseguiu:

— Acho que Arthur estava tentando contar-me alguma coisa. Por essa razão foi que apareceu no meu sonho.

— O que é isso, Pauline? Você espera que eu acredite que Arthur finalmente resolveu fazer uma comunicação?

— Bem. . . Não sei como são as coisas lá do outro lado. Talvez um ano seja apenas um dia para eles, até mesmo uma hora.

— E qual era essa coisa terrível que Arthur queria contar para você?

— Você nem vai acreditar! Eu mesma custei um pouco. Se fosse outra pessoa que não Arthur. . .

— Naturalmente que não podia ser outra pessoa senão Arthur.

— É claro. Tenho obrigação de reconhecer Arthur, quando puser os olhos nele. Afinal, fomos. . .

— Você parece estar esquecendo de que foi apenas um sonho, Pauline.

— Mas tão real como se eu estivesse acordada. Ele me apareceu com seu casaco branco todo manchado de sangue. . .

— Você quer dizer que não há uma lavanderia no outro lado?

— Mae, não brinque com essas coisas. Estou falando sério, como você verá, se me escutar até o fim.

— Desculpe.

— Muito bem. Ele permanecia ali, parado, sangrando, com os braços levantados ou pelo menos tentando, porque o esquerdo estava quebrado em três partes e suas pernas. . .

— Pauline! Não estou aqui para ouvir uma descrição clínica do corpo. Agora, ou você termina logo essa história, ou apanha seu sanduíche de margarina e vai embora.

Os olhos de Pauline se entrecerraram.

— Por dois centavos eu faria isso, Srta. Sabe Tudo, mas a comunicação de Arthur diz respeito a você e acho que lhe assiste o direito de ser

a primeira a saber.

— Diz respeito a mim, é? E o que foi que Arthur disse?

— Bem, ele apontou para o casaco branco. . .

— E daí?

— Como se quisesse chamar minha atenção para esse detalhe.

— Mas o que foi que ele disse, Pauline?

— Disse que. . . Bem, na verdade tudo o que ele disse foi Mae, mas fiquei certa, pela maneira como ele pronunciou o nome, de que queria acrescentar alguma coisa.

— Ah, sem dúvida.

— Era o seu nome, Mae.

— E daí?

— Você não tem nada a dizer?

— A respeito do quê?

— A respeito do que Arthur disse!

— Mas ele só disse Mae.

— Claro! Ele estava tentando me dizer que foi você quem o matou!

— Você é mais doida que um fugitivo do hospício.

— Foi então que vi tudo claro como o dia. Ele estava tentando dizer-me que não foi um acidente, pois qualquer pessoa poderia ter visto seu casaco branco na escuridão. Se não fosse esse sonho, eu nunca me lembraria que ele estava usando aquele casaco branco na noite em que foi morto. E quando disse Mae, estava denunciando o assassino.

— Agora, chega. Já ouvi tudo.

— Não, não ouviu. Isso não foi tudo o que Arthur disse.

— Não? O que mais?

— Disse cuidado!

— Cuidado? — comentou Mae com uma risada. — Como você consegue ser boba! Pelo jeito, ele estava tentando dizer que minha próxima vítima será você?

— Exatamente.

— Você deve estar gracejando.

Pauline sacudiu a cabeça.

— Então quer-me fazer o favor de dizer qual era todo o meu plano? Primeiro, por que matei Arthur? Segundo, por que terei de matar você?

— Porque Arthur era seu namorado, antes de me conhecer. Mae deu um suspiro de resignação.

— Pauline, se fosse esse o caso, você acha que eu esperaria tanto tempo para matá-la?

O sorriso de Pauline se desfez.

— Oh, eu não havia pensado nisso!

— Bem, se eu fosse você, Pauline, não espalharia uma história assim pela cidade.

— Mas você se desfez de seu carro logo após o acidente.

— Jamais gostei de dirigir.

— E teve aquela crise nervosa um mês depois.

— Andava trabalhando demais. Estávamos com falta de pessoal e tive de fazer uma porção de horas extras.

— E você gostava de Arthur.

— Isso é verdade. Sua morte me abalou profundamente, embora eu não andasse choramingando por aí, como você fez.

— Mas eu era noiva dele!

— Vai contar isso para mim?

— Faltava apenas uma semana para nos casarmos.

— Ele era um bobalhão.

— Mae! Como se atreve a dizer isso?

— Somente porque você levantou a saia mais do que eu, ele ficou todo perdido.

— Você está insinuando que. . .

— Perdeu a cabeça, pensando apenas em sexo. Poderíamos ter uma vida maravilhosa os dois juntos, com nosso interesse comum por livros e filosofia; aí veio você e estragou tudo:!

— Há coisas mais interessantes na vida do que livros e filosofia, minha querida Mae, mas é claro que você não as conhece nem jamais conhecerá.

— Ele não seria feliz com você. Sua vida se tornaria vazia e fútil, sem qualquer finalidade.

— Você não sabe o que está dizendo! Eu o teria feito feliz. Ter-lhe-ia dado amor, carinho e filhos. E agora, somente por causa de você, não terei filhos — exclamou Pauline, pondo-se de pé.

— Por minha causa?

— Você matou Arthur. Tenho certeza de que o fez. E se não me matou ainda é porque se sente mais satisfeita ao ver que me torno uma solteirona gorda e velha! — acrescentou Pauline, indo até a pia e remexendo nas dobras de sua sombrinha molhada. — Quando cheguei aqui, você me deixou tão confusa, fazendo perguntas e argumentando, que pensei que talvez tivesse me enganado, mas agora sei que é verdade. Estou vendo você como realmente é, Mae Krone, e não compreendo como pude ter

sido tão cega durante todos estes anos.

Conseguindo encontrar o punhal que escondera nas dobras da sombrinha, Pauline virou-se — justamente a tempo de ver a frigideira de ferro abater-se sobre sua cabeça.

A manhã já ia alta e Mae continuava sentada na cadeira da cozinha, com a frigideira no colo. Pauline estava deitada no chão. Fora uma descortesia de sua parte vir visitar a irmã, depois se aninhar no chão e dormir daquele jeito. Bem, afinal Pauline sempre fora meio idiota. Muitas horas antes — Mae não saberia dizer quantas — ela ouvira o leiteiro subir a escadinha e bater de leve no vidro da porta; depois, fora embora. Será que tinha deixado o leite no degrau?

De súbito, uma sirene quebrou o silêncio. Instintivamente, Mae levantou-se e correu para a sala. Sua sorte estava mudando! Desta vez não chegara atrasada. Parecia que era um carro da polícia e estava cada vez mais perto, até que ela o viu. Acabara de parar em frente à casa. Que ótimo! Eles finalmente ficaram com pena da pobre velha e resolveram parar, para contar-lhe o que havia acontecido. Ela lhes ofereceria uma boa xícara de chá em sinal de gratidão, e ficaria esperando até a próxima quarta-feira, quando então deixaria Pauline roxa de inveja.

## UMA DECISÃO DE JULIE

Dan J. Marlowe

Eu acabava de soldar o capô e estava procurando uma maneira de estancar o vazamento no enferrujado radiador, quando Carson "Gordo", encarregado da oficina de soldagem, bateu no meu braço.

— Estão-lhe chamando no gabinete do diretor da prisão, Toland.

Levou-me até à porta, abrindo-a com a chave e depois tornando a fechá-la cuidadosamente, de acordo com as normas regulamentares.

Enquanto caminhávamos pelo longo corredor de pedra, tentei descobrir o que teria feito de errado. Não era a primeira vez que me chamavam, mas já fazia um bocado de tempo que não comparecia à presença do chefe. Carson deixou-me na porta do gabinete do Diretor Wibberly e entrei, parando em frente à sua escrivaninha, na posição de sentido. À esquerda do grandalhão e grisalho Wibberly estava sentado um sujeito alto e formal, dentro de seu terno escuro. Foi preciso que eu olhasse duas vezes, de soslaio, para reconhecer Tom Glick, o capitão de polícia de minha cidade, que me mandara para a cadeia. Nunca o vira antes sem o uniforme.

— Sente-se, Toland — disse Wibberly. — Pode fumar — acrescentou procurando mostrar-se amável.

— Obrigado, senhor — repliquei, acendendo logo meu cigarro. Não se pode fumar quando metido embaixo de um capô. Sentei-me na cadeira designada e esperei.

Wibberly abriu uma pasta de arquivo, que estava sobre sua mesa. Vi que era a minha, porque uma das fotos que eles haviam tirado, quando entrei na prisão, estava colada na parte externa da pasta marrom. A foto mostrava um tipo espadaúdo, mal-encarado, com uma farta cabeleira preta e um olhar de arrogância. Já fazia algum tempo que meu espelho não refletia um olhar assim, na hora de fazer a barba.

— Estive dando uma olhada na sua ficha — começou Wibberly. — Logo de chegada, você esteve quase classificado como incorrigível, mas noto que nos últimos trinta meses não foi necessário qualquer ação disciplinar. Com exceção da escolha de seus amigos, eu diria que você conseguiu enquadrar-se, ainda que tenha demorado.

Não retruquei. Onde será que ele queria chegar? Quieto em sua cadeira, Glick estava muito interessado na fumaça de seu cigarro.

Wibberly fechou a pasta, pigarreou e olhou diretamente para mim.

— Tenho novidades para você, Toland. Um ladrão profissional chamado Danny Lualdi foi ferido gravemente por um policial. Antes de morrer, forneceu uma lista dos crimes que havia cometido. O arrombamento do cofre da Panificadora Gurnik constava da lista e as balas disparadas pela pistola de Lualdi combinavam com a que feriu o vigia da Gurnik e que mais tarde a polícia achou encravada em uma porta. Não há dúvida de que foi Lualdi o criminoso.

Senti a ação da adrenalina em todo o corpo. Não pude continuar sentado. Levantei-me de um salto, apagando meu cigarro e automaticamente guardando o toco no bolso.

— E o que quer dizer isso para mim? — perguntei. — Já cumpri três anos, dois meses e 17 dias por aquele crime, porque Spider Haines, o vigia da Gurnik, declarou que me reconhecera.

— Quer dizer que você está livre — esclareceu Wibberly, apontando para um papel sobre sua mesa. — O governador assinou o decreto de perdão, que entra em vigor ao meio-dia de amanhã. E então você estará passando por ali.

Ao dizer isso, apontou para as portas de aço no paredão cinzento de mais de 10 metros de altura, que se enxergava pela janela do gabinete.

Soou uma campainha anunciando o término do trabalho na prisão: quatro e meia da tarde.

— Neste caso — disse eu — se não há mais novidades, tenho umas pessoas com quem falar e umas coisas para fazer.

Omiti de propósito a palavra senhor e ele notou. Sua boca entortou para baixo nos cantos.

— O Capitão Glick tem umas coisas a lhe dizer, antes que se retire, Toland.

Wibberly levantou-se e saiu, fechando a porta atrás de si.

— Imagino que você já está pensando como gastar o dinheiro que vai receber, acionando o estado e o departamento por causa do erro cometido — começou Glick.

— Ainda não havia pensado no assunto, mas obrigado pela idéia.

— Não faça isso — rosnou ele, em tom seco.

— Quero ver como é que você vai me impedir — repliquei, já meio esquentado. — Ou tentar. Mesmo com o decreto de perdão, que probabilidades de arranjar emprego vou ter, quando os patrões souberem onde estive ultimamente? Pode ter certeza de que vou entrar com uma ação! Julie e o bebê também podem aproveitar o dinheiro.

— Não faça isso — repetiu ele. — Há pessoas que não vão gostar.

Apoiou as mãos nos joelhos e levantou-se da cadeira. Não sou nenhum pigmeu, mas ele me ultrapassava em todas as direções.

— Você não é flor que se cheire, Toland. Tem ficha na polícia. . .

— Coisinhas à-toa — aleguei. — Algumas rixas. . .

— O decreto diz que foi retirada a acusação de arrombamento, mas no caso Gurnik, Haines o identificou.

— Porque você estava torcendo o braço dele!

A expressão severa do rosto de Glick não se alterou.

— Agarrei Marsh Wheeler um dia destes — continuou ele. — Vocês eram amigos, não é verdade?

Ele não tirava os olhos de cima de mim. O medo começou a roer-me, afiado como um dente de rato.

— O velho Marsh desta vez não escapou. Caso encerrado. Ele entregou os pontos — acrescentou Glick, continuando a olhar para mim. — Não havia me ocorrido antes, mas talvez eu deva apertá-lo e perguntar -lhe quem era seu parceiro, antes que você fosse preso?

Ficou esperando, mas eu não disse uma palavra. Não tinha mesmo o que dizer. Glick parecia satisfeito com a impressão que deixara em mim.

— Você é mecânico, ou pelo menos era. Trabalhe nessa profissão. Fique fora de minha vista. E esqueça essa história de entrar com uma ação.

Virou-se e caminhou para a porta.

Wibberly reapareceu imediatamente.

— É tudo, Toland — disse secamente. — Até amanhã.

Saí daquele gabinete bufando de raiva. Eles estavam pensando que

iriam me assustar? Pois que esperassem, para ver o que iria acontecer.

O guarda que estava me esperando na porta levou-me para o ginásio, onde geralmente fico depois do trabalho. Benny "Fuinha" e Dunn "Gatilho" estavam sentados perto dos halteres, conversando. Eles eram os meus amigos mais íntimos — os tais cuja escolha Wibberly desaprovava — mas eu não sabia como contar-lhes as novidades. Tirei a camisa e comecei com pesos de 10 quilos, passei para 20 e prossegui até suar. Levantei o halteres sobre minha cabeça uma porção de vezes, depois até a cintura e fiz uma série de flexões. É bom para fortalecer os braços. Minhas camisas passaram do tamanho médio para o grande, por efeito desses exercícios, e faltava mais um pouco de músculos para o tamanho extragrande.

Afinal, resolvi entrar na conversa deles, em voz baixa.

— Vou sair amanhã, companheiros — anunciei.

— É uma má notícia, Igor — disse Benny.

Ele chamava de Igor qualquer pessoa que levantasse pesos. Achava isso engraçado.

— E é mesmo — concordou Gatilho. — O que fez você para ser transferido? E para onde vão levá-lo?

— LIVRE — expliquei. — Fora das grades. Um perdão.

O sorriso de ambos foi simultâneo e sincero. Não é nada difícil -— na verdade é extremamente fácil — ficar com raiva do sujeito que é libertado antes de nós, mas aqueles dois eram meus amigos. Benny podia ser classificado como mecânico dos bons, capaz de abrir qualquer cofre, e Gatilho fora pistoleiro, mas ninguém, exceto alguns poucos amigos íntimos, tinha coragem de falar com ele chamando-o pelo apelido. Benny costumava fazer exercícios de levantamento de pesos, mas o outro não queria saber disso. "Você precisa ser musculoso para puxar um gatilho?", perguntava ele com uma risada.

— E agora? — disse Benny em tom muito calmo. — Isso altera seus planos?

— Vai acelerá-los consideravelmente — repliquei.

— Espero — comentou Gatilho com um sorriso — que você não esqueça tudo o que Benny lhe ensinou.

A conversa morreu aí. Não me ocorria nada para dizer. Sabia o que eles estavam pensando: Eis um sujeito completamente livre. Amanhã a esta hora estará fazendo tudo o que gostaríamos de fazer fora daqui. Qualquer coisa que eu dissesse só serviria para atrapalhar.

— Você está certo de que não esqueceu de nada? — perguntou

Benny finalmente.

Repeti os nomes, endereços e números de telefones. Os dois sacudiram a cabeça, concordando. Benny ainda fez algumas perguntas. Respondi uma por uma. Ele sorriu satisfeito. A campainha tocou, anunciando o fim do período de recreio e apertei a mão dos dois ao mesmo tempo. Disseram apenas uma palavra — Felicidades — e fomos para nossas celas.

Nessa noite escrevi uma longa carta para Julie. Contei-lhe a respeito do perdão. Não lhe disse que iria sair no dia seguinte, mas apenas que a amava e ao bebê também. Bebê? Lucy já estava agora com quatro anos. Acrescentei que as veria na outra semana. A primeira parte era sinceramente verdadeira e minha esperança era de que a segunda também fosse.

Fui libertado a uma hora da tarde seguinte. O almoxarifado da prisão me forneceu calças e um casaco esporte que se ajustaram razoavelmente bem em meu corpo. O diretor me entregou o decreto de perdão, uma cópia de meus documentos e uma passagem de ida do ônibus para a cidade, minha carteira e 86,14 dólares, saldo do que eu ganhara na prisão. Passei pelos portões de aço, caminhei até o terminal do ônibus e apanhei o da uma e meia, instalando-me para uma viagem de 10 horas.

No caminho, durante uma parada, comprei uma pasta barata, aparelho de barba, escova de dente, uma camisa e um par de cuecas. Eu deixara todas as minhas coisas para trás, como quem começa vida nova. A pasta era a minha única bagagem quando cheguei à cidade. Tomei um táxi para o Carlyle Hotel, onde ninguém estranhou a escassez da bagagem e o fato de eu estar sem chapéu, com o cabelo cortado rente. Assinei meu verdadeiro nome no livro da portaria. Quando eles viessem procurar por mim, queria facilitar-lhes a tarefa.

Apesar de já ser tarde, tomei um banho e fiz a barba. Depois, procurei uma churrascaria e saboreei cada pedaço de um belo bife de seis dólares e meio, seguido de uma torta de cereja e três xícaras de café, café mesmo. Então me dirigi a um telefone público e fiz duas chamadas. As duas pessoas que atenderam confirmaram que já haviam sido avisadas e que me esperavam no dia seguinte. Voltei para o hotel e, depois de meia hora de insônia, por estranhar a cama, finalmente adormeci.

A primeira visita na manhã seguinte foi a uma barbearia na mesma zona do hotel.

— Telefonei ontem à noite — disse ao barbeiro calvo que se encontrava sozinho no salão.

— Você é o amigo de Gatilho, que acaba de ser solto?

— Exatamente. Gostaria de que me emprestasse uma Colt 45 automática e um coldre.

— Emprestar? Não é isso que faz o mundo girar, mocinho.

— Gatilho me disse que você lhe devia um favor.

O barbeiro foi até à porta da frente e fechou-a. A seguir, levou-me para outra porta e, descendo dois degraus, até um pequeno corredor que ligava ao que parecia ser um apartamento de fundos.

— Espere aqui — disse no corredor, desaparecendo e regressando em cinco minutos com a automática, o coldre e uma dúzia de balas. Enrolei-as no meu lenço, para não sujar as calças de graxa e guardei-as no bolso. Encaixei o coldre na minha cinta e coloquei nele a pistola. Pesava um pouco, mas transmitia segurança.

De volta à barbearia, apontei para uma larga fenda que havia na porta, para receber a correspondência.

— Devolverei tudo isto hoje à noite — disse eu. — Em um embrulho.

O careca abriu a porta e saí.

A segunda visita exigiu uma corrida de táxi através da cidade. Era um bar. Apresentei-me ao sujeito atrás do balcão como sendo um amigo de Benny Fuinha e ele me indicou um amigo de Benny, que estava esperando por mim.

— Quero que me empreste o colete e a caixa de ferramentas de Benny. Devolverei tudo esta noite e você pode guardá-los para ele outra vez.

— Estarei na lanchonete ali do outro lado da rua dentro de meia hora — disse ele.

Chegou 10 minutos atrasado. Eu já estava na minha segunda xícara de café quando ele apareceu e colocou a um canto, do meu lado, um volumoso pacote embrulhado em papel pardo. Levantei-o para avaliar o peso. Calculei uns 10 quilos.

— Entregarei de volta lá pela meia-noite — prometi.

— Para mim, está muito bem — replicou o homem e foi embora.

Em um bricabraque nas vizinhanças comprei uma maleta de segunda mão; em uma loja de ferragens, uma pequena lata de removedor de tinta, um rolo de barbante e uma grande folha de papel de embrulho. Coloquei tudo na maleta e fui comprar dois dólares de selo. Depois, tomei um táxi e voltei para o hotel.

Na portaria pedi um envelope ao gerente. Chegando ao meu quarto, escrevi no envelope um endereço fictício em uma cidade vizinha e no

canto esquerdo alto o nome de Julie como remetente, a rua e o número de seu apartamento. Quando o carteiro não encontrasse o endereço que realmente não existia, o pacote seria devolvido para o de Julie.

Abri o pacote que o amigo de Benny me entregara e examinei o colete de lona. Era do tipo ajustável e tive de afrouxar as correias para enfiá-lo sob meu casaco esporte. O colete tinha 22 bolsos pequenos e grandes e examinei o conteúdo de cada um. Parecia não faltar nada. Por causa de uma pequena broca a motor em um dos bolsos do lado direito, tive de retirar o coldre e passá-lo para a esquerda, assim evitando um volume excessivo naquele lado. Distribuindo o peso das ferramentas pelos bolsos em torno de meu tórax, mal se notava que eu carregava tanta coisa.

Consultei o relógio. Duas horas da tarde. Tirei o colete e estiqueime na cama para uma sesta. Às seis levantei-me, vesti de novo o colete, ajustei o coldre e abotoei o casaco em cima de tudo aquilo. Estava pronto para começar. Não deveria comer antes de concluído o trabalho.

Fiz a pé o percurso de quatro quilômetros até a Gurnik. Tinha tempo de sobra e nenhuma vontade de testar a memória dos motoristas de táxi em um interrogatório na polícia. A panificadora industrial ocupava quase todo um quarteirão e me aproximei pela parte de trás, passando por uma caixa de correio existente na esquina. A guarita do vigia estava situada no lado de dentro do muro, junto ao portão de entrada. Atravessei a rua e pude ver a cabeça branca de Spider Haines, que estava sentado em sua mesa na guarita — o mesmo Spider Haines cujo testemunho tinha-me posto na cadeia.

Quando ele deixou a guarita para fazer sua ronda das oito horas, saltei o muro. A informação de Benny era que Haines percorria toda a fábrica a cada duas horas. Na porta dos fundos do edifício principal esvaziei a maleta; botei no bolso o removedor de tinta, o barbante, o envelope já endereçado e os selos; dobrei o papel de embrulho e o coloquei sob o braço. Quando Haines regressou, tendo marcado os relógios de ronda, fui ao seu encontro. Ele olhou primeiro para a pistola em minha mão, depois para minha cara e caiu logo de joelhos.

— Não faça isso, Toland! — implorou. — Glick me obrigou a testemunhar.

Ele não tinha com que se assustar, mas não sabia disso. Eu precisava dele bem vivo. Cutuquei-o com o cano da pistola e empurrei-o pelo corredor até o local onde deveria ser o gabinete do caixa, de acordo com as informações de Benny. Era lá mesmo e a um canto estava o cofre, desses grandes, de porta dupla.

Amarrei Haines numa cadeira. Seus olhos não se desgrudavam de mim e ele tremia todo, como se sofresse de malária. Empurrei a cadeira para um canto, de onde não se via o cofre, e deixei-o lá. Não estava em condições de fazer qualquer barulho e tinha de conformar-se. Ademais, depois de encerrado o expediente do dia, em toda aquela zona fabril nem mesmo uma grande explosão seria ouvida.

Ao encaminhar-me para o cofre, tirei do bolso a lata do removedor, abri-a e espalhei uma faixa de uns 10 centímetros em torno do mostrador que comandava o segredo, na metade superior da porta. Esperei um pouco, até que a tinta amolecesse, e então a raspei com uma espátula que havia no colete. O metal da porta estava agora à mostra. Trabalhando rapidamente, tirei do colete uma barra de chumbo pesando cerca de meio quilo e atarraxei nela um cabo de metal. Usando o conjunto como um malho, bati várias vezes na superfície da porta com toda a força. Começaram a aparecer então as cabeças dos rebites, até então invisíveis, que haviam sido embutidos na porta.

O êxito no arrombamento de um cofre exige conhecimentos especializados, habilidade no manejo das ferramentas e vigor físico. Picotei o aço em torno de cada rebite, depois perfurei a cabeça do mostrador. Apanhei no colete um pé-de-cabra formado por quatro braços de aço de seis polegadas, aparafusados para formar o conjunto. Um desses braços tinha sido utilizado como cabo do malho e havia diversos tipos de pontas, que podiam ser cambiáveis. Utilizei primeiro uma mais chata, para afrouxar a placa superior, depois troquei-a por outra ponta em forma de gancho, para encurvar a placa para baixo, deixando exposto o revestimento de concreto. Trocando a ponta ainda uma vez, escolhi uma bem aguçada, para quebrar o concreto em torno dos pinos.

Fazia muito calor e era um trabalho sujo. Uma fina camada de concreto começou a depositar-se por toda parte. Quando todos os pinos ficaram expostos, tudo o que restava a fazer era retirar o que sustentava o braço principal. Os demais pinos retraíram-se facilmente e as portas se abriram. Não havia um segundo cofre com outra porta de aço atrás da primeira. O dinheiro estava nas prateleiras, bem à vista.

Tirei tudo o que havia e empilhei no chão. Olhar as etiquetas marcando o valor das notas de cada pacote já era em si uma enorme satisfação. Encontrei um pedaço de papelão para servir de apoio e fiz um embrulho caprichado, utilizando o papel pardo que trouxera comigo. Passei várias voltas de barbante, com um nó em cada uma, e colei o envelope por cima, com dois dólares de selos. O embrulho estava pronto para ser

colocado na caixa do correio. Decorrido o tempo necessário ao carteiro para informar que não havia o endereço constante do envelope, o pacote chegaria às mãos de Julie com o carimbo do correio: RESTITUIR AO REMETENTE.

Despi o colete, enrolei-o e fiz outro embrulho com a pistola e o coldre. Examinei cuidadosamente o local, passando um pano úmido pelos pontos em que eu havia tocado, a fim de apagar possíveis impressões digitais. Não esqueci nenhuma das ferramentas de Benny. Com o mesmo pano limpei meus sapatos. Depois de sacudir a poeira de minhas calças, apanhei meus embrulhos e saí como havia entrado, parando na porta de trás para apanhar a maleta e levá-la também.

Na esquina do quarteirão depositei na caixa do correio o pacote que continha o dinheiro. Atirei a maleta no vão de uma porta, depois de ter apagado quaisquer impressões digitais, e afastei-me rapidamente da Gurnik. Quando Haines deixasse de fazer a ronda das 10, alguém iria investigar. Minhas pernas estavam pedindo transporte, mas ainda caminhei mais de um quilômetro, antes de chamar um táxi, A primeira parada foi na barbearia, onde enfiei o embrulho da pistola e do coldre pela fresta de entrada da correspondência. Na lanchonete, entreguei os objetos de Benny ao cozinheiro. Voltei ao Carlyle, tomei um longo banho e estiqueime na cama para esperar.

Eu tinha certeza de que não iria demorar muito e realmente não demorou. Quando as batidas soaram na porta, adivinhei que era Glick. Abri e fui dizendo logo:

— Faça o favor de entrar. Qual é a acusação agora, capitão? Cuspir na calçada?

Ele não se dignou responder. Rodamos para o centro no carro-patrulha, eu sentado no banco de irás, com um detetive de cada lado, e Glick, furioso, na frente, ao lado do motorista. Um assistente do promotor estava esperando quando eles me fizeram entrar na delegacia.

— O cofre da Gurnik foi arrombado esta noite e o vigia disse que foi você — começou dizendo o promotor. — Foi uma coisa de maluco, mesmo se pensa que aquele perdão vale para tudo. Bem, se você devolver o dinheiro e fizer uma confissão completa, estou certo de que o juiz levará isso em consideração, quando apreciar o caso.

Ri na cara dele.

— Dr. Fulano de Tal, não tenho idéia do que aconteceu na Gurnik, se é que aconteceu mesmo, mas vou-lhe dizer o seguinte: o testemunho de Spider Haines jamais condenará alguém, quanto mais eu. Não basta

ter-me identificado falsamente uma vez? Qual é o júri que vai acreditar nele novamente?

Não era realmente muito fácil, é claro. Houve discussões, cochichos, telefonemas, consultas em voz baixa. Andei de uma sala para outra, tiraram minhas impressões digitais e várias fotografias. Às duas da madrugada deram tudo por terminado e me puseram na rua. A cara de Glick era como uma nuvem negra anunciando a tempestade. Tudo o que eu precisava agora era livrar-me daquela tensão que pesava em meu estômago, como uma bola de ferro. Entrei num bar para tomar uns drinques que me tranquilizassem.

Tomei três. Senti-me bem melhor. Pedi um sanduíche de rosbife. Tinha esquecido que não comera e estava faminto. Comecei a sentir que a tensão afrouxava, sendo substituída por uma gostosa sensação de liberdade. Contei o dinheiro que tinha comigo. Não me sobraria muito, depois de pagar o hotel, mas Julie não se importaria em esperar. Ainda levaria tempo para eu me acostumar à vida doméstica. Seria uma beleza. Tinha certeza de que não me importaria em esperar que o correio restituísse o pacote ao remetente.

Voltei de táxi para o Carlyle e dirigi-me ao elevador. Deixaria o hotel pela manhã, mas primeiro precisava de uma boa noite de sono. Na porta do quarto, tive um pequeno problema com a chave e cheguei a pensar que Glick, para se vingar, tivesse mandado trocar a fechadura, para me deixar do lado de fora. Mas consegui abrir a porta e entrei. Não pude acreditar nos meus olhos, quando vi Glick sentado à minha espera. Com ele estavam um sargento enorme, um patrulheiro maior ainda e um sujeito parecendo o gerente, com uma chave-mestra na mão.

— Pensando melhor — disse Glick, colocando-se entre mim e a porta — resolvi fazer-lhe uma visita. O Sargento Bonar vai colher uma amostra da sujeira que está embaixo de suas unhas, para ver se confere com a da poeira de cimento da Gurnik. Assim, queira estender suas mãos.

O longo banho quente que eu tomara deveria ter resolvido isso, pensei, esperançoso.

— E ele vai passar o aspirador nas dobras de suas calças — acrescentou Glick.

Tudo em que pensara era na fina camada de pó que ficou no ar, em frente ao cofre da Gurnik.

Devem ter sido os três drinques que me fizeram correr para a porta, tentando ultrapassar Glick. Quando dei conta de mim, estava no chão, olhando para ele.

— Passe o aspirador pela roupa dele, sargento — disse ele e logo ouvi o *bzz-bzz-bzz* de um pequeno motor elétrico. — Está ótimo. Mooney, quer cuidar deste nosso amigo aqui, enquanto mando examinar o material colhido?

Depois que eles saíram, Mooney e eu ficamos sentados ali no quarto, como duas corujas pousadas num galho de árvore.

Passado um bocado de tempo, o telefone tocou e eu fui fazer outra viagem até o centro da cidade.

Eles ainda não conseguiram descobrir o destino do dinheiro.

Não lhes disse nada nem vou dizer. Juro que não.

A companhia de seguros está fazendo o maior barulho do mundo. O gabinete do promotor se mostra embaraçado ante a repercussão nos jornais, fazendo alusão ao primeiro assalto ao cofre da Gurnik e bem que as autoridades gostariam de que tudo fosse esquecido. Vivem me dizendo que, se eu devolver o dinheiro, eles facilitarão as coisas, tão logo as manchetes cessem.

Entretanto, há Julie e o bebê. Hoje sou realmente um derrotado. Quando sair, servirei apenas para repetir o passado ou ser um monte de cinzas. De qualquer maneira, sem muita utilidade para eles.

Assim, entrego a solução para Julie.

Quando o pacote chegar, ela saberá de onde ele veio. Se quiser entregá-lo à polícia e reduzir minha pena, estará bem. Se não quiser, também não irei achar ruim. Ela não me deve nada, exceto um pequeno juramento, mas acho que manchei, já há muitos anos, o anel que selou esse compromisso.

Se eu não tiver qualquer notícia até o fim da próxima semana, saberei com certeza qual foi a decisão.

## DESEJO DE VINGANÇA

James McKimmey, Jr.

Erwin — seu pai nunca o teria chamado assim, fora escolha de sua falecida mãe — caminhava lentamente através do campo além da velha pedreira, apanhando os gravetos que haviam sobrado da lenha rachada e que ainda não fora empilhada no depósito perto da casa.

O verão ia em meio, mas o ar estava fresco naquela manhã da Califórnia e Erwin quisera que seu pai tivesse pedido emprestado a camioneta da sede da fazenda e transportado a lenha, a fim de que ele não fosse obrigado a carregá-la nas costas por um quilômetro e meio, como estava fazendo. Mas seu pai não quis e ainda havia mandado que o fogo estivesse aceso, quando ele se levantasse naquela manhã de domingo.

Por isso, Erwin — um garoto alto e magro, vestindo jeans e um casaco de lã marrom — dirigia-se para o pequeno e velho depósito, os óculos de aros de metal na ponta do nariz, embaçados pela transpiração.

Ele caminhava lenta mas determinadamente, evitando os galhos baixos das árvores e também as moitas onde talvez houvesse cobras escondidas. Erwin deveria fazer 12 anos em agosto, mas conhecia bem a fazenda onde seu pai trabalhava como peão.

Era também o dono de Bolo. Pensando em seu cãozinho, a garganta de Erwin se contraiu e as lentes de seus óculos ficaram ainda mais embaçadas com a umidade dos olhos. Ele tivera Bolo durante mais de quatro anos e estavam sempre juntos, dia e noite.

Erwin passava agora pelo telheiro da bomba de água e prestou atenção ao ritmo do funcionamento. Ele havia consertado a correia na véspera e queria certificar-se de que fizera um bom trabalho. Na verdade, era preciso comprar uma correia nova, mas seu pai não queria, tendo encarregado Erwin de providenciar para que a velha continuasse funcionando. Quando acontecia uma falha, Erwin levava um tapa na cara e ouvia uma descompostura.

O garoto carregou a lenha para dentro e a colocou junto ao fogão da cozinha. A casa era muito velha. Vinha servindo de moradia, durante uns 50 anos, para sucessivas famílias de peões, e de suas famílias. Quando a mãe de Erwin estava viva, a casa se mantinha sempre muito limpa, com um cheiro gostoso de pão fresco feito por ela. Agora, porém, era tudo diferente, inclusive o cheiro, que passara a ser de vinho barato, embora Erwin tivesse jogado fora a garrafa vazia.

Erwin colocou jornais velhos no fogão, depois alguns gravetos e, por cima, pedaços maiores de lenha. Acabara de começar a queimar o papel quando seu pai apareceu, vindo do quarto de dormir; seus olhos estavam vermelhos, a barba por fazer e ainda usava a roupa com que terminara o serviço no fim da tarde anterior. O cheiro do vinho tornou-se mais forte.

— Isso são horas? — disse-lhe o pai, caminhando com passos incertos e pesados na direção da pia. — Você tem que se levantar no devido tempo, para cumprir com suas obrigações.

Encheu na torneira um copo d'água e bebeu avidamente: logo a seguir, bebeu outro. O pai de Erwin era alto, espadaúdo, moreno e queimado de sol.

— Eu levantei cedo — disse o garoto.

Seu pai bebeu mais outro copo d'água.

— Levantei tão logo clareou o dia — continuou dizendo Erwin — a fim de ter tempo para enterrar Bolo.

Seu pai finalmente se afastou da pia e olhou para ele com desprezo, ainda mais irritado por causa da dor de cabeça e da sede insaciável.

— Você se preocupa mais com um cachorro do que com suas obrigações aqui na casa.

Erwin baixou os olhos, fixando-os nas mãos. — Por que o senhor teve de fazer aquilo e matar o animalzinho?

O pai franziu as sobrancelhas de pêlos eriçados.

— Por que quis matar um cachorro inútil? Por que não teria esse direito?

Parou de falar, os olhos um pouco parados, dando a Erwin a impressão de que estava procurando lembrar-se por que razão dera tantos pontapés no cãozinho, até que. . .

— No posso compreender por que o senhor fez aquilo — insistiu Erwin. — Não posso mesmo.

O pai olhou para ele por uns instantes, depois encheu o copo e jogou a água no rosto do garoto, sem ter respondido à pergunta. Erwin conhecia bem quando o pai ficava embaraçado. Se era um assunto de que ele não gostava, limitava-se a ficar mudo. Fora assim que procedera depois que sua mulher. . .

Erwin comprimiu os lábios finos, como se desse modo pudesse espantar as vagas recordações que teimavam em voltar. Sua mãe morrera três anos antes e a cena daquela noite não se apagara: a voz irada do pai cada vez mais alta, enquanto Erwin se encolhia em seu catre na varanda, agarrado a Bolo. O garoto e o cãozinho haviam andado muito durante o dia e estavam cansados. A voz irada se tornou cada vez mais alta, acompanhada do ruído característico de arrastar dos pés, mas Erwin já tinha visto mais de uma vez seu pai cambaleando, completamente bêbado. Apesar de tudo, conseguiu dormir.

Então, quando o dia clareou, ele viu o pai entrando em casa de volta, o rosto de uma palidez acinzentada, os olhos injetados de sangue. Seu pai havia telefonado sem contar ao filho o que havia acontecido; mais tarde Erwin se lembrou de quanto sua mãe ficara feliz ao ganhar o telefone que tanto desejara e pedira ao marido, e como fora aquele mesmo telefone que o pai tinha usado para comunicar que sua mãe estava estendida no chão, junto à pedreira, morta.

Erwin tentou falar com o pai mais tarde, perguntar-lhe por que sua mãe estava em pé àquela hora da madrugada, caminhando perto da pedreira, onde fora atingida por uma pedra que rolara, esmagando-a e quase a soterrando. Por que, se ela não costumava ir para aqueles lados? Mas seu pai mandou que ele calasse a boca e que não tocasse mais nesse assunto.

Os homens fardados haviam feito ao pai de Erwin as mesmas perguntas, querendo saber o que ela estava fazendo na pedreira, mas a resposta fora sempre a mesma: Não sei. . . não posso compreender. . . Ela era uma boa mulher. . . Erwin se admirou do pai mentir dessa maneira, pois várias vezes presenciara o pai, com o hálito recendendo a vinho, gritar com a mulher, furioso.

Erwin tratou de afastar essas lembranças e de estufar um pouco

seu peito raquítico.

O pai caminhou pela cozinha, com mais um copo d'água na mão.

— É melhor dar uma olhada naquela bomba. Não quero que essa porcaria rebente outra vez. E não ande metendo o nariz no automóvel, entendeu?

A interrupção do funcionamento da bomba, deixando a casa sem água, tornara-se uma obsessão para seu pai. Era um assunto que provocava reações furiosas e incontroláveis. Erwin procurou avivar o fogo e se deixou ficar, com os olhos meio fechados, recordando como era a vida antes.

Havia na estante o lugar vazio onde estivera o telefone e mais uma vez Erwin recordou o quanto sua mãe ficara feliz quando o aparelho fora instalado. Seis quilômetros distante de qualquer vizinho, sinto-me agora mais segura...

Mas isso também terminara. Seu pai não queria gastar dinheiro à toa.

— Ande logo — gritou-lhe o pai, bebendo mais água.

Erwin apanhou um velho alicate na gaveta do armário, enganchou -o na cintura e saiu.

Não se encaminhou diretamente para o telheiro da bomba, porque ainda se sentia muito magoado naquela manhã. Preferiu atravessar o pátio sujo, onde estava um empoeirado sedã 1950, e passar a mão sobre o capô. Erwin gostava muito de mexer no carro e, quando o pai não estava por perto, ele levantava o capô e examinava o motor, afrouxando e apertando parafusos, removendo as velas e limpando-as antes de colocá-las novamente. Gostaria de fazer uns trabalhos mecânicos, mas não tinha utensílios nem peças, exceto o alicate.

Ele passou pelo depósito de ferramentas — não se tratava realmente de um depósito, mas era chamado assim, apesar de haver nele apenas um ancinho, uma pá e um velho serrote — e se deteve uns 30 metros depois, ajoelhando-se junto a um monte de terra há pouco revolvida. Ele havia colocado uma grande pedra em uma das extremidades do monte e agora afagava carinhosamente a pedra, sentindo outra vez os óculos embaçados pela umidade dos olhos.

Bolo não era um cão de raça, mas bem que parecia, embora fosse grande demais e tivesse o nariz muito comprido.

Era capaz de correr a uma velocidade incrível e tinha um faro melhor que o de qualquer cão de caça. Erwin não possuía sequer uma pequena espingarda, mas seria capaz de caçar algumas centenas de coelhos,

se dispusesse de uma, porque perdera a conta das vezes em que Bolo descobrira caça para ele. O Sr. Kindler, dono da fazenda vizinha, dissera que Bolo tinha um faro como ele não conhecia outro. Por quatro vezes levara Bolo para caçar e sempre apanhara um coelho.

Os óculos de Erwin estavam agora embaçados de todo e as lágrimas lhe correram pelas faces. Ficou rememorando a maneira como Bolo corria, apoiando-se naquelas musculosas pernas traseiras e saltando, tão rápido como o vento. Agora, Erwin precisava esquecer os uivos de Bolo, quando o primeiro pontapé o atingira.

Erwin permaneceu assim, sem nada ver, por muito tempo, até que admitiu que estava mesmo chorando e tirou do bolso um lenço sujo para enxugar os olhos e limpar os óculos.

Depois, passou de volta pelo depósito de ferramentas e se dirigiu para o telheiro da bomba. Não ouviu qualquer ruído e ficou com esperança de que a bomba parara porque havia água demais no encanamento e não porque a correia tivesse rebentado novamente. Ele receava não poder consertar a correia mais uma vez, de tão gasta que ela estava.

Aproximou-se mais do telheiro que protegia a bomba e examinou o local. Havia muita lama, por causa da água que vazara, e um forte cheiro de mofo. A correia estava inteira. A causa da paralisação era realmente o acúmulo de água no encanamento.

Foi então que Erwin viu alguma coisa mais, enroscada a um canto. Seus olhos se arregalaram e ele recuou um passo, devagar e cautelosamente. Ficou olhando ainda por um momento, depois correu em direção à casa.

De repente, parou, o rosto afogueado, com um novo brilho nos olhos. Assim permaneceu por algum tempo, pensando. Sua mãe sempre dizia que ele era inteligente e, apesar de seu pai desprezar o aspecto raquítico do filho, ela sempre sustentava que ninguém era mais inteligente do que Erwin.

O garoto retornou e encaminhou-se rapidamente para o automóvel. Olhou na direção da casa, levantou o capo e usou o alicate. Trabalhou rapidamente, tornou a baixar o capo e dirigiu-se para o depósito de ferramentas, onde apanhou o ancinho.

Com a ferramenta no ombro, voltou ao telheiro, olhando mais uma vez na direção da casa. Depois, certificou-se de que a bomba estava funcionando novamente. Com todo o cuidado, Erwin inverteu a posição do ancinho e lentamente encostou a ponta do cabo na chave elétrica pregada na parede. A seguir, empurrou o ancinho e desligou a chave, parando

a bomba.

Erwin recuou um passo, recolheu a ferramenta e levou-a de volta para o depósito. Chegando lá, escondeu-se atrás da porta e ficou esperando, torcendo para que tudo desse certo.

Os minutos se escoaram lentamente, até que seu pai, trôpego e irritado, surgiu na porta da casa.

— Essa bomba parou outra vez! — gritou ele. — Vá consertá-la imediatamente, está me ouvindo?

Erwin não se moveu, nem deu qualquer resposta.

Seu pai continuava lá, os olhos fuzilando, procurando o filho; depois, encaminhou-se para a bomba, resmungando irritadamente. Olhou mais uma vez em torno, deu um pontapé na escora do telheiro e avançou mais um passo. Erwin aguardava, tenso. O sangue parecia querer rebentar suas orelhas e seus olhos.

Um segundo depois, ouviu um grito e seu pai cair no chão, os olhos arregalados de espanto. Permaneceu assim por um instante, uma das mãos apertando a coxa direita, depois tentou levantar-se, caiu outra vez e afinal conseguiu arrastar-se em direção à casa, gemendo e praguejando.

Ao chegar a alguns passos da porta, deteve-se, abriu os braços e chamou aos berros:

— Erwin! Erwin!

O garoto jamais ouvira o pai chamá-lo pelo nome; era sempre rapazinho ou uma palavra pejorativa ou ainda apenas um assobio. Agora, porém, era um apelo, mas Erwin não respondeu nem fez qualquer movimento. Continuou esperando.

Afinal, o pai saiu de repente correndo do carro, sentou-se e pisou no arranque.

O motor girou uma porção de vezes mas o carro não pegou. Desesperado, o pai de Erwin recomeçou a gritar, o rosto lívido de pânico e dor. O garoto estava admirado ante a maneira como seu pai reagia. Estava tão apavorado que nem sequer tentou isolar a mordida improvisando um garrote e chupar o veneno. Tudo o que ele fazia era insistir no motor de arranque, esgotando a bateria, e gritar pelo filho.

Erwin não saberia dizer exatamente quanto tempo ficou esperando no depósito, mas estava certo de que fora uma eternidade. O motor de arranque já não gemia mais quando ele afinal deixou seu esconderijo. E seu pai também cessara de gritar.

Estava tudo muito silencioso quando Erwin se aproximou do carro, olhou para o vulto imóvel do pai e levantou o capo mais uma vez. Erwin

estava muito surpreso com tamanho silêncio.

Mas ele tinha-se acostumado com a solidão. E foi ainda em silêncio que recolocou as velas, fixando-as bem com o alicate, e iniciou a caminhada de seis quilômetros até à sede da fazenda, para contar o que acontecera com seu pai e aquela serpente. Achava-se sozinho outra vez, lembrando-se do tempo em que Bolo corria na frente dele, impulsionado pelas pernas curtas e fortes. As lentes dos óculos de Erwin se embaçaram de todo, mas mesmo assim ele se sentia agora melhor. Muito melhor.

## AS PÉROLAS DE LI PONG

W. E. Dan Ross

Mei Wong fechou cuidadosamente a porta que ligava seu gabinete ao salão da Bombay, Art & Curio Company e correu o ferrolho, para evitar qualquer visitante inoportuno. Seu corpanzil se destacou contra a larga janela que dava para a rua. Escutou por um momento a cantilena monótona de um encantador de serpentes, com sua flauta e sua cesta, instalado na praça lá embaixo; depois, com um gesto brusco, fechou as venezianas. Satisfeito, deixou cair seu enorme corpo na ampla poltrona atrás de uma escrivaninha de mogno, atulhada de papéis. Colocou um cigarro na longa piteira, acendeu-o, tirou várias baforadas e ficou observando o outrora famoso artista Gilbert Rendell que, maltrapilho e abatido, estava sentado à sua frente.

O artista remexeu-se inquietamente na cadeira e esfregou com a mão trêmula o queixo onde despontava a barba por fazer.

— Você não estava me esperando, acho eu — murmurou, olhando para o chão.

— Cansei de avisá-lo — disse o velho chinês em tom incolor — para não vir mais a este estabelecimento.

Rendell levantou seu rosto avermelhado e se inclinou para a frente.

— Vim aqui apenas porque estou desesperado. Preciso ir embora. Isso significa a minha vida. Empreste-me mil dólares para que eu possa voltar para casa.

Mei Wong sacudiu a cabeça.

— Isso não lhe serviria de nada, meu caro Sr. Rendell. Estou certo de que não se esqueceu das outras somas que lhe emprestei. . . sempre para pagar a passagem de volta para casa. Você destruiu um grande talento. Houve um tempo em que tive esperanças de poder salvá-lo, mas já as perdi completamente.

O jovem artista sorriu desdenhosamente.

— Compreendo. Agora que não há mais quadros para vender, você não está mais interessado. Certamente ganhou bastante com meu trabalho, nos velhos tempos. . .

— Mas sempre lhe paguei o que merecia — interrompeu Mei Wong sem se alterar. — E desde que você parou de pintar, continuei a emprestar-lhe grandes somas. Agora, porém, desisti.

Ante tal declaração, a arrogância de Rendeu desapareceu.

— Estou precisando de mil dólares.

— Mas não os receberá de mim, meu caro — replicou o velho chinês, sorrindo. — Tenho a impressão de que você perdeu seu último traço de orgulho e que fará qualquer papel, desde que lhe paguem.

— Quero parar de beber, voltar a ser alguém.

— Palavras vazias, Sr. Rendell, palavras vazias. Você não tem mais cura. A bebida significa tudo para você. Será capaz até de matar para arranjar dinheiro.

Houve um momento de silêncio, até que Rendell admitiu:

— Talvez seja mesmo capaz.

Mei Wong fixou nele seu olhar mortiço.

— Sim. . . talvez seja. Nesse caso, poderemos afinal chegar a um acordo, se tiver coragem de cumprir uma delicada missão para mim. E isso envolve o assassinato de um homem.

O velho chinês mordeu a piteira e ficou observando Rendell, que se afundara na poltrona. Finalmente, o jovem pintor perguntou com voz cansada:

— Qual será o preço?

— Três mil dólares.

— Um belo preço para um assassinato.

— Não estou brincando — disse Mei Wong friamente. — Estou fazendo uma proposta para você matar um homem.

Pela primeira vez Rendell olhou de frente para o chinês.

— E estou aceitando. Quem é ele?

— Você não conhece. É como se fosse eliminar um símbolo. Seu

nome é Han Lee. Mora nas montanhas, na parte continental de Hong Kong. Está de posse das Pérolas de Li Pong. Tentei adquiri-las, mas sua palavra final foi que não se desfaria delas enquanto vivesse. Assim, ele precisa morrer, Sr. Rendell — acrescentou Mei Wong, tirando da piteira o resto do cigarro. — Você contará com um auxiliar no cumprimento de sua missão. Tenho um velho amigo em Hong Kong, um inglês chamado John MacDonald. Ele mora perto de Han Lee e lhe entregará minhas instruções finais. É uma pessoa de toda a confiança e será muito útil para você.

Gilbert Rendell levantou-se, agora quase sóbrio.

— Quero ficar bem a par dos detalhes. Irei de navio até Hong Kong, subirei as montanhas e procurarei por esse tal MacDonald.

— John MacDonald. Ele lhe entregará minhas instruções dentro de uma caixa lacrada — disse Mei Wong, abrindo uma gaveta e tirando uma pequena chave que entregou a Rendell. — Esta chave abrirá a caixa.

— De acordo com suas instruções e com a ajuda de MacDonald, localizarei Han Lee e o matarei. Não parece que vá ser muito difícil.

Mei Wong sacudiu os ombros.

— Han Lee é esperto e forte, mas você foi outrora um homem de talento, Sr. Rendell.

— Levo mais vantagem. Han Lee não suspeitará de mim. Um tiro pelas costas parece que resolve.

O jovem deu uma risadinha forçada e se dirigiu para a janela.

— Há outros meios — disse Mei Wong, apanhando uma pequena bainha esmaltada que estava sobre a mesa; com uma leve pressão, libertou uma lâmina que transformou o conjunto em um punhal que o chinês atirou e que ficou vibrando, encravado na parede, poucos centímetros acima da cabeça de Rendeu. — Sugiro que você leve esta pequena arma e procure familiarizar-se com ela. O punhal tem a vantagem da surpresa e do silêncio, sendo muito mais apropriado para o cumprimento da missão do que a vulgaridade de uma arma de fogo.

— Um assassinato nunca deveria ser qualificado de vulgar — gracejou Rendell, apanhando aquela estranha arma. Apertou um botão, fazendo com que a lâmina retornasse para o interior da bainha, e colocou-a no bolso. — E quanto aos três mil dólares?

— Entregar-lhe-ei o dinheiro quando você me trouxer as Pérolas de Li Pong. E preciso tê-las comigo dentro de nove semanas.

— Nove semanas? É tempo bastante. Mas suponha que eu decida ficar com elas para mim?

— Seria muito arriscado, Sr. Rendell. Você não teria condições de

negociá-las — disse Mei Wong com um sorriso complacente. — É melhor para você colocar-se inteiramente nas minhas mãos.

Rendell rememorava esta cena quatro dias mais tarde, quando acordou de uma forte ressaca e sentou-se, com a cabeça dolorida, em sua cama suja e desarrumada. O quarto era pequeno e abafado. Além da cama, havia somente uma pia e um *elmirah*, o móvel oriental que faz as vezes de guarda-roupa. Ao procurar no bolso um cigarro, o pintor deparou com a bainha esmaltada e se lembrou do acordo que fizera. Estava ali a arma de um assassino.

Rendell libertou a lâmina e procurou ficar em pé, apoiando-se no encosto da cama. A pia estava no lado oposto do quarto, a pouco mais de dois metros de distância. O pintor levantou o punhal e fez a pontaria, mas a pia lhe pareceu mover-se e a parede ficou coberta por uma espécie de nevoeiro. Ele procurou controlar-se, mas não conseguiu. Sua mão tremia. Se atirasse o punhal, certamente não atingiria o alvo. Não estava em condições de fazer coisa alguma. Han Lee poderia facilmente matá-lo, antes que ele fosse capaz de qualquer reação.

Desconsolado por esse fracasso, Rendell colocou de novo o punhal no bolso. Depois, saiu do quarto e foi para a rua. O forte clarão do sol a princípio o cegou e os lábios estavam ressecados. Já era tempo de tomar os primeiros goles do dia. O bar da esquina devia estar repleto. Havia sempre alguns turistas americanos que se prontificavam a pagar-lhe um drinque.

Rendell, com passos trôpegos, caminhou pela rua estreita, dando encontrões nos transeuntes. Um velho mendigo de olhos inchados bloqueou sua passagem com a mão estendida: *Baksheesh*, senhor, *baksheesh*! mas ele o afastou sem hesitar. Ao chegar perto da entrada do bar, parou de repente. O relógio com o mostrador dourado, em cima da porta, chamou-lhe a atenção. O tempo estava correndo e lhe sobravam agora pouco mais de oito semanas. Lembrou-se do punhal e do tremor de sua mão. Não devia mais beber. Já era tempo de preparar-se para seu encontro com Han Lee.

De volta ao quarto, ele se manteve intranquilo até o cair da noite. Depois, veio a luta contra a terrível sede. A noite foi atormentada e insone. Temia a chegada da alvorada por saber que então sua vontade de beber seria insuportável. Entretanto, estava resolvido a sofrer, mantendo-se sóbrio, até que sua mão voltasse a ficar firme e seu raciocínio alerta. Deveria ficar em boa forma, pronto a matar sem correr o risco de falhar.

Sofreu assim por mais uma semana, a garganta ardendo e o corpo dolorido, mas continuou sóbrio. Durante todo esse tempo aumentou seu ódio contra Mei Wong, negociante de quadros, imaginando-o um intrigante satânico, um monstro horroroso que o havia explorado, ultrapassando os limites da decência. Quando chegou o dia do embarque no navio para Hong Kong, seu rosto refletia o que ele vinha sofrendo. Desde aquela manhã em que conseguira voltar da porta do bar, nada mais bebera do que café bem forte.

Adquirira vigor suficiente para ser admitido na tripulação do navio, a fim de pagar sua passagem. Empenhou-se no trabalho pesado, estranho para ele, com inusitado ardor. O esforço o deixava exausto e lhe dava o prazer quase esquecido de dormir tranquilo, adquirindo mais forças para enfrentar Han Lee.

Passava as horas de folga lendo em seu beliche. Não queria fazer amigos entre os tripulantes. Por diversas vezes aparecia uma garrafa e lhe ofereciam um trago. Apenas uma vez houve uma longa hesitação entre a oferta e a recusa.

Passado algum tempo, os dias se tornaram uma experiência estimulante e agradável, mas as noites por vezes se povoavam de pesadelos, à medida que, com a mão cada vez mais firme, aperfeiçoava sua habilidade em atirar o punhal, em ser um assassino. Continuou praticando até que seu controle se tornou perfeito.

Tentou imaginar como seria Han Lee. Sempre lhe vinha à mente a imagem de um oriental idoso, com longa barba branca. Talvez fosse um homem amável, de grande cultura. E cada dia que o aproximava mais de Hong Kong, também o deixava mais perto do crime. Com o retorno da saúde e com a mente mais clara, Rendell começou a ficar revoltado com a idéia. O quanto ele havia descido, chegando a vender-se para matar um homem!

Desembarcou em Hong Kong tomado de pavor. Sobravam-lhe apenas três semanas para completar sua missão e agora ele não queria matar aquele estranho. Deveria haver um meio de desfazer o acordo.

Não teve dificuldade em localizar o paradeiro de John MacDonald, o amigo de Mei Wong, e começou a subir as montanhas. Após um dia de viagem, chegou a uma luxuosa casa, onde John MacDonald o recebeu com a maior amabilidade.

— Ora, até que enfim vejo um novo rosto! — exclamou, apertando vigorosamente a mão de Rendell. — Mei Wong me escreveu avisando que o senhor viria. Vou-lhe mostrar seu quarto.

Enquanto percorriam a casa, Rendell teve oportunidade de observar bem seu hospedeiro. Era difícil imaginar que aquele homem tão gentil fosse um criminoso. Entretanto, o plano estava sendo executado. A caixa havia chegado.

Mais tarde, MacDonald levou-o até seu gabinete e entregou-lhe a caixa. Rendell a recebeu com certo constrangimento. Era de tamanho médio e não muito pesada.

— O senhor sabe o que há aqui dentro? — perguntou Rendell.

MacDonald sacudiu a cabeça grisalha.

— Não tenho a menor idéia. Chegou há uns dois dias.

Rendell colocou a caixa embaixo do braço.

— Mas o senhor já ouviu falar de Han Lee?

— Han Lee? É claro. Todos aqui já ouviram falar de Han Lee.

— E o senhor também sabe que Mei Wong me mandou ajustar umas contas com Han Lee e levar de volta as Pérolas de Li Pong?

O olhar de MacDonald era de completa surpresa.

— Han Lee é uma expressão que o povo da aldeia usa para se referir a um espírito maligno.

— Quer dizer que Han Lee é um mito?

— Uma superstição local que data de séculos. . . E quanto às Pérolas de Li Pong, venha vê-las da varanda.

Rendell seguiu seu hospedeiro até à parte traseira da casa. A frente deles se estendia uma impressionante vista formada por três pequenos lagos no sopé de imponentes montanhas — uma cena de tão perfeita harmonia e esplendor que entusiasmaria qualquer artista. Rendell sentiu renascer dentro dele a excitação que havia esquecido e quase inteiramente perdido.

MacDonald deu um risinho zombeteiro.

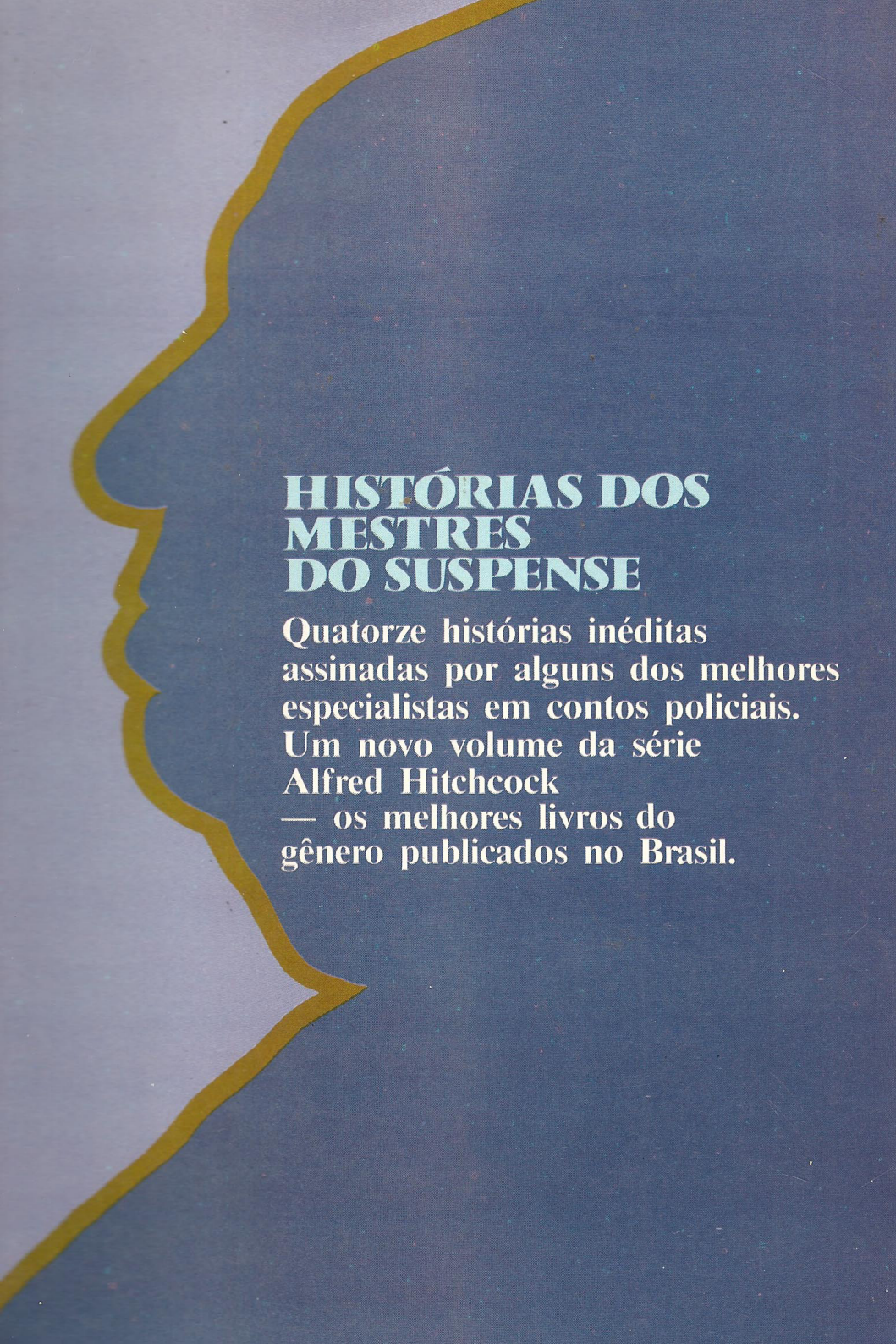
— São essas as famosas Pérolas de Li Pong. Você talvez pudesse ajustar contas com Han Lee, o espírito maligno, mas, para levar de volta as pérolas de Li Pong, há de convir que será um pouco difícil. Suspeito que Mei Wong inventou mais uma de suas inocentes brincadeiras. Ele fez você de bobo, meu caro. Os olhos de Rendell continuavam fixos na beleza do cenário.

— Muito pelo contrário — replicou, emocionado. — Ele está fazendo um homem de um bobo.

Lembrou-se da caixa que conservava sob o braço. Colocou-a sobre a mesinha de bambu, procurou a chave e a abriu. Dentro dela havia tubos de tinta, uma paleta, pincéis e uma tela. Rendell olhou para MacDonald,

os olhos brilhando de excitação.

— E o senhor está enganado a respeito das Pérolas de Li Pong. Vou levá-las de volta comigo.


HISTÓRIAS DOS
MESTRES
DO SUSPENSE
Quatorze histórias inéditas
assinadas por alguns dos melhores
especialistas em contos policiais.
Um novo volume da série
Alfred Hitchcock
— os melhores livros do
gênero publicados no Brasil.